

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

NUVEM DE MASCATES: RAÍZES QUE SE ROMPEM

CLAUDETE CAMARGO PEREIRA BASAGLIA

**CAMPINAS - SP
2002**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

NUVEM DE MASCATES: RAÍZES QUE SE ROMPEM

Claudete Camargo Pereira Basaglia

Prof^ª. Dr^ª. Ernesta Zamboni

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida por Claudete Camargo Pereira Basaglia e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura: _____

**—
(orientador)**

Comissão Julgadora:

FICHA CATALOGRÁFICA

2002

Para todas as pessoas que, na convivência com crianças, jovens, adultos ou velhos, procuram sempre respostas, onde quer que elas se encontrem, mesmo que para isso precisem enfrentar desafios de romper barreiras, questionar poderes, eliminar preconceitos, construir novos elos de união.

Agradeço àqueles
professores com os quais
convivi e convivo, neste
momento representados
pela professora Ernesta
Zamboni, minha
orientadora, e os quais,
muitas vezes, entre
apertadas paredes de uma
sala de aula semeiam
chuvas de idéias de onde
brota a inquietude que
alimentará utopias
coletivas.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	xi
RESUMO	XV
ABSTRACT	xv
INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO 1	
INTERFACE DA IMIGRAÇÃO NO BRASIL: SÍRIOS E LIBANESES	11
1.1 Mojiana: a força de uma realidade	21
1.2 Nuvem de mascates	25
1.3 O Arraial do Souza	42
CAPÍTULO 2	
RETALHOS DAS MEMÓRIAS	61
2.1 Relatos orais: fragmentos de um mosaico.....	68
2.2 Evocações: tramas e urdiduras da imigração	71
2.3 Aprender é preciso	87
2.4 Trabalho: alquimia dos sonhos migrantes	103
CAPÍTULO 3	
TECENDO MIL E UMA IDÉIAS: AS REPRESENTAÇÕES DO IMIGRANTE NA LITERATURA.....	116
3.1 Sem fronteiras entre o real e o imaginário.....	122
3.2 Arqueologia literária: fragmentos históricos da imigração.....	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	147
ANEXOS.....	158

LISTA DE FIGURAS

	Os desenraizados, extraído de HOBBSAWM, Eric J. A era dos impérios. 1875-1914. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.....	i, 02
	Conjunto de figuras da Síria e do Líbano extraídas de O MUNDO PITORESCO, R.J./S.P./Porto Alegre: W.M. Jackson Inc. (editores). 1944. Tomo II; Tomo IX; e de GEOGRAFIA UNIVERSAL. Descripción moderna Del mundo. 2.ed. Barcelona: Instituto Gallach de Librería y Ediciones, [s.d.] Tomo III.....	12
	Mapa do Estado de São Paulo mostrando as estradas de ferro; assinalado em vermelho um trecho da Estrada de Ferro Mogiana – a Linha do Rio Grande - 1935, segundo BATATAIS, [s.d.], não paginado ...	20
	Fotografia da Estação Ferroviária de Batatais, após a inauguração em 1886, segundo Jean de Frans, pertencente ao arquivo do Museu Dr. Washington Luis da Casa da Cultura de Batatais	23
	Foto da residência ao lado da loja e de uma das primeiras bombas de gasolina pertencentes ao Sr. Alexandre Caran, datando do início do século XX, pertencente ao acervo pessoa de Maria Amélia Caran.....	24
Parte da página 3 do documento do Registro de Imigração do Porto de Santos no mês de dezembro de 1907, do Arquivo Público de São Paulo, caixa 01/C09824.....		30
Documento de registro de estrangeiro feito na Delegacia de Polícia de Santo Antônio da Alegria, segundo arquivo da própria delegacia.....		51



Fotografia de Marina Mansur e Manir, seu primo, em primeiro plano, e, atrás, Marta (sua irmã) e Carlito Mansur (seu primo), pertencente ao acervo pessoal de Marina Mansur..... 62



Fotografia da família Nassib Iodo depois da chegada de Salem Georges Nesserallah ao Brasil, pertencente ao acervo pessoal da família Nassralla..... 75



Fotografia que registra os momentos que antecederam o embarque de Nassib Nassralla e família, nas proximidades do porto de Beirute – Líbano, em 1948. Sentada: Adélia Nassralla e seu filho Chebl. De pé, da esquerda para a direita: Fran e Yussef, irmãos de Adélia, e Nassib; pertencente ao acervo pessoal da família Nassralla..... 78



Fotografia do casamento do Sr. Alexandre Caran com a Sra. Amélia, avós de Maria Amélia Caran, pertencente ao acervo pessoal de Maria Amélia Caran..... 81



Fotografia das irmãs Josefina Acra (mãe do Titinho), à direita, e Rosa Riskalla (mãe da Maria, esposa e prima do Titinho), à esquerda, pertencente ao acervo pessoal de José Antônio Acra..... 82



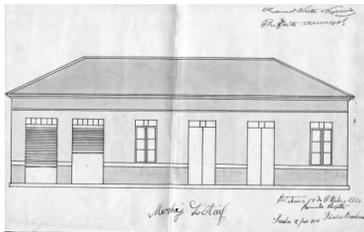
Fotografias das irmãs Selma, Sarah, Marta, Olga e Marina, cinco das seis filhas de Jorge João e Jamile, que se formaram na Escola Normal Livre Nossa Senhora Auxiliadora de Batatais, pertencentes ao acervo pessoal de Marina Mansur..... 98



Fotografia de um piquenique da colônia síria de Batatais, pertencente ao arquivo pessoal de Maria Amélia Caran..... 107



Fotografia da equipe do S.C. Syrio em jogo contra o Batatais F.C. em 1934, pertencente ao acervo do Museu Washington Luís, da Casa da Cultura de Batatais 108



Planta da fachada do projeto da casa de Merhej Lotaif mostrando as portas de comércio ao lado da casa, pertencente ao arquivo da Câmara Municipal de Batatais..... 113



Fotografia da pensão de uma esposa de imigrantes árabes, pertencente ao arquivo pessoal de Maria Amélia Caran..... 114



Fotografia da reforma da Casa Murad, pertencente ao arquivo do Museu Washington Luís, da Casa da Cultura de Batatais..... 117



Ilustração do “mascate Xixi Piriá que não pode parar”, extraída de PALMÉRIO, Mário, *Vila dos Confins*. 18.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, p. 9..... 130



Navio de Imigrantes, obra de Lazar Segall, pertencente ao acervo da Fundação Lazar Segall..... 140

BASAGLIA, Claudete Camargo Pereira. *Nuvem de mascates: raízes que se rompem*. Campinas, 2002. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

RESUMO

Este estudo tem como finalidade a elaboração de uma interpretação relativa à presença de imigrantes de origem síria e libanesa no município de Batatais, interior do Estado de São Paulo. A partir de relatos orais de imigrantes sírios e libaneses e seus descendentes, a pesquisa tenta adentrar num mundo de experiências vividas historicamente, fundamentadas nas realidades locais, nas quais a dinâmica social e o cotidiano das pessoas ocorrem de modos diferentes dos grandes centros urbanos. Ao focalizar um espaço menor, o estudo considera que nenhuma imigração assemelha-se à outra e procura distanciamento de generalizações, no sentido que estas podem conduzir ao risco de perda das peculiaridades da experiência imigratória de sírios e libaneses no Brasil.

Palavras-chave: imigração; memória; Batatais; sírios; libaneses.

ABSTRACT

This study has as purpose the elaboration of a relative interpretation to the immigrants' of Syrian and Lebanese origin presence in the municipal district of Batatais, interior of the State of São Paulo. Starting from Syrian and Lebanese immigrants' oral reports and its descendants the research tries to penetrate in a world of experiences lived historically, based in the local realities, in which the social dynamics and the daily of the peoples happen of manners different from the great urban centers. When focusing a smaller space, the study it considers that no immigration is resembled to the other and it searches for distance of generalizations, in the sense that these can lead to the risk of loss of the peculiarities of the experience of immigration of Syrians and Lebanese in Brazil.

Keywords: immigration; memory; Batatais; Syrian; Lebanese.

INTRODUÇÃO



Este estudo tem como finalidade a elaboração de uma interpretação relativa à presença de imigrantes de origem síria e libanesa no município de Batatais, interior do Estado de São Paulo. As razões que justificam a escolha do tema da imigração síria e libanesa como objeto de investigação ligam-se à falta de estudos sistemáticos, trata-se de um tema ignorado na produção da história local, e à participação deste grupo nos diversos setores da vida batataense. Depois de um século da chegada destes imigrantes à região, ainda não é possível encontrar estudos que privilegiem o grupo que ao longo do tempo ampliou a participação de seus descendentes na sociedade batataense. Com este estudo procuramos, portanto, apresentar e analisar fatos relacionados à trajetória destes imigrantes e, por meio dela, reconhecer as estratégias adotadas pelo grupo para garantir, inicialmente, a subsistência, depois, a inserção dos descendentes na vida local.

Localizado na rota do comércio do sal com as províncias centrais do Brasil, o atual município de Batatais foi povoado a partir dos finais do século XVIII. O reconhecimento e a ocupação da região do Rio Pardo remontam à descoberta do ouro de Goiás. As antigas trilhas ganharam foros de caminhos, na tentativa de trajetos mais seguros pela passagem obrigatória rumo à mineração. Com a notícia da existência de ouro em Goiás, ocorre um aumento da ocupação de terra no chamado “sertão do Rio Pardo”¹, caminho que leva ao novo núcleo gerador de riquezas.

No decorrer do século XVIII os mineiros afluem para o território paulista, prenunciando o movimento migratório que imprimiu marcas nas futuras freguesias de Franca, Batatais e Casa Branca. Embora com um número pequeno de moradores, as migrações constantes de mineiros alteraram a demografia da região. A última década do século XVIII marcou o povoamento mineiro, que, em proporções variadas e com oscilações no decorrer do tempo, perdura até este

¹ COELHO, Hercídia Mara Facuri. Imigração e História Local: sírios e libaneses em Franca. Franca, 1998. Tese (Livre Docência em História)– Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista. p. 2.

início do século XXI².

O período em que os entrantes mineiros povoaram a região foi marcado pela decadência das minas de ouro e por um movimento de abandono das vilas e cidades organizadas em função das atividades mineradoras. Nessa conjuntura processou-se a grande migração mineira, que também pode ser atribuída a um avanço das atividades para as capitanias vizinhas, e não simplesmente uma fuga da decadência da atividade mineradora³. No entanto, quaisquer que sejam as razões, o fato é que os mineiros constituem o principal contingente populacional das primeiras vilas: Franca (1821), Batatais (1839). Cajuru e São Simão (1865).

Enquanto a criação de gado e a agricultura prevaleceram na economia da região, a presença dos mineiros foi preponderante entre a população. A introdução e expansão da cafeicultura trouxeram os paulistas, acompanhados por fluminenses que deixaram o vale do Paraíba e pelos imigrantes, dentre os quais destacaram-se os italianos.

Aos primeiros entrantes mineiros juntaram-se os imigrantes a partir do final do século XIX. Hoje, ao raiar o século XXI, a origem da composição populacional de Batatais é uma mistura:

[...] aparentemente homogênea e sem rupturas de mineiros, italianos, sírios, libaneses, japoneses, portugueses, dentre outros. A diversidade de procedências é anunciada pelos nomes de ruas, praças e avenidas, sobrenomes de representantes políticos, dirigentes de clubes de serviços e associações, pelas placas com os nomes dos profissionais liberais⁴.

As atividades econômicas desenvolvidas em Batatais no decorrer de sua história, sejam as “fazendas de criar”⁵, as plantações de café, o cultivo de arroz, a pecuária, a cana-de-açúcar ou a agroindústria, atraíram contingentes populacionais, conferindo ao município a sua atual

² BRIOSCHI, L.R. Caminhos do ouro. *In*: BACELLAR, C.A.; BRIOSCHI, L.R. (orgs.) Na Estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humaitas/FFLCH-USP, 1999. p. 35-54.

³ A respeito da controvérsia entre a decadência das minas e expansão da economia mineira, ver SLENES, R.W. Os múltiplos de porcos e diamantes: a economia escravista de Minas no século XIX. Cadernos IFCH. Campinas: UNICAMP, 1985.; ZEMELLA, M.P. O abastecimento da Capitania das Minas Gerais no século XVIII. 2.ed. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1990 (Estudos históricos, 19); PRADO Júnior, C. Formação do Brasil Contemporâneo. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1953.; PRADO Júnior, C. História Econômica do Brasil. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1962.

⁴ COELHO, Hercídia Mara Facuri. op. cit. p. 2.

⁵ Id. *ibid.* p. 55.

composição.

A homogeneidade da composição populacional é aparente na medida em que é possível constatar a diversidade de espaços ocupados pelas correntes populacionais que chegaram ao município. Mineiros, italianos, japoneses, portugueses, sírios e libaneses, além de outros grupos e seus descendentes, estão espalhados pela cidade, não havendo um bairro ou uma região específica da cidade onde este ou aquele grupo prevaleça.

Embora Batatais constitua um meio urbano integrado por grupos de origens diversas, são os italianos e seus descendentes que têm uma presença ostensiva. Até o momento, poucos estudos sistemáticos sobre a trajetória das etnias que integram sua população foram realizados.

É interessante ressaltar “que o estudo da história das cidades do interior do Brasil é uma vertente da historiografia brasileira que ganha vulto. Esse fato decorre do amadurecimento dos cursos de pós-graduação em História das diversas universidades brasileiras localizadas fora do eixo Rio-São Paulo”⁶, ao lado da “crise dos grandes modelos explicativos do processo histórico”, como explica Fausto⁷, que abrem espaço para novas e diferentes perspectivas. O processo migratório surge neste contexto como um campo fecundo para elucidações em torno das situações que envolvem a imigração. Sendo assim, é importante que um número cada vez maior de pesquisas sejam desenvolvidas e esclareçam aspectos das histórias das cidades que contribuirão para uma compreensão mais aprofundada da imigração no Brasil, uma vez que o processo vivido em determinado local pode guardar muitas semelhanças ou muitas diferenças com o ocorrido em outras localidades.

Pouco pesquisada, inclusive nos grandes centros, a presença dos sírios e libaneses não foi, até o momento, objeto de estudos sistemáticos, mesmo em cidades como a vizinha Franca, onde compõem um grupo marcante, conforme indica Coelho⁸, alertando que a única exceção honrosa, neste caso, é a monografia de Oswaldo Ravagnani, escrita em 1968 e que apresenta como justificativa para a escolha de seu objeto de investigação, “falta completa de estudos anteriores” e

⁶ COELHO, Hercídia Mara Facuri. op. cit. p. 5.

⁷ FAUSTO, Boris. Fazer a América (org.). 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2000. p.12.

⁸ Id. *ibid.* p. 2.

a “poderosa influência da colônia árabe em todos os setores da vida francana”⁹.

A partir de relatos orais de imigrantes sírios e libaneses e seus descendentes, chegamos até alguns documentos capazes de revelar indícios da chegada deste grupo à região, sua inserção e relações com a sociedade local. As informações coletadas nos depoimentos pessoais indicam possibilidade de recuperação das ligações que se estabeleceram entre os membros do próprio grupo e entre estes e a sociedade local. Trata-se de relações fundamentais para a aceitação da sociedade receptora e sua posterior ascensão a posições mais elevadas.

É por meio da entrevista que as informações captadas oralmente dialogam com outras fontes escritas e iconográficas, complementaridade de fontes que se fundamenta na composição das tramas das memórias de netos e netas, filhos e filhas, irmãos e irmãs, sobrinhos e sobrinhas, noras, cunhados, marido e mulher, primas e primos, compadres e comadres que, aos poucos, vão libertando as lembranças, ampliando a nitidez e a qualidade de imagens de outrora, material que, uma vez organizado e transcrito, apresenta-se em seu conjunto transformando-se em um documento diante do qual se procederá às análises.

A entrevista apresentou-se com um instrumento primordial para uma abordagem de análise qualitativa. Embora o desenvolvimento de métodos de análise qualitativa atribuam legitimidade cada vez mais intensa ao uso de entrevistas, o êxito de sua utilização não deve dissimular as dificuldades de sua aplicação.

Uma delas consiste em interrogar um indivíduo que representa o coletivo, representa um grupo social, circunstância esta que deve estar permanentemente presente para o pesquisador.

Outra dificuldade decorre do fato de a entrevista distanciar-se de procedimentos claramente formalizados e identificáveis. Condições ligadas à presença da subjetividade e à impossibilidade de garantias de comparabilidade perfeita das informações, uma vez que o dispositivo que aciona os depoimentos podem não ser rigorosamente idênticos.

⁹ RAVAGNANI, O. Os árabes na cidade de Franca. Franca, 1968. Monografia (Graduação em História) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca apud COELHO, Hercídia Mara Facuri. Imigração e História Local: sírios e libaneses em Franca. Franca, 1998. Tese (Livre Docência em História)– Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista.

A definição do uso da entrevista teve como pressuposto a indisponibilidade de informações e a necessidade de obtê-las. Para isso, o recurso da “entrevista semidiretiva”¹⁰ foi utilizado, por corresponder a duas exigências complementares: permitir que o próprio depoente estruture seu pensamento, daí o aspecto *não diretivo*; por outro lado, definir o objetivo de estudo, intervindo, não deixando o depoente arrastar-se naturalmente, ao saber do seu pensamento, destacando-se, neste sentido, o aspecto *diretivo* das intervenções do pesquisador.

No caso deste estudo, os depoimentos pessoais¹¹ da filha de sírios Marina Mansur e de seu primo Nacime Mansur, da neta de sírios Darly Nazar, do neto de libaneses Júlio Jorge Abeid Filho e sua mulher Zenaide, do filho de libaneses José Antônio Acra, da neta de sírios Maria Amélia Caran, das irmãs Leila, nascida no Brasil, e Salwa Nassralla, que nasceu no Líbano, como seu primo Salem Georges Nessrallah, de Samira e Jamile Miguel, filhas de pai sírio e mãe filha de sírios nascida no Brasil, de Nair, Nilde e Antônio, filhos do sírio Chaker Kanawate, registros muitas vezes acompanhados de participações informais de outros parentes, estabeleceram-se a partir de uma rede de relações que envolveram encontros e conversas, muitos deles, frutos de várias tentativas de concretização. Era preciso que o clima de confiança se instalasse. Em alguns destes momentos senti-me fazendo o trabalho do jardineiro revolvendo e preparando a terra para a sementeira.

É importante ressaltar que a veracidade dos relatos orais não constituíram motivo de preocupação, o olhar direcionou-se para o que foi lembrado e como foi expresso, para aquilo que as pessoas escolheram para suas evocações. Muitas passagens lembradas e contadas de modo confidencial não foram registradas.

Há também o esquecimento e o silêncio, que pode advir de lembranças proibidas, indizíveis ou vergonhosas. Neste caso, ficam cuidadosamente guardadas nas zonas dos silêncios, dos *não-ditos*. Segundo Pollak¹², há uma função do *não-dito* que se estabelece entre o “dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável” e que separa uma memória coletiva subterrânea, de

¹⁰ ALBARELLO, Luc et al. Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva, 1997. p. 86-87.

¹¹ Alguns destes depoimentos encontram-se em forma de anexos (Anexos A, B, C, D,E e F).

¹² POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

uma memória coletiva organizada, tradutora da imagem que se deseja projetar.

A emergência desta ou daquela lembrança decorre de determinadas circunstâncias favoráveis ou desfavoráveis, daí o fato de existir uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. Para Pollak¹³, essas constatações são aplicáveis a todas as formas de memórias, sejam elas individuais ou coletivas, familiares, nacionais ou de pequenos grupos.

Contar com a existência de memórias clandestinas e inaudíveis significa aguardar a sua transmissão intacta até o dia em que elas possam ascender ao espaço público, passando do *não-dito* à constatação, à contestação, à reivindicação.

Os relatos orais deram visibilidade às gerações, permitiram algumas aproximações a questões envolvendo as atividades profissionais desempenhadas por este grupo de imigrantes e seus descendentes, enfatizaram a necessidade da organização de diferentes arranjos familiares e estratégias educacionais geradas pela nova sociedade, suas memórias sobre a imigração e a opção pelo município de Batatais como destino. Necessário se faz reconhecer que a empreitada desta pesquisa não consegue abarcar com a profundidade necessária toda a complexidade que compõe o movimento migratório. Inúmeras questões afloram permanentemente, criando novas perspectivas para a compreensão da importância dos processos migratórios na conformação do Brasil contemporâneo.

Tentar de alguma forma elaborar reflexões sobre grupos migrantes e sobre questões a eles relacionadas, pode significar uma trama de desafios maiores e mais complexos do que é possível imaginar. A tentativa de desatá-la defronta-se com a necessidade de tornar visíveis: o contexto, o multidimensional, o complexo.

É preciso evidenciar o contexto para dar unidade aos dados. Para ter sentido, o contexto precisa ser enunciado, como a palavra imigrante, por exemplo, ao mudar de sentido, uma vez que o que é chamado e tratado como tal em uma dada sociedade, é chamado em outra sociedade de

¹³ POLLAK, Michael. op. cit. p. 3-15.

emigrante, constituindo assim, duas faces da mesma realidade que devem ser consideradas.

Nesta tarefa organiza-se o primeiro momento da pesquisa, *Interface da Imigração: sírios e libaneses*, por meio do qual procuro contextualizar os lugares de onde vêm as *vozes do passado*. É o momento de buscar o fio condutor que apresenta referências à chegada de imigrantes de origem síria ou libanesa à região da Mojiana para onde se volta o olhar.

É ainda necessário evidenciar o caráter multidimensional de complexas unidades sociais, nas suas dimensões histórica, econômica, educacional, dentre outras, considerando a impossibilidade de isolar uma parte do todo. Este pensamento está presente na organização dos *Retalhos das memórias*, em que se apresentam algumas vozes que vão surgindo das redes de relações que, numa forma artesanal de comunicação, são estabelecidas com os narradores, assim chamados no sentido que lhes atribui Walter Benjamin¹⁴ quando ressalta que o narrador imprime a sua marca na narrativa, deixando de muitas maneiras “seus vestígios presentes nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata”. São os *Retalhos das Memórias* que procuram traduzir episódios que as memórias compõem, reconhecendo que o passado, fonte do presente, não pode se prender no deserto do tempo. Como nômades, devemos carregá-lo, passando-o como gotas d’água preciosas, de mão em mão, geração em geração, para que novas histórias sejam geradas.

As lembranças se opõem às imagens atuais, mas não confundem a vida atual e a que passou, são reflexões que, seguindo um outro caminho, curvam-se diante do vivido e tornam possível, à medida que escapam das determinações do presente, o desvendamento de quem somos.

Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição (Bosi, 1994, p. 81).

Finalmente, é preciso reconhecer a complexidade de deparar-se com elementos diferentes que constituem o todo, tramas independentes que expõem dificuldades na concretização da união

¹⁴ BENJAMIN, Walter. O narrador. In.: *Obras escolhidas*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1. p. 205.

entre a unidade e a multiplicidade por ela representada. É o que tentamos organizar na última parte *Tecendo mil e uma idéias: as representações dos imigrantes na literatura*, quando encaminhamos os aspectos de temporalidades próprias e singulares que rompem o cerco do espaço e do tempo ocupados então pelas lembranças, aproximando-os de diferentes formas de representação, procurando, deste modo, possibilidades para ampliar e aprofundar o objeto de investigação.

As idéias presentes nas reflexões sobre as relações entre a literatura e o tema da imigração confluem para possibilidades de integração de conhecimentos, neste caso, das formas de construção do real envolvendo a imagem do imigrante sírio ou libanês e suas aproximações com a realidade.

Na literatura, o imigrante aparece como uma figura paradigmática, mostrando que o processo de integração à realidade social, econômica, política, não ocorre passivamente, requer, sim, uma transformação profunda, às vezes dolorosa.

O estudo da imigração é um dos muitos temas que podem e devem ser permanentemente retomados e aprofundados, assim como as questões dos negros, dos índios, dos ciganos, dos trabalhadores sem-terra, das religiões, dentre outros que correspondem a diversos e diversificados segmentos da população brasileira. Observar por estes ângulos significa fugir de generalizações e privilegiar a historicidade regional, favorecendo o reconhecimento das diferenças, da multiplicidade, da pluralidade, condição que permite explicar aspectos peculiares da composição social, política, educacional, econômica e cultural do Brasil. A imagem de um Brasil homogêneo é mascarada, não corresponde à realidade.

CAPÍTULO 1

INTERFACE DA

IMIGRAÇÃO: sírios e

libaneses



Antes de traçar as linhas gerais das questões propostas para serem analisadas nesta pesquisa sobre a imigração síria e libanesa, nada melhor do que parafrasear Darnton¹⁵, que, ao iniciar o primeiro capítulo de sua exegese do folclore familiar francês do século XVIII, declara ter se sentido diante de uma missão impossível ao tentar decifrar o “*o universo mental dos não iluminados, durante o Iluminismo*”, parecia querer recuperar o irrecuperável.

Da mesma forma, no momento em que pretendo, em um mundo pleno de modernidade, garimpar, por meio de comunicação artesanal, entre sírios e libaneses e seus descendentes que vivem no Brasil no raiar do século XXI, formas de ampliação do campo de possibilidades interpretativas, para assim manter viva a chama do conhecimento e reconhecimento da realidade, sobrevém a sensação do encontro com o impossível, com o irrecuperável. Porém, antes de desistir, talvez seja melhor esquecer a descrença e recorrer à sabedoria traduzida pelo provérbio árabe, recolhido entre os guardados de Marina Mansur, filha de imigrantes sírios, e que contribuiu com seus relatos orais¹⁶ para a elaboração de algumas idéias que circulam ao longo deste estudo:

Tu folheias todos os dias o livro da tua vida; não podes parar em uma folha nem deixar de ver a seguinte. Aproveita essa folheadura, para não chegares ao fim do livro tendo folheado sem ter lido o livro da tua vida..

Nutridas as esperanças, pode-se ir adiante impulsionado pela idéia de que, se não há respostas definitivas, se as perguntas também mudam incessantemente e se a história nunca pára¹⁷, mais do que nunca é preciso preparar-se para o novo. O novo brota sem parar, não podemos prever como se apresentará, mas sua chegada deve ser esperada, é preciso “esperar o

¹⁵ DARNTON, Robert. O grande massacre dos gatos e outros episódios. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

¹⁶ DEMARTINI, Zeila de Brito. Relatos orais: nova leitura de velhas questões educacionais. Revista Portuguesa de Educação. n. 8, p. 5-20, 1995.

¹⁷ Id. *ibid.*

inesperado”¹⁸, sendo assim, é necessário distanciar-se do definitivo, do convencional, das formas impostas; é necessário abrir-se para as divergências, é fundamental buscar modos de elaboração do conhecimento num mundo organizado por meio da memória, da imaginação, da criatividade, do sentimento. Para isso ancoramos nossa reflexão nas contribuições dos relatos orais, no sentido que permitem estabelecer relações com as fontes escritas e iconográficas, além de oferecerem novas e diferentes perspectivas de reconhecimento para estas fontes usuais.

A complementaridade entre as fontes está presente mesmo porque ela já existe na própria construção dos documentos orais, seja antecedendo-os com questões que suscita, seja deles resultando, pelo processo de interação entre pesquisador-pesquisado que permite a exposição e utilização do que ficou guardado, ou, muitas vezes, até esquecido¹⁹.

Recorremos à fonte dos relatos orais pela possibilidade de ampliação nas investigações que acreditamos que ela oferece, sem, no entanto, ignorar que sua utilização complexifica, “dadas as especificidades de que se revestem sua obtenção e seu ‘manuseio’: estamos lidando com documentos criados no momento da pesquisa, com a participação do pesquisador”²⁰. Mas, fomos seduzidos pelo convite de Paul Thompson de tentar aproximação com elaborações mais democráticas no sentido de introduzir novas evidências antes não disponíveis na história local. “Amplia-se e se enriquece o próprio campo de ação da produção histórica; e, ao mesmo tempo, sua mensagem social se modifica. Para ser claro, a história se torna mais democrática”²¹. Trata-se de um desafio, buscar meios de entender e decifrar outros tempos, outros pensamentos, outros lugares, tentar mostrar que o passado, longe de ser saudosista, um modo de legitimar estruturas vigentes ou simplesmente um depositário de fatos, pode ser um caminho aberto para a democracia²².

Encontramos ainda, em Thompson²³, um argumento que se ajusta particularmente a este estudo, quando afirma que um projeto de história oral pode ser realizado em qualquer parte,

¹⁸ MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2. ed. São Paulo: Cortez/Brasília,DF: UNESCO, 2000. p. 35.

¹⁹ DEMARTINI, Zeila de Brito. Relatos orais: nova leitura de velhas questões educacionais. Revista Portuguesa de Educação. n. 8, p. 5-20, 1995. p. 8.

²⁰ Id. Ibid. p. 9.

²¹ THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 28.

²² HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. Lii.

²³ Id. ibid. p. 29

sendo certamente viável por todo o país onde um sem-número de temas podem ser estudados localmente, uma vez que a história oral traz “a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade”. Em suma, ao ser construída em torno de pessoas, ela amplia seu campo de ação ao lançar a “vida para dentro da própria história”.

Ao iniciar a composição das reflexões que se orientariam para vencer tempos e lugares tão diversos e ilimitados, as lembranças correram livres para minha infância caipira num Brasil da década de 1950, partilhada com parentes, amigos, vizinhos, que, atraídos pelo ideal de uma vida diferente, chegaram vindos de distantes e diversos lugares: Espanha, Itália, Tchecoslováquia, Japão.

Nesse momento ainda não se dera o encontro com imigrantes de origem síria e libanesa, como aconteceria mais tarde, porém, de algum modo era possível não só sentir e ver que outros povos são diferentes, não pensam como pensamos, mas perceber a necessidade de compreender o seu modo de pensar, entender as diferenças. A expressão de um grupo, seja ela manifestada individual ou coletivamente, constitui-se por uma cultura específica, onde, por meio de um idioma geral aprende-se a classificar as sensações e a entender as coisas, “cabe extrair significações”²⁴, se dar conta das diversas visões que habitam o mundo e de que as pessoas têm uma maneira própria de organizar a realidade em suas mentes e expressá-las através do comportamento.

Na sua origem, a humanidade foi nômade, a procura de condições favoráveis de vida era constante. O ser humano só se estabeleceu no momento em que sentiu haver conquistado condições seguras para explorar o meio ambiente circundante e, a partir de então, passa permanentemente a organizar estratégias, tanto de sobrevivência quanto de defesa. Mas essa conquista, de modo algum, determinou o fim dos movimentos migratórios humanos; seja em grupo, seja solitariamente, os seres humanos continuam a se movimentar em ondas migratórias constantes, tendo para isso várias razões. Alguns nascem dotados de espírito aventureiro, e este impulso interior é suficiente para que saiam à procura, senão de novos, mas de diferentes rumos. Outros têm raízes profundas, mas são arrancados e, embora relutem, são levados à revelia e

²⁴ DARNTON, Robert. op. cit. p. XVII.

atirados a experiências inusitadas, inesperadas ou inadequadas, nestas circunstâncias a emigração só tem início no momento em que as pessoas descobrem que não conseguirão sobreviver com os recursos tradicionais das comunidades de origem. Há ainda aqueles que são motivados, de um lado, pelas contradições com as quais convivem e, de outro, por chamados ou acordos que são verdadeiras luzes no final de um túnel que se abre para novas esperanças. Assim motivados, chegam ou partem os migrantes.

As minhas inquietações organizam-se em um projeto que tenta, por meio de questões ligadas à presença de imigrantes, privilegiar etnias ainda pouco estudadas, como as libanesas e sírias, segundo constatação feita por estudiosos como Fausto²⁵, Truzzi²⁶, Osman²⁷. Dedicar estudos para os matizes do encontro de culturas como encontro de diferentes formas de existir, onde uma se apresenta para a outra como revelação, pode significar uma maneira de permitir que a originalidade desabroche²⁸. Procurar raízes não quer necessariamente dizer busca de elementos para fortalecer um isolamento ou a tentativa de resgatar o que se perdeu, pode sim traduzir o empenho em encontrar o que pode ser revivido, considerando-se que a vida cotidiana, apesar de sofrer interferências, alterações resultantes de mudanças, novas experiências, pode guardar escondidas, “quem sabe, as chaves do futuro e da utopia, nas memórias das lutas, nas histórias dos simples, nas lembranças dos velhos”²⁹.

Tecer a trama do segmento da imigração brasileira, que esteve aos cuidados dos imigrantes de origem síria e libanesa que se instalaram num recanto do nordeste paulista, significa considerar um dos grupos que, a partir de 1830, chegou sem receber qualquer espécie de subsídio e que, embora não tenha grande representação numérica, tem significativa importância qualitativa no que diz respeito à contribuição dos imigrantes para a formação do Brasil contemporâneo³⁰. Espalharam-se por todo o território brasileiro, mas concentraram-se em maior número na capital e no Estado de São Paulo.

²⁵ FAUSTO, Boris. Historiografia da imigração para São Paulo. São Paulo: Sumaré/FAPESP, 1991.

²⁶ TRUZZI, Oswaldo. Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1997.

²⁷ OSMAN, Samira Adel. A imigração árabe no Brasil. Travessia: revista do migrante. Publicação do CEM, ano 12, n. 35, p. 17-23, set./dez. 1999.

²⁸ BOSI, Alfredo (org.). Cultura brasileira: temas e situações. 2.ed. São Paulo: Ática, 1992.

²⁹ BOSI, Eclea. In: BOSI, A. (org.). Cultura brasileira: temas e situações. 2.ed. São Paulo: Ática, 1992.

³⁰ Id. *ibid.*

À medida que, neste Estado, florescia a economia gerada pelas plantações de café, sírios e libaneses passaram a incluí-lo no seu roteiro para ficarem ricos. De 1850 a 1930, dezenas de milhares de imigrantes saíram da Síria e sobretudo do Líbano, compondo a população brasileira de modo geral e a paulista de modo específico. Após este período, os fluxos imigratórios mantiveram-se, mas tornaram-se menos intensos.

Nas duas últimas décadas do século XIX e três primeiras do século XX, a região nordeste do Estado de São Paulo experimentava a prosperidade como resultado da produção cafeeira, vinculada a dois importantes elementos: a chegada de imigrantes e a estrada de ferro. A “onda verde” foi acompanhada pela estrada de ferro Mojiana, que em muito contribuiu para a fixação das populações, sendo a responsável pelo transporte dos imigrantes e suas esperanças de uma promissora vida nova. Num dos boletins de controles de passageiros consta, por exemplo, que durante “o anno de 1907 obtiveram com suas bagagens, passagem gratuita nas linhas desta Companhia 4.597 immigrants”³¹.

Um dos problemas iniciais enfrentados pelos imigrantes de origem síria e libanesa que chegaram até a década de 1920 referia-se ao fato de terem passaporte turco. Como os motivos para que muitos emigrassem estavam justamente ligados à tentativa de fugir do domínio da Turquia, que se estendia por quase todo o Oriente Médio, ser chamado de turco provocava reações de profunda indignação, não poderia haver insulto maior. Com passaportes expedidos pela Turquia, estes imigrantes foram equivocadamente considerados turcos até o final da Primeira Guerra Mundial, em 1918, quando o Império Turco Otomano, derrotado, perde a maior parte dos territórios sob seu domínio, inclusive os da Síria e do Líbano. Por desconhecimento dessa história e dessa geografia, estas generalizações continuam compondo nosso cotidiano, no entanto, as reações se amainaram ancoradas no tempo, que se encarregou de neutralizá-las³².

Boris Fausto³³ nos indica a necessidade de estudos constantes sobre a imigração, quando afirma ser este um tema clássico da história brasileira contemporânea, tema sobre o qual se iniciou um debate em meados do século XIX, estendendo-se até as décadas de 1930 e 1940, mas

³¹ ALMANACH MOGYANA. 1908-1909. Empregados da Cia. Mogyana. Campinas, 1908. p. 255.

³² FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: EDUSP, 1994.

³³ FAUSTO, Boris. Historiografia da Imigração para São Paulo. São Paulo: Sumaré/FAPESP, 1991.

que foi perdendo sua força à medida que os movimentos imigratórios diminuíram em intensidade, tardando a imigração a se constituir como fenômeno que parece central nos séculos XIX e XX, sobretudo quando interessa reconstituir a transição para o capitalismo e as bases de sua expansão. Se, como define o AURÉLIO³⁴, imigrantes são considerados todos aqueles que entram num país estranho ao seu, para nele viverem, é preciso considerarmos que o Brasil, a partir do século XVI, começa a recebê-los de modo sistemático em ritmos de maior ou menor intensidade.

Os estudos iniciais sobre a história da imigração concentraram-se basicamente no setor rural, deixando algumas lacunas no que diz respeito à inserção dos imigrantes no meio urbano, por desconsiderar que houve, desde o início dos grandes movimentos imigratórios, um *contínuo fluxo entre o rural e o urbano*. As primeiras famílias alemãs e suíças que chegaram ao Brasil, em 1818, aportaram na província do Rio de Janeiro, capital do reino, ali se fixaram e, ajudadas por D. João VI, fundaram a colônia de Nova Friburgo, onde passaram a produzir diversos gêneros para serem vendidos à população, que havia crescido muito depois da chegada da corte portuguesa em 1808³⁵. Outros alemães foram para o Sul do país e receberam pequenos lotes de terra, onde tinham que plantar e criar gado.

Até 1830, o governo imperial, que acreditava ser a imigração em massa o modo mais fácil de povoar o território brasileiro, investiu na propaganda, distribuição de pequenos lotes de terra e ajuda financeira. A partir desta data, porém, atendendo à vontade de fazendeiros e comerciantes que não gostavam da concorrência, D. Pedro I, Imperador do Brasil, limita os investimentos em projetos atrativos à imigração.

Uma vez que as formas de distribuição dos grupos imigrantes apresentam peculiaridades e variantes próprias, é necessário levá-las em conta para qualquer consideração que se faça sobre a imigração, sejam elas no âmbito urbano, rural ou rural-urbano.

Para estabelecer algumas destas peculiaridades e nuances dos acontecimentos que compõem o universo de interesses deste estudo, faremos do passado e da memória objetos de

³⁴ FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

³⁵ ALENCAR, RIBEIRO & CECCON. *Brasil vivo*. 18 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

nossa elaboração histórica. Os argumentos encontram-se nas relações que Le Goff³⁶ estabeleceu entre história e memória, apresentando a memória como o lugar “onde cresce a história que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”.

Na composição do mosaico da imigração no Brasil, representada neste estudo por um fragmento da paulista – região Mojiana – enfoques apresentados tendo como ponto de partida as fontes orais certamente nos colocam diante de uma diversidade de questões e contextos que permitem observarmos as fontes existentes, sob diferentes olhares.

Batatais, Altinópolis e Santo Antônio da Alegria, três cidades do interior do Estado de São Paulo que fazem vizinhança, compuseram próspera região do nordeste paulista, onde a “terra-roxa” excelente para o cultivo foi o grande atrativo para a região fronteiriça com Minas Gerais. Um dos principais caminhos que conduziam à região foram trilhados pela Mojiana, dinâmica estrada de ferro que tão bem a caracterizou, cortando várias cidades e importantes sedes de fazendas e que não existe mais, deixando apenas o nome com o qual a região é identificada.

As plantações de café significaram, sobretudo de meados do século XIX até as primeiras três décadas do século XX, novas possibilidades para uma vida melhor, possibilidades da propriedade de terras, principalmente para os imigrantes italianos que chegavam em grande quantidade, carregados com esta esperança. Deste modo, a região foi atraindo grande contingente de outros grupos de imigrantes que procuravam novas oportunidades, querendo fazer do Brasil a sua nova pátria.

Assim é que no início do século XX, sem data precisa, o mascate Moisés Miguel, de origem síria, desgostoso por ter ficado viúvo, deixa a cidade de Campestre em Minas Gerais e resolve tentar a sorte em Altinópolis, lugar que já conhecia de viagens anteriores e onde encontrara alguns patrícios, vindo conhecer Habus, uma patrícia com quem acaba se casando, conforme contou a filha Jamile, ao relatar sobre as razões que levaram sua família a residir em Altinópolis.

³⁶ LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: UNICAMP, 1996. p. 477.



Mapa do Estado de São Paulo mostrando as estradas de ferro; assinalado em vermelho um trecho da Estrada de Ferro Mogiana – a Linha do Rio Grande - 1935, segundo BATATAIS, [s.d.], não paginado.

Já Salomão João Mansur vem para Batatais em 1920, depois de ter passado seis anos nos Estados Unidos. Vem para encontrar-se com os irmãos. Sai da Síria em 1914, por ocasião do início da “Grande Guerra”, quando a situação de opressão se tornou extrema, segundo conta expressivamente seu filho Nacime, enquanto espera pela chegada do amigo Arnaldo Jorge, que foi chamado para ajudá-lo a lembrar-se dos nomes de patrícios, na tarefa de conferir os números de imigrantes sírios e libaneses que neste período haviam chegado em Batatais, segundo dados de um documento elaborado pela Prefeitura Municipal no ano de 1984³⁷, para tentar atrair indústrias para o município. Os nomes dos 14 sírios e seis libaneses mencionados no referido documento foram lembrados.

³⁷ BATATAIS. Prefeitura Municipal de Batatais. População e Procedência. Batatais: Prefeitura Municipal de Batatais, 1984. p. 6.

Desta forma vamos nos enredando nas histórias, que certamente são muitas, mas que por estarem soterradas no passado, precisam ser revolvidas como terra que vai ser semeada. Há surpresas, há curiosidades, há interrogações. Terá mesmo o grupo de imigrantes sírios e libaneses uma capacidade de adaptação e aceitação maior que outros grupos, conforme salienta Tanus Jorge Bastiani em seu livro *Memórias de um Mascate*³⁸. Para saber o que acontece, nada melhor do que ir sondando, num esforço de buscar fundamentos para atingir as dimensões complexas e desconhecidas, ir avançando, até acreditar que toda a história foi contada³⁹.

1.1 MOJIANA: A FORÇA DE UMA REALIDADE

A partir de 1850, com a prosperidade da economia cafeeira, reconhece-se a importância das ferrovias. Nesse momento, a política interna, apaziguada sob o reinado de Pedro II, a extinção do tráfico negreiro, além das vantagens de leis especiais criadas em 1852, vão favorecer o início da *era ferroviária*.

Os primeiros cafezais que haviam se formado no Rio de Janeiro, em meados do século XVIII, já haviam chegado ao Espírito Santo e, percorrendo um longo caminho pelas encostas dos morros, vencendo as serras, seguindo o curso dos rios, atingiam as terras mais planas de São Paulo, de onde se espalhariam, chegando a Minas Gerais e Paraná. Em alguns lugares chegaram na frente e em outros chegaram atrás dos trilhos. Assim foi com a linha da Mojiana, estrada de ferro que procurou antecipar a modernidade nos caminhos para onde o café se dirigia.

O café vai deixando a jornada do lombo de escravos ou mulas, dos carros de boi, para entrar no trem. A idéia de que as estradas de ferro seriam a condição de progresso para o país

³⁸ DIEGUES JÚNIOR, Manuel. Etnias e culturas no Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980. p. 147.

³⁹ DARNTON, Robert. op. cit.

prevalece a partir de então.

Desse modo, ao contrário do que aconteceu com o desenvolvimento de ferrovias no mundo, que abriram novas fronteiras, as estradas de ferro brasileiras, sobretudo as paulistas, acompanharam a marcha da agricultura na expansão colonizadora que foi desencadeada pelo café. É assim que, fato único em todo o Brasil, segundo Odilon Nogueira de Matos, em seu estudo *Café e Ferrovias*, as diversas regiões de São Paulo passam a ser denominadas e conhecidas pelos nomes das ferrovias que as servem: Zona Paulista, Zona Araraquarense, Zona Noroeste, Zona Mojiana, Zona Sorocabana, Zona Bragantina. Estes nomes enraizaram-se e dificilmente desaparecerão, pois, por mais que se empreguem os termos geográficos, permanece a força da realidade que foi a “importância das estradas de ferro para a fixação do povoamento e desenvolvimento de tais regiões”⁴⁰.

No final do século XIX, a região nordeste de São Paulo detinha a vanguarda na produção de café, a expansão de uma linha que transportasse o produto até o porto de Santos era uma necessidade real. Assim, surgiu a Mojiana, com ponto de partida em Campinas, importante cidade de conexão com a Capital do Estado e o porto de Santos.

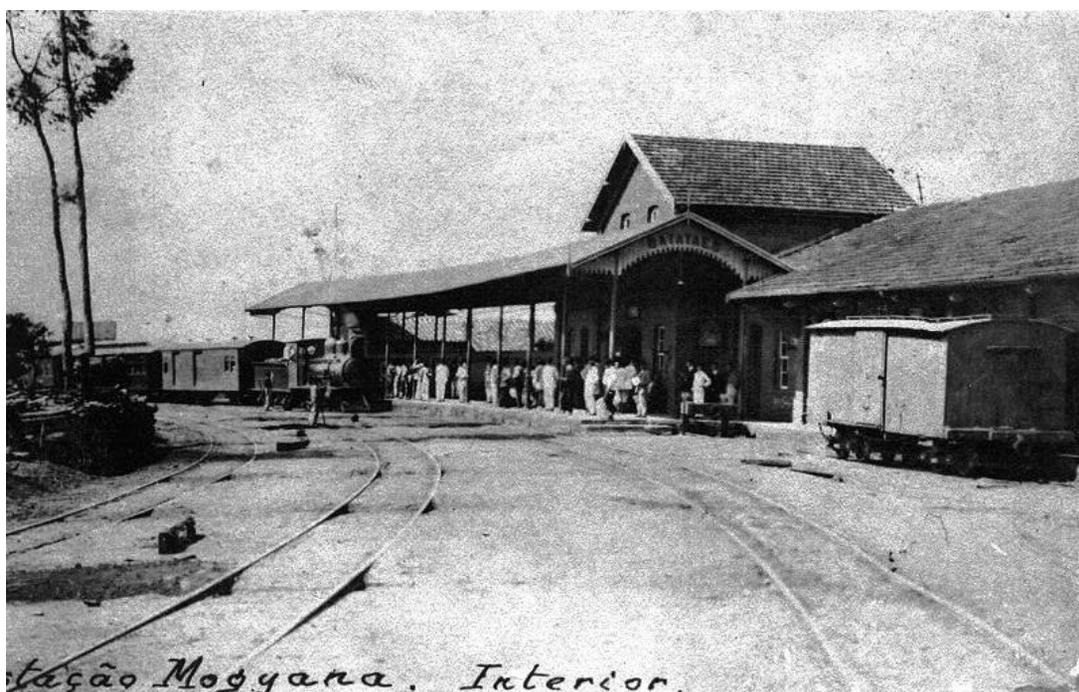
A Mojiana foi traçada com ambiciosos planos de articular-se com Minas Gerais e ter uma linha própria que, partindo de Santo Antônio da Posse, que então se chamava Ressaca, fosse dar em Santos. Os engenheiros da Companhia Paulista criticaram a idéia. Havia uma disputa entre a Mojiana e a Paulista no sentido de buscarem para os seus trilhos as terras dos municípios mais ricos. Porém, foi a Mojiana que levou mais longe os seus trilhos, indo além do Rio Grande, adentrando Minas Gerais, recebendo e levando influências por todo o próspero *Triângulo Mineiro*, o que deu à região características peculiares, onde se observam costumes paulistas em Minas e costumes mineiros em São Paulo.

Embora as paisagens paulistas destas paragens tenham sido fortemente marcadas pelas propriedades agrícolas, foram as ferrovias que deram forte pincelada na composição da paisagem

⁴⁰ MATOS, Odilon Nogueira de. *Café e ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1974. p. 11.

urbana.

Corria o ano de 1883 quando, com o entusiasmo da população, foi inaugurada a estação de Ribeirão Preto, daí partindo o trem que aproximaria cidades, vilas, vilarejos e fazendas, como Sarandy, atual Jurucê; Ilha Grande, hoje Jardinópolis; Brodowski; Batatais, que teve sua estação solenemente inaugurada por D. Pedro II, seguindo a linha do trem rumo à Franca, não sem antes passar por Macaúbas e Boa Sorte.



Fotografia da Estação Ferroviária de Batatais, após a inauguração em 1886, segundo Jean de Frans, pertencente ao arquivo do Museu Dr. Washington Luís, da Casa da Cultura de Batatais.

A chegada do trem provoca grandes transformações, a começar pelos tipos de trabalho que passa a constituir. Como tudo começa a ser transportado por estrada de ferro, a Mojiana oferece muitos empregos: telegrafistas, escriturários, maquinistas, carregadores, almoxarifes. Estimula o surgimento de várias atividades correlatas e torna a cidade mais movimentada que aquelas que não recebem o trem. A cidade fica marcada pela presença da ferrovia.

Os lugares de maior referência são a *Rua da Estação*, o *Largo da Estação*, a *Praça da Estação*, locais que passam a ser os pontos de atração para o comércio, instalação de hotéis e restaurantes que atendam aos viajantes. Assim ocorreu com o senhor Alexandre Caram, comerciante sírio, que tinha sua loja de tecidos e armarinhos a uma quadra da estação, onde

também instalou a primeira bomba de gasolina de Batatais no início do século XX. Sua neta Maria Amélia Caram Sadi relata que o avô era compadre do chefe da estação, figura que ocupava um cargo equiparado ao das autoridades constituídas na cidade, tal era a importância da estrada de ferro. Conta também que com frequência ocorriam festas em frente à loja do avô, onde as famílias se reuniam, ao som do gramofone.



Fotografia da residência ao lado da loja e de uma das primeiras bombas de gasolina, pertencente ao Sr. Alexandre Caram, datando do início do século, pertencente ao acervo pessoal de Maria Amélia Caran.

Com a chegada da Mojiana, novos sonhos e interesses se delinearam, simbolizava a modernidade, significava a busca da superação do atraso. O trem transportava mercadorias, pessoas e sonhos. Sonhos de romper o isolamento e, vencendo as distâncias em grande velocidade, atingir o almejado progresso; sonhos imigrantes de vida nova e sonhos de trabalhadores rurais que viajavam para a cidade em busca de melhores condições de trabalho.

1.2 NUVEM DE MASCATES

Imagens de povos de língua árabe como comerciantes não eram desconhecidas no Brasil, quando, em meados do século XIX, intensifica-se a chegada de imigrantes de um modo geral e de modo específico, gentes do Oriente Médio, sobretudo de origem síria e libanesa.

Trazida por portugueses, a língua árabe, em suas adaptações ao usos e costumes dos luisis, viaja e, mais do que qualquer outra, a expressão *mascates* mercadeja entre os produtos vendidos. Adotada pelos portugueses “por causa de **Masqat** uma cidade na península arábica feitoria portuguesa onde os navios faziam a aguada e o comércio de cavalos aljôfar das pescarias do golfo e dali vieram vendedores ambulantes para o Brasil que era colônia dos luisis, de **Masqat** vieram fazer comércio de fazendas e miudezas”⁴¹ [grifo nosso].

Explicação reforçada por Safady⁴², quando relata que os comerciantes de *Mascat* tornaram-se conhecidos por suas viagens para trocas de mercadorias, sobretudo a Índia. Reconhecidos como *mascates*, celebrizaram-se ao comporem importante ponto comercial do Golfo Pérsico nas rotas comerciais medievais, uma vez que, antes

[...] da descoberta do Cabo da Boa Esperança, as trocas comerciais eram feitas através do Mar Vermelho, servindo-se o país Amán⁴³ como ponto obrigatório para as escalas marítimas (...) Os portugueses adotaram o termo *mascate* [grifo nosso] como sinônimo de comerciante, deslocando-se o acento, com o decorrer do tempo, para a penúltima sílaba, como é a tendência da língua portuguesa.

A figura do *mascate* percorre o cotidiano da vida brasileira com significados que vão se transformando ao longo do tempo. Principia por designar os patrícios lusos que no período colonial controlavam significativa parcela do comércio em geral, ficando registrada na história

⁴¹ MIRANDA, A. *Amrik*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 182.

⁴² SAFADY, Jamil. *O café e o mascate*. São Paulo: Comercial Safady, [s.d.]. p. 113-114.

⁴³ Omã, onde se situa a cidade portuária de *Masqat* (Mascate).

por ocasião da *Guerra dos Mascates*⁴⁴, em 1710.

Conflito entre proprietários de terras de Olinda e comerciantes lusos de Recife, deflagrado num momento em que mudavam os rumos da economia e da política, com a queda do preço internacional do açúcar e o aumento do preço dos escravos, levando inúmeros proprietários de terras e escravos à dependência de empréstimos oferecidos pelos mascates.

Com o trunfo do poderio econômico, desejavam os mascates a mudança da Capital de Olinda para o Recife a fim de, obtendo o poder político, executar judicialmente os grandes proprietários de terras, tradicionais devedores de impostos e ficar com as propriedades, o que, além do mais, sedimentaria o poder econômico.

Após inúmeros confrontos, um acordo de paz, por pressões da Coroa portuguesa, foi sugerido. Como parte das exigências dos senhores de terras para que o acordo se firmasse, estava a condição de que nenhuma propriedade fosse executada judicialmente. Os mascates, pressionados pela Coroa, aceitaram. Do acordo final resultou que uma única mudança concretizou-se, Recife foi aceita como capital.

José de Alencar⁴⁵ romanceia o tema da Guerra dos Mascates, registrando-o no que denominou alfarrábio de crônicas coloniais, onde explica que o termo mascate é:

[...] derivado do nome de um reino da Índia cujos naturais eram dados ao comércio, significava em princípio entre os portugueses de Goa o mesmo que mercador ambulante que percorria várias terras à maneira do Oriente. Com o andar dos tempos veio a servir unicamente o mister baixo e desprezível de bufaneiro ou regatão que apregoa pelas ruas. Tão afrontoso era dar-se nome a um mercador desse tempo, como seria hoje em dia chamar em estilo clássico de traficante a um homem de negócio.

Ainda nos escritos de José de Alencar⁴⁶, é possível encontrar notas de um cronista pernambucano do século XVIII, que, com o intuito de rebaixar a condição de mercadores do Recife, apresentam os seguintes dizeres:

⁴⁴ Assunto pouco tratado pela Historiografia do Brasil.

⁴⁵ ALENCAR, José. *Alfarrábios*. Guerra dos Mascates: crônicas dos tempos coloniais. 5.ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, [s.d.]. p. 234. v. 3 (Romances Ilustrados de José de Alencar).

⁴⁶ ALENCAR, José. op. cit. p. 233.

Chegava um desses garotos sem outro fato mais do que a trouxa amarrada em lenço de Lamego; com a camisa de bertangil, preto de sujo, e calções de lona besuntada de alcatrão. À força de trabalho conseguiam uma dúzia de patacas, com que se proviam de algumas réstias de alho e cebola, além de outras drogas, e saíam a mercar pelas ruas do povoado e engenhos do interior. Nesse giro mesquinho ajudavam-nos os patrícios, fiando-lhes fazendas e drogas para estenderem o seu tráfego, e assim arvorados em mascates aqueles labregos, que no reino nem para moços de servir prestavam, de repente se viam senhores de grosso cabedal.

Constatações como essas podem indicar que a atividade dos mascates foi encarada com restrições desde seu estabelecimento no Brasil. Num primeiro momento, porque rivalizou com os interesses de senhores proprietários de terras em poderio econômico. Mais adiante, com as transformações urbanas e ampliação do comércio de portas abertas, a presença de concorrentes sem ponto de venda estabelecido pelo pagamento de impostos, ocupando significativo espaço à procura de possíveis fregueses, provoca alarmantes preocupações com relação, tanto à concorrência, quanto à injustiça dos valores pagos aos impostos. Desse raciocínio surge a idéia da concorrência desleal, sempre que envolve os que não pagam, ou pagam pouco e aqueles que se consideram prejudicados pela cobrança injusta de elevados impostos.

Desse modo é possível considerar que o grupo ou indivíduo que seja identificado com essas condições, compondo adversamente o espaço onde a dinâmica das transformações, ampliações e concorrência conduz a acirradas disputas, estaria sujeito a discriminações caracterizadas pelo confronto com o que é considerado ilegítimo, representado no comércio por aqueles que, de forma autônoma, praticam atividades comerciais.

À proporção que novos setores ligados à agricultura, à mineração, às indústrias, à pecuária surgiam no Brasil, o campo de trabalho para a mascateação alargou-se sempre mais e foi sendo ocupado, sobretudo, por grupos de imigrantes que se sucederam e disputaram sua prática, passando pelos portugueses, italianos, judeus, sírios e libaneses dentre outros. Nos estudos sobre sírios e libaneses que realizou na cidade de São Paulo no início da década de 1950, Knowlton⁴⁷, baseado em depoimentos de informantes, elabora um quadro que expressa a composição deste percurso.

⁴⁷ KNOWLTON, C.S. Sírios e libaneses: mobilidade social e especial. São Paulo: Anhambi, 1960.

Os primeiros mascates parecem ter sido alemães e portugueses, que encontraram nesse comércio um ótimo negócio para imigrantes paupérrimos. Não se exigia capital, pois o mascate podia conseguir mercadoria a crédito de um compatriota ou de firmas especializadas nesses fornecimentos. Tais firmas eram portuguesas na maioria, embora houvesse também casas alemãs, inglesas e de outras nacionalidades. (...) A mascataria tornou-se uma técnica reconhecida entre muitos grupos de imigrantes no Brasil a fim de acumular capital suficiente para estabelecer-se. À medida em que uma nacionalidade a deixava de lado, outra tomava-lhe a sucessão. Os alemães e portugueses foram seguidos pelos italianos, que por sua vez foram afastados pelos sírios e libaneses⁴⁸.

As atividades comerciais exercidas por imigrantes sírios e libaneses, ligadas ao pequeno comércio varejista e a venda à prestação por várias áreas do país onde o comércio regular não chegava, conservaram por muito tempo a associação entre ser mascate como sinônimo de ser *turco*, termo com sentido altamente pejorativo, associado à falta de seriedade nos negócios. À medida que o tempo passa, a imagem do mascate que percorre todo o país é marcada pela figura do imigrante sírio ou libanês, que chega num momento em que o movimento da economia sustenta-se fortemente no desenvolvimento comercial, impulsionado pela expansão urbano-industrial. Inicialmente marcada como atividade desabonadora, esta imagem pouco a pouco se transforma, afastando-se da idéia do mascate como sujeito perdulário, ignorante e analfabeto e viaja por todo país cantada em prosa e verso, compondo o imaginário brasileiro da personagem que, com coragem, enfrenta todas as dificuldades, supera todas as barreiras, elimina todos os empecilhos, relacionando-se bem com todos. Com esse sentido constitui a unidade de um grupo de imigrantes originários de diferentes aldeias, professando diferentes crenças e que no Brasil distribui-se pelo país afora.

A palavra mascate, por exemplo, tem um poder mágico, faz com que recue até a chegada a Magé. Esclarece, antes: pouco importa o que uma pessoa tenha sido ou queira ser, pouco importam sonhos, desejos, aspirações, fantasias. Ao chegar ao Brasil, libaneses e sírios, árabes em geral, começam mascateando, trouxas ao ombro, sorri e acrescenta, só bem mais tarde irão tomar conhecimento do outro significado da palavra trouxa. Se estão se dando bem e o mascatear dá certo, vão deixar de ser trouxas, não demora adquirem um cavalo, uma carrocinha, depois podem ter uma vendola, um armazém, loja de tecidos, quem sabe uma fabriqueta⁴⁹.

É em torno da figura do mascate que o grupo de imigrantes sírios e libaneses encontra a sensação de domínio da chave que os defina, figura esta que apresentará os significados culturais

⁴⁸ KNOWLTON, C.S. op. cit. p. 113.

⁴⁹ MIGUEL, Salim. *Nur na escuridão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. p. 82.

procurados pelo grupo, organizados de forma a aproximarem-se do pensamento mítico, aqui expresso no sentido que lhe atribuem Arruda⁵⁰, ou seja, pensamento que confere a possibilidade de “proeminência sobre a experiência vivida”, abrindo as “portas de entrada para um plano de vida superior”, onde os seres humanos julgam encontrar o “repositório da sua identidade” e Eliade⁵¹, que apresenta o mito como o relato do modo como “algo foi produzido e começou a ser”, tratando apenas do que “realmente” aconteceu, do que “plenamente” se manifestou, composto por personagens que são conhecidas pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”, uma “história verdadeira”, porque sempre se refere a “realidades”.

Truzzi⁵² aponta o mascate como a “única base possível de identidade coletiva do grupo, fragmentado pelas diferentes regiões de origem”. Foi o mascate que traduziu a capacidade de adaptação na nova sociedade, ao ser invocado como “um autêntico bandeirante integrador e difusor das novidades da capital pelos sertões do Brasil afora” e abriu a possibilidade do domínio de um setor econômico em expansão, neste sentido “encarnou uma espécie de mito fundador da etnia”.

No entanto, enquanto no Brasil manteve-se o pensamento de que as ocupações que giravam em torno do comércio e da indústria não eram apropriadas para pessoas inteligentes e sensíveis e a posse de terras e as profissões liberais, como advocacia, medicina, jornalismo, representavam posições dignas, tradicionalmente valorizadas, a figura do mascate invocada como o bandeirante integrador e divulgador das novidades não conseguiu eliminar sua outra referência menos nobre, muitos dos que prosperaram como imigrantes continuaram sentindo-se desconfortáveis diante da evocação de mascates como ignorantes e analfabetos.

Os primeiros a chegarem do Oriente Médio eram homens adultos solteiros, vindos em busca de fortuna, 63%⁵³ de todos os registros de entradas de turcos-árabes preencheram esta

⁵⁰ ARRUDA, Maria Armanda do Nascimento. Mitologia da mineiridade. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 22.

⁵¹ ELIADE, Mircea. Mito e realidade. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1991. p. 7-23.

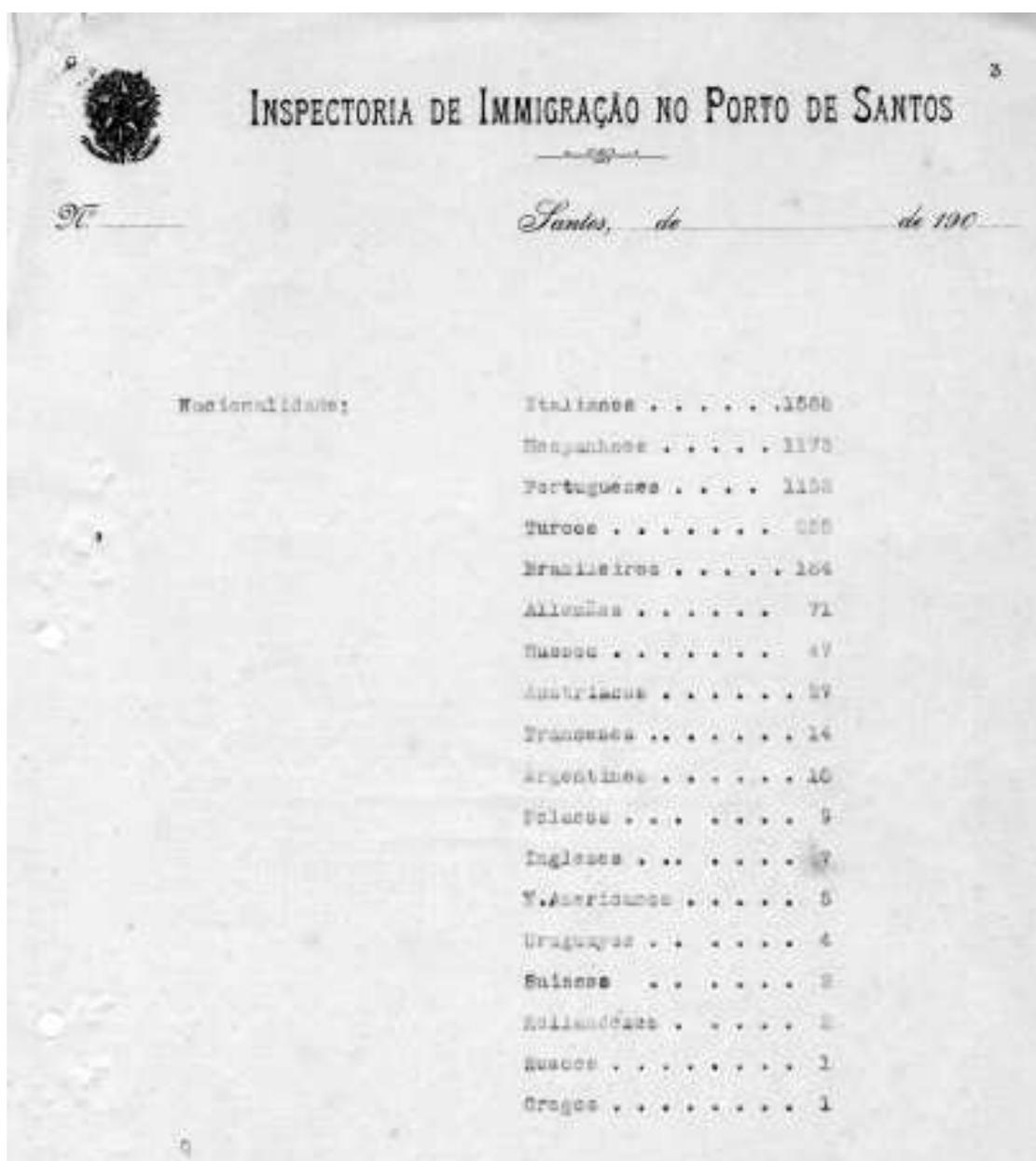
⁵² TRUZZI, Oswaldo M. S. De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Sumaré, FAPESP/Brasília, DF: CNPQ, 1991. p. 67-68.

⁵³ KNOWLTON, C. S. op. cit. O autor usou como base de cálculos as tabelas de entradas no Brasil de 1908 até 1941, apresentadas pela Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, Boletim do Serviço de Imigração e Colonização, n. 2, out. 1941. p. 51-53.

condição, o que facilitou o exercício da atividade de mascate, a qual exigia desprendimento e poucos investimentos iniciais de capital.

Um relatório da Inspetoria de Imigração do Porto de Santos, “embora com o emprego de algum esforço e apesar de todas as contrariedades”, organiza o “quadro completo dos passageiros de terceira classe entrados”, durante o mês de dezembro de 1907, explicitando que o número de imigrantes “foi de 4.552 e, os mesmos, compõem-se de 618 famílias e 1831 indivíduos sem família”, divididos entre 2.974 homens e 1. 578 mulheres.

“Esses passageiros, cujos nomes constam das listas de bordo arquivadas nesta repartição, acham-se assim distribuídos”:



INSPECTORIA DE IMMIGRAÇÃO NO PORTO DE SANTOS

Santos, de _____ de 1907

Nacionalidade:	Quantidade
Italianos	1500
Espanhóis	1170
Portuguezes	1100
Turcos	200
Brasileiros	104
Alemães	71
Russos	47
Austriacos	29
Franceses	14
Argentinos	10
Polacos	9
Inglezes	7
E. Americanos	5
Uruguayes	4
Suissos	3
Hollandezes	2
Ruscos	1
Gregos	1

Parte da página 3 do documento do Registro de Imigração do Porto de Santos no mês de dezembro de 1907, do Arquivo Público de São Paulo, caixa 01/C09824.

O número de 255 turcos que consta do quadro estatístico de chegadas é significativo, pois constitui o quarto grupo em proporção quantitativa, mas contrasta com o registro de uma única ida para a Hospedaria da Capital, circunstância que confirma a situação que para muitos tornou-se motivo de distinção o fato de não serem introduzidos pelo Estado, pagarem suas próprias passagens, não virem maltrapilhos. “Pagaram suas passagens, reiteraram as dificuldades mas não aceitaram passar por elas” são as palavras da neta numa referência aos seus antepassados, recolhidas numa conversa informal sobre as peculiaridades da imigração síria e libanesa.

As cidades do Rio de Janeiro, a partir de 1871, e São Paulo, por volta de 1880⁵⁴, tornaram-se pólos formadores de agrupamentos de sírios e libaneses que em pouco tempo irradiaram-se pela maioria dos centros urbanos brasileiros, daí deslocando-se, em número cada vez maior, como mascates que sozinhos ou em grupos de dois ou três adentravam pelo interior, a pé, em lombo de burros, por via fluvial ou de trem⁵⁵.

A partir do momento em que a economia paulista, impulsionada pela *onda verde* e carregada pelos vagões de trens, expande-se, passa a ser atrativa para todo ramo de negócios, atraindo milhares de imigrantes de variadas nacionalidades, dentre elas os sírios e os libaneses.

O clima de prosperidade favorecia o entusiasmo pelas vendas, e a mascateação oferecia vantagens, embora o trabalho exigisse grande esforço. Dentre as vantagens destaca-se a dispensa de recursos iniciais significativos e, ao seu lado, o fato de ser uma atividade que não pedia grandes habilidades. O início, muitas vezes, dava-se imediatamente após a chegada carregando pacotes, caixas ou malas dos mascates que já mercadejavam e, assim que aprendiam algumas palavras e frases suficientes para negociar, saía-se por conta própria⁵⁶.

No texto *Os libaneses no Brasil*, Jorge Bastani Tanus⁵⁷ retrata o passo de sua vida de mascate:

⁵⁴ KNOWLTON, C. S. op. cit. p. 64. TRUZZI, O. *De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Sumaré, 1991. p. 7-8. HAJJAR, C. *Imigração árabe: 100 anos de reflexão*. São Paulo: Ícone, 1985. p. 86.

⁵⁵ Autores como Knowlton, Truzzi, Hajjar, Safady referem-se ao assunto.

⁵⁶ Id. ibid. p. 55.

⁵⁷ TANUS, J. B. *Os libaneses no Brasil*. In: JORGE, Salomão. *Álbum da colônia sírio-libanesa no Brasil*. São Paulo: [s.n.], 1948. p. 91-131.

[...] numa madrugada, sobraçando um pequeno baú, cheio de pares de meias para homens, mulheres e crianças, carretéis de linha, peças de algodão, brincos e ‘bichas’ para enfeites femininos, anéis, broches e pulseiras de fantasia, agulhas, pentes, sabonete e uma infinidade de outros objetos, saí em direção à ‘roça’, mercadejando os meus artigos, e levando no ‘bornal’ alguns sanduíches para merenda. Não precisava levar almoço ou jantar, porque sabia que em cada casa onde chegasse à hora da refeição seria, por ‘tradição brasileira’, convidado para tomar parte na mesma.

Quando as vendas iam bem e um lugar favorável apresentava-se, o negócio era estabelecido e à medida que prosperava, parentes e amigos eram chamados para mantê-lo ou ampliá-lo. Assim, a atividade comercial fortaleceu-se entre os imigrantes de origem síria e libanesa. Com o tempo foi possível visualizar também concentrações destes imigrantes procedentes de uma única região ou aldeia do Líbano ou da Síria em cidades brasileiras.

Altinópolis, Batatais e Santo Antônio da Alegria, cidades paulistas vizinhas que receberam imigrantes de origem síria e libanesa registram a aldeia de All-Muzaible, hoje All-Mozaina, na Síria, como o local de origem da maioria das pessoas, conforme pode ser verificado no Serviço de Registros de Estrangeiros de Santo Antônio da Alegria⁵⁸, no livro *Colônia árabe de Altinópolis*⁵⁹, e confirmado por descendentes em depoimentos.

A tarefa de mascatear, embora lidasse com uma série de riscos, abria possibilidades mais amplas de melhoria de vida. O trabalho era árduo mas recompensado, em grande parte, com o acúmulo de capital suficiente para estabelecer negócio próprio, situação que não foi experimentada por outros grupos de trabalhadores da época, como colonos e operários que se viam, inclusive, ameaçados pelo fantasma do desemprego que não atingia os mascates.

Os mascates, em geral, tomavam junto aos patrícios já estabelecidos, mercadorias que seriam pagas após as vendas, relacionamento facilitado pelo fato de que o comerciante fornecedor havia vivenciado a mascateação que lhe possibilitava estabelecer-se, o que lhe permitia conhecer bem o ofício e conseqüentemente aceitando sem restrições a dinâmica do acordo. Aliada a estas circunstâncias, estava a situação de parentesco, compadrio ou amizade, pois, muitas vezes, o mascate nada mais era do que um amigo, um parente, um conterrâneo

⁵⁸ Santo Antônio da Alegria, Serviços de Registros de Estrangeiros, Delegacia de Polícia; ASSE, J. S. *Colônia Árabe de Altinópolis*. Edição do autor, 1985.

⁵⁹ MIGUEL, Salim. op. cit. p. 83.

recém-chegado que precisava de um pequeno impulso na nova terra. Condições estas que de modo algum lhe tiravam a autonomia.

Os primeiros dias são de aprendizado. Não demora, trouxa ao ombro, de ônibus ou a pé, só ou acompanhado de um patrício, poucas palavras de um português macarrônico, desde que pudesse se fazer entendido e vender seus produtos lá ia o pai em busca de algum lucro de experiência, de recursos para continuar investindo. As compras são feitas no empório de patrícios, em consignação, para pagamento posterior, quando fosse possível. [...] ⁶⁰.

Com a dinâmica de expansão da atividade, não tardou que vendedores ambulantes trilhassem rumo às promissoras regiões cafeeiras, onde o comércio muito prometia, facilitado pela chegada dos trens.

Para viabilizar novos negócios, todas as boas perspectivas eram consideradas, mas entraves havia, certamente proporcionais à disputa mais ou menos acirrada de setores comerciais em pleno vigor, alavancados pela reordenação dos espaços rurais e urbanos, anunciada pela instalação de trilhos e o apito dos trens.

Embora os mascates chegassem de trem, sua presença foi anunciada no município de Batatais com desconfiança como uma nuvem em movimento que, fora de alcance e controle, invade o município e as ruas da cidade, tirando o sossego de comerciantes por interferir na ordem comercial local.

A preocupação com a concorrência é tal que um documento, assinado em 1890 por aqueles que se sentiram subjugados pelos desatinos comerciais dos mascates, expressa a indignação com a inércia da fiscalização que castiga o comércio de portas abertas, com altas taxas de impostos enquanto pede aos mascates um “insignificante imposto de cinquenta mil reis anuais que pagão por caixinha”⁶¹.

Trinta comerciantes queixosos que assinam o documento atribuem a aglomeração de mascates no município de Batatais ao fato de se colocarem menos impostos que em outras localidades do Estado de São Paulo. Esclarecem que não desejam a expulsão dos mascates, que,

⁶⁰ MIGUEL, Salim. op. cit. p. 83.

⁶¹ Documento do Arquivo da Câmara Municipal de Batatais, caixa 003/025, 8 nov. 1890.

como todos, têm o direito de negociar, mas pedem ao intendente que faça valer seus direitos, aumentando os impostos a exemplo dos municípios vizinhos de Ribeirão Preto e Casa Branca. Atitude esta que, segundo eles, traria bons resultados, tanto para os cofres públicos, quanto para a grande concorrência provocada pela aglomeração dos mascates e seus camaradas, carregados de caixinhas, cestas e embrulhos, concorrendo com a venda dos mesmos gêneros pelo comércio local, inclusive jóias de ouro, o que foi considerado um abuso. “Portanto: vamos por meio desta, pedir como pedimos a muito digna Intendência d’esta Cidade, tomar providências enérgicas, afim de que nossos interesses não soffra por motivos d’aquelles”⁶².

Antes de finalizarem o documento, os reclamantes alertam para a diferença entre o que consideram apenas uma queixa contra o número excessivo de mascates que circulam no município e as providências que realmente esperam que sejam tomadas e que se voltam para as *vistas grossas* dos fiscais das freguesias que, por inércia, provocam o abuso de “mascates de fora que enfeitão este município”.

Queixas e apelos de comerciantes estabelecidos ocorrem pelo de fato que estabelecer comércio implica risco de capital para aplicação no imóvel, nas mercadorias, nas licenças e nos impostos. A concorrência de segmentos desvinculados destas obrigações tem sido motivo de conflitos que se instalaram sempre que estes interesses estão em jogo, como nos mostram tanto as palavras dos comerciantes, cercadas de cuidados para não deixarem transparecer intolerância: “Não desejamos a expulsão dos referidos mascates, por que, como nós, têm o direito de negociar”⁶³, quanto aquelas que são carregadas de significado para os que lidam com o comércio: prejuízo, abuso, inércia, justiça.

Embora mais de um século tenha transcorrido da elaboração do documento, permanece no uso da língua portuguesa o sentido dos maus ventos que carregam nuvens invasoras. A utilização da imagem “grande nuvem de mascates” para marcar a presença indesejada dos concorrentes traduz a indignação geradora do documento, ressaltando ainda o referido documento a especificação de que se tratava de uma nuvem de mascates turcos, o que bem demonstrava quem

⁶² Documento do Arquivo da Câmara Municipal de Batatais, caixa 003/025, 8 nov. 1890.

⁶³ Id. *ibid.*

eram.

Perceber na dinâmica comercial, dada sua maior visibilidade, um palco de vários embates, permite apontar a trajetória de representações do pequeno comerciante e do ambulante, como tradutora da deslealdade na concorrência e da ação livre de maiores controles, sobretudo fiscais. Ao optar por esta atividade, os imigrantes originários tanto da Síria, quanto do Líbano, adentram um universo por onde outros grupos passaram: o mascate português, substituído pelos italianos e desalojados posteriormente pelos *turcos de prestação*. No Brasil, a categoria *turco* adquire conotação negativa, uma identidade imposta e extensiva a todos os imigrantes de língua árabe, associando a expressão étnica com a atividade comercial: ser mascate passa a ser sinônimo pejorativo de *turco*⁶⁴.

Recordações da infância passada numa aldeia libanesa inspiraram a história de Amina Salum, personagem que mergulha em suas lembranças e reflete sobre o amor, o trabalho, as diferenças entre os povos, mas, sobretudo, sobre os libaneses maronitas na dura faina de imigrantes pobres que lutam para que o sonho reconhecido como Amrik⁶⁵ não se apague. É dela a afirmação que [...] “as famílias grandes de italianos ou luis ou tiroleses [...], eles cuspiam no chão quando passava um mascate árabe” [...]⁶⁶.

Hostilidades dirigidas aos que se voltaram para a exploração de pequenos empreendimentos comerciais e vendas à prestação acompanharam os grupos imigrantes dedicados a estas tarefas. No Rio de Janeiro, portugueses que no final do século XIX e início do século XX vieram tentar uma vida melhor e se concentraram em atividades urbanas ligadas ao pequeno comércio constituíram as categorias dos “caixeirinhos portugueses ou galegos”, jovens que, sem laços familiares, chegavam para trabalhar opondo-se aos nacionais considerados preguiçosos. A teia de preconceitos foi constituindo-se a partir do momento em que passaram a ser “vistos como sovinas, que atrapalhavam o progresso”⁶⁷. No romance *O Cortiço*, escrito por

⁶⁴ PEREIRA, João Batista Borges. Os imigrantes na construção histórica da pluralidade étnica brasileira. *Revista USP/Dossiê depois de Cabral: a formação do Brasil*. São Paulo, n. 46, p. 6-29, jun./ago. 2000.

⁶⁵ AMRIK – referência árabe à América.

⁶⁶ MIRANDA, A. *Amrik*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997. p. 54.

⁶⁷ OLIVEIRA, L.L. *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 30-31.

Aluísio Azevedo, diferentes percepções sobre os portugueses podem ser observadas por meio de personagens estereotipadas:

[...] aquele taverneiro, na aparência tão humilde e tão miserável, aquele sovina que nunca saíra dos seus tamancos e da sua camisa de riscadinho de Angola; aquele animal que se alimentava pior que os cães, para pôr de parte tudo, tudo, que ganhava ou extorquia, aquele ente atrofiado pela cobiça e que parecia ter abdicado dos seus privilégios e sentimentos de homem; aquele desgraçado, que nunca jamais amara senão ao dinheiro, invejava agora o Miranda, invejava-o deveras [...]⁶⁸.

Em São Paulo, na figura do carcamano, alcunha jocosa atribuída aos italianos, desenvolveu-se uma imagem preconceituosa ligada à ignorância, hábitos de pouca higiene e falta de honestidade.

A imagem preconceituosa associada aos hábitos de pouca higiene dos italianos também pode ser observada em um ofício dirigido à Câmara Municipal de Batatais⁶⁹ no dia 12 de novembro de 1889, onde um fiscal da *Freguesia de Matto Grosso*⁷⁰, entre outras queixas, denuncia a infração do código de posturas “pela Italianada [...], que como V. S^{ras} sabem (salvo raras exceções) tem o gosto de viverem na imundície e por isso não deseja que eu cumpra com as minhas obrigações”. A presença da expressão *Italianada* pode ser interpretada como um reforço para o sentido negativo, tradutor das reservas que havia em relação a esse grupo de imigrantes, neste caso registradas oficialmente.

Zélia Gattai⁷¹, escritora, filha de imigrantes italianos, apresenta como explicação para o preconceito, “principalmente dirigido aos calabreses vindos à procura de fortuna no Brasil”, o fato de constituir-se num grupo de imigrantes “extremamente religioso, profundamente patriota, de sangue quente. Comprava barulho por um dá cá aquela palha mas, ao mesmo tempo, era terno e alegre”⁷².

Na Bahia, para onde foi atraída a maioria dos imigrantes de origem espanhola, também houve uma pressão muito grande aos galegos por ocuparem espaço comercial de secos e

⁶⁸ AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: O Estado de São Paulo/ Klick, 1997. p. 90

⁶⁹ Documento do arquivo da Câmara Municipal de Batatais, caixa 002/141, 12 nov. 1889.

⁷⁰ Atual município de Altinópolis.

⁷¹ GATTAI, Zélia. *Anarquistas graças a Deus*. Rio de Janeiro: Record, 1979.

⁷² Id. *ibid.* p. 85-87.

molhados, pastelarias e padarias, serem acusados de falarem uma língua enrolada, serem sovinas, exploradores do povo da terra, em situação de crise no abastecimento de gêneros alimentícios eram acusados como responsáveis pelo aumento do custo de vida. Assim como para os portugueses no Rio e os italianos em São Paulo, a trapaça passa a ser a representação dos galegos no comércio de Salvador. “Galego passa a ser sinônimo de ignorante, bruto e sem higiene!”⁷³

A discriminação enfrentada pelos imigrantes que se dedicaram ao pequeno comércio e ao comércio ambulante não é extensiva à atividade de mascateação dos sírios e libaneses nas fazendas de café. Para os colonos das fazendas, por exemplo, os mascates representavam a possibilidade de negociar fora do armazém do patrão, em condições de crédito facilitadas, por isso eram recebidos receptivamente:

[...] os mascates embrenharam-se sertão adentro, percorrendo fazendas onde eram recebidos pelos colonos que preferiam negociar com eles. As condições de pagamentos eram mais tolerantes, e as compras fora da venda da fazenda diminuía a dependência dos colonos em relação aos fazendeiros⁷⁴.

A chegada do mascate Alfredo Simão à fazenda Ressaca, no município de Altinópolis, faz parte das felizes lembranças de Zenaide⁷⁵, que ressalta “a satisfação das mocinhas” diante de “objetos tão atraentes” para quem poucas vezes podia ir à cidade. As grandes latas redondas e tampadas que o mascate carregava eram repletas de fitas coloridas, passadores de cabelos, brochinhas, causando grande contentamento geral, conforme contou Zenaide.

Safady⁷⁶, nos depoimentos que registrou como contribuições para a composição de uma história da imigração de povos do Oriente Médio para o Brasil, atribui a duas circunstâncias o que considera um mau uso da expressão turco. A primeira, em razão do:

[...] domínio turco do Mediterrâneo oriental, que era um sério e impenetrável obstáculo às expansões portuguesas, criou-se, desde a era dos descobrimentos um complexo de ódio à Turquia e aos turcos. Esse ódio veio a renascer nos portugueses logo que os ben-

⁷³ OLIVEIRA, L.L. op. cit. p. 49-50.

⁷⁴ TRUZZI, Oswaldo M. S. De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Sumaré, FAPESP/Brasília, DF: CNPQ, 1991. p. 54.

⁷⁵ As lembranças de Zenaide compõem sua participação nos depoimentos pessoais do marido Júlio Abeid, filho de imigrante libanês.

⁷⁶ SAFADY, Wadih. Cenas e cenários dos caminhos de minha vida. Belo Horizonte: Santa Maria, 1966.

árabes⁷⁷ começaram a imigrar e penetrar nos territórios brasileiros;

a segunda, derivada da “concorrência comercial e industrial e o bom êxito dos ben-árabes nesse setor, o que veio a exagerar o ódio ao nome turco, que desde então começou a ser usado como adjetivo depreciativo”⁷⁸.

Os primeiros imigrantes libaneses ou sírios não toleravam ser chamados de turcos, o que podia provocar uma reação até mesmo violenta, mas com o tempo, na nova terra, a entonação depreciativa do termo vai perdendo sua força. Para ilustrar, pode-se recorrer aos depoimentos das irmãs Salwa e Leilah Nassralla, que são proprietárias de casas comerciais na cidade de Batatais, sendo reconhecidas como *as turcas* pelos fregueses em geral e que afirmam que de modo algum sentem-se constrangidas com a referência⁷⁹.

As causas das hostilidades estavam ligadas à concorrência nos preços e modos de negociar e nas disputas pela freguesia, questões caras para o comércio, pois colocam em risco a segurança, a estabilidade. A partir de então, todos os tipos de protestos são válidos, desde um abaixo-assinado chamando a atenção das autoridades competentes, até uma campanha difamatória.

Das várias campanhas efetuadas contra os turcos, a maior aconteceu nos jornais do Rio de Janeiro⁸⁰ e expandiu-se de tal forma que inúmeras histórias foram inventadas contra os mascates. Frases como “turco come gente” passaram a circular em vários pontos do Brasil.

Coincidiu que, enquanto comemoravam o domingo com churrasco, quibi, bebidas, cantos e danças folclóricas, foram interrompidos pelo delegado de polícia. Pediu desculpas ao grupo árabe pelas suspeitas e denúncias de alguns populares de que fossem eles os matadores da criança desaparecida. Sendo o churrasco um belo carneiro, a frase ‘turco come gente’ foi o bastante para os fanáticos trabalharem. Viram na cabeça do carneiro o motivo para denunciarem-na como sendo a cabeça da criança (...) chegavam

⁷⁷ SAFADY, Wadih. Cenas e cenários dos caminhos de minha vida. Belo Horizonte: Santa Maria, 1966. p. 13. O autor explica que adotou o neologismo híbrido ben-árabe por ser o nome que designa (na língua árabe) os imigrantes vindos dos países árabes. Ben ou ibn significa filho: ibn-‘arab no singular e aulad-‘arab no plural.

⁷⁸ Id. *ibid.* p. 190.

⁷⁹ Depoimento de Salwa e Leilah Nassralla, jul 2001.

⁸⁰ SAFADY, Wadih. Cenas e cenários dos caminhos de minha vida. Belo Horizonte: Santa Maria, 1966. p. 191.

notícias da criança que regressara ao seu lar. Aí a fúria popular amainou[...] ⁸¹.

A frase está presente nas memórias da infância de Jamile Miguel⁸² ao recordar que um amigo de seu pai chamado Jorge Salama, para aflição de muitas pessoas próximas, comia miúdos de carneiro, crus, costume que segundo ela poderia ter certa ligação com a idéia de que “turco comia gente”.

Outro fato que pode ter inspirado a idéia dos mascates serem vistos como comedores de crianças foi o *crime da mala*, cometido pelo *turco* Michel Irad e que teve imensa repercussão na imprensa no ano de 1908⁸³.

Para aplacar a onda difamatória, os imigrantes, sobretudo os residentes nas grandes cidades, organizaram-se em várias associações para neutralizá-la. Ao final da Primeira Guerra Mundial, em 1918, o uso equivocado do termo turco vai desaparecendo. É possível compreender que as atitudes discriminatórias desenvolvem-se como conseqüência do contato de diferentes etnias em condições de desigualdade econômica e social.

Se o preconceito em relação a sírios e libaneses abrangia de fato todo um conjunto de interpretações estereotipadas variáveis ao longo de sua assimilação, fica difícil por outro lado imaginar que ele assumiu uma consistência capaz de interpor barreiras ao sucesso econômico dos membros da colônia⁸⁴.

À medida que o Brasil se urbaniza, embates de maior ou menor intensidade entre os setores do comércio estabelecido e do comércio ambulante ocorrem. Agora não mais ligados à figura do mascate, que com a ampliação dos meios de comunicação e a abertura de estradas de rodagem facilitando o acesso à cidade, é ressignificada, passando a compor o imaginário das pessoas e habitar histórias de todos os gêneros, aventuras, casos, tragédias. A nova situação apresenta outras formas de concorrência.

⁸¹ SAFADY, Wadih. *Cenas e cenários dos caminhos de minha vida*. Belo Horizonte: Santa Maria, 1966. p. 191.

⁸² Filha de imigrantes sírios em depoimentos pessoais recolhidos durante o mês de julho de 2001.

⁸³ NOSSO Século – 1900-1910 (I). *A era dos bacharéis*. (1ª parte). São Paulo: Abril Cultural, 1985. p. 65. Edição Exclusiva para o Círculo do Livro.

⁸⁴ TRUZZI, Oswaldo M. S. *De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Sumaré, FAPESP/Brasília, DF: CNPQ, 1991. p. 38.

Na aurora do século XXI, conflitos entre setores comerciais continuam colocando em confronto, de um lado, aqueles que são apontados pela ilegalidade ao escaparem dos controles fiscais mais rigorosos, de outro, os representantes da legalidade pagadores de impostos oficiais, ambos clamando por justiça.

Não são mais as grandes nuvens de mascates turcos que faziam qualquer negócio, por qualquer valor e por este motivo reconhecidos como *turcos de prestação*, identificação depreciativa com finalidade de desqualificar, intimidar, que representam os augúrios dos maus ventos, e, sim, os camelôs⁸⁵ personagens tradutoras da informalidade nos negócios comerciais.

Os camelôs exercem uma ocupação basicamente urbana que se apresenta tanto como estratégia de sobrevivência, quanto de ascensão social para aqueles que não tiveram acesso à educação formal significativa e que dispõem de algum capital inicial para montar negócio, uma vez que não têm fiadores, como nos casos dos mascates sírios e libaneses que encontravam arrimo nos balcões dos patrícios.

A explicação para a proliferação de camelôs nas grandes cidades tem sido atribuída à falta de apoio aos desempregados. Bila Sorj⁸⁶, em estudos que realizou nas áreas centrais do Rio de Janeiro, obteve resultados que contrariam esta afirmação, uma vez que o comércio ambulante apresenta-se como uma “opção de trabalho para a maioria dos indivíduos que dele se ocupam”⁸⁷. Para a autora, os vendedores ambulantes têm uma visão bastante elaborada das suas chances no mercado de trabalho, dentre os quarenta depoimentos colhidos entre os camelôs, a maioria (54,8%) demitiu-se do último emprego motivada pelos baixos salários e optou pelo comércio ambulante.

Os vendedores ambulantes, ou camelôs, encaixam-se no que atualmente se designa setor informal da economia e apresenta-se como reduto de ocupações instáveis, com poucos rendimentos, baixos níveis de escolaridade, com atividades de caráter temporário.

⁸⁵ Camelô, do francês *camelot*, que significa mercador que apregoa e vende na rua, ilegalmente, objetos de pouco valor.

⁸⁶ SORJ, Bila. Camelôs: o sonho perseguido. *Ciência Hoje*. v. 8, n. 47, p. 17-24, out. 1988.

⁸⁷ Id. *ibid.* p. 21.

O conceito de setor informal surge a partir da década de 1970, quando um conjunto de estudos sobre mercados do trabalho é realizado na África sob patrocínio da Organização Internacional do Trabalho (OIT). O objetivo era procurar explicações para um aparente paradoxo constatado nas economias em desenvolvimento onde, ao mesmo tempo em que a absorção da mão-de-obra ocorria em proporções menores às do crescimento das populações urbanas ativas, os níveis de desemprego permaneciam reduzidos.

Uma das principais conclusões alcançadas nestes relatórios foi que o problema social mais importante naqueles países não era o desemprego, mas sim a existência de um grande número de ‘trabalhadores pobres’, ocupados em produzir bens e serviços sem que suas atividades estivessem reconhecidas, registradas, protegidas ou regulamentadas pelas autoridades públicas⁸⁸.

Setor extremamente heterogêneo inclui tanto atividades dinâmicas que acarretam constantes mudanças no setor, quanto estagnadas com pequenos negócios que utilizam técnicas consideradas ultrapassadas.

A importância do setor informal depende, obviamente, de sua natureza, que não é perfeitamente conhecida [...] Sua principal contribuição é a geração de emprego e qualquer política que o reprima terá impactos sérios sobre o nível de desemprego. Englobando também atividades dinâmicas e competitivas, é relevante não só na geração de novas idéias e produtos, mas igualmente como uma via alternativa de ascensão social⁸⁹.

A dinâmica dos setores comerciais informais é em grande parte desconhecida, tratando-se de um tema que pode e precisa ampliar reflexões sistemáticas. Foi objeto de algumas considerações no que diz respeito às referências ligadas às atividades comerciais informais no momento em que este setor esteve, de modo marcante e significativo, nas mãos de imigrantes de origem síria e libanesa, por se tratar de considerações que se originaram a partir de informações obtidas entre um e outro relato oral e que possibilitaram tanto o acesso ao abaixo-assinado contra a presença de mascates no município de Batatais em 1890, quanto ao conhecimento da existência de um Arraial onde se estabeleceram algumas famílias chegadas da Síria ou do Líbano no início do século XX. São documentos que constituem importantes registros que assinalam momentos da

⁸⁸ SINGER, Paul. Trabalho informal: origens e evolução. In: DOMBROWSKI, Osmir *et al.* Mapa do trabalho informal: perfil sócio-econômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. p. 11 – 23.

⁸⁹ SORJ, Bila. op. cit. p. 20.

chegada deste grupo de imigrantes aos municípios de Batatais, Altinópolis e Santo Antônio da Alegria.

1.3 O ARRAIAL DO SOUZA⁹⁰

Tudo isso agora é passado, acabou, e o local transformou-se num canavial, restando somente como lembrança daquele lugar o antigo sino da capela [...].

Ercília Mateus Teixeira.

As fontes orais, sobre as quais elaboraremos algumas reflexões mais adiante, constituem um elemento importante para determinados estudos, pois conduzem a inúmeras possibilidades de contatos com outras variadas fontes, orientando um diálogo entre elas. Assim, registros guardados nas memórias e nas gavetas afluem, não como verdade histórica, mas como uma versão organizada sobre esta ou aquela questão, atribuindo assim uma dinâmica própria a cada questão pesquisada.

A partir de relatos orais, constituídos pelo diálogo com outras fontes, foi possível uma reconstrução conjunta da história vivida por parte dos imigrantes sírios e libaneses que têm seus descendentes vivendo em Batatais e que, ao chegarem, se instalaram num dos lugarejos que funcionavam como pólos comerciais para os habitantes de regiões agrícolas que, dada a distância, o modo de vida ou mesmo a precariedade de comunicação, raros contatos tinham com as cidades.

⁹⁰ A expressão *arraial* é registrada no Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa com o significado, dentre outros, de aldeola, lugarejo. Para a situação que se apresenta, talvez o sentido de uma povoação de caráter temporário seja adequada para significar o Arraial do Souza.

Neste caso, o ato de rememorar traz à tona uma orientação por meio dos tempos e acontecimentos, abrindo através do dito e do não dito passagens para uma interpretação que não se deseja certa, mas profícua porque, de certo modo, opõe-se à memória oficial ao retomar um processo interrompido na construção histórica das memórias.

As lembranças compuseram a imagem que permitiu transformar em informações presentes, situações passadas das quais o grupo não tem registros, permanecendo guardadas nas memórias que, reavivadas, originaram a representação de um espaço que se constituiu no elo entre grupos pioneiros de imigrantes que chegaram sobretudo da Síria e as vizinhas cidades de Batatais, Altinópolis e Santo Antônio da Alegria, onde vieram depois fixar-se constituindo família e organizando a vida para sobrevivência.

Assim afloraram circunstâncias, subvertendo o silêncio do tempo em que lembranças não foram transmitidas às gerações que desconhecem os caminhos percorridos pelos antepassados, rompendo as barreiras das memórias e configurando a partir de fragmentos o documento que ora se apresenta.

Ao procurar Marina Mansur, moradora de Batatais, para fazer um depoimento sobre fatos e passagens ligadas à origem síria de seus pais e tios, a referência ao povoado onde seus pais viveram quando chegaram ao Brasil como imigrantes, no início do século XX, despertou uma curiosidade que não pôde ir adiante dada a falta de maiores detalhes. Nos vários encontros que mantivemos, a única informação acrescentada foi uma localização nebulosa que colocava o povoado em terras que então pertenciam à Vila de Mato Grosso de Batatais, atual município de Altinópolis⁹¹.

Procurando fatos que trouxessem à luz o reconhecimento do referido povoado, perguntas sobre sua existência passaram a ser uma constante. A resposta, no entanto, manteve-se negativa até o depoimento do neto de libaneses, Julinho Abeid.

⁹¹ Altinópolis, município da região nordeste do Estado de São Paulo que faz divisas com o Estado de Minas Gerais e com os municípios paulistas de Santo Antônio da Alegria, Cajuru, Serra Azul, Serrana, Brodowsky, Batatais e Patrocínio Paulista.

Não foi propriamente Julinho quem deu as pistas que levariam ao povoado, e, sim, Zenaide, sua mulher. Presente nas conversas, interferiu diante da menção ao povoado. Lembrou-se de que a fazenda Ressaca, de propriedade de seu pai, tinha nas proximidades um lugar conhecido por Souza. Completou explicando que os atuais proprietários eram de Batatais, Carlos César Barbosa e Célia Catarina Bianco Barbosa, que por muitos anos residiram fora e que depois de aposentados adquiriram uma residência nesta cidade.

O próximo e rápido passo foi marcar um encontro com Célia e Carlos, que, por meio de algumas indicações pontuais, contribuíram para compor mais uma peça do intrincado mosaico.

Conforme esclareceram, o nome do povoado era Arraial do Souza, um núcleo que abrigou casas de moradia, comércio em geral, açougue, igreja e possivelmente um cemitério. O nome do lugar está ligado ao córrego do Souza, que corta as terras situadas nas proximidades das divisas dos atuais municípios de Altinópolis e Santo Antônio da Alegria, no caminho da estrada para Cajuru.

Segundo os atuais proprietários, há sinais dos alicerces de aproximadamente 50 casas, capela identificada pelos esteios, cemitério cuja existência pode ser creditada a uma cruz de ferro, semelhante àquelas que eram colocadas em túmulos, conforme observa Carlos, que a encontrou durante uma de suas andanças pelo local.

Quando adquiriram as terras, há vinte anos, na década de 1980, tomaram conhecimento que não eram registradas no INCRA⁹² conforme era exigido na ocasião, nestas condições souberam que originalmente a proprietária era a Arquidiocese de Ribeirão Preto e para lá se dirigiram para regularizar os papéis.

Afirmaram que, na verdade, pouco sabiam sobre o arraial, as informações de que dispunham foram recolhidas entre uma conversa e outra, durante visitas aos vizinhos que

⁹² INCRA, trata-se da sigla do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, órgão criado pelo governo federal em 1970, cujo objetivo era fazer o levantamento cadastral das propriedades agrícolas e a demarcação de terras devolutas e áreas prioritárias para a colonização e reforma agrária, cabendo-lhe também a tarefa de organizar e implementar medidas executivas. Após 1985, passou a ser vinculado ao Ministério de Assuntos Fundiários e, em 1987, foi extinto sendo suas funções transferidas para o Instituto Jurídico de Terras Rurais (INTER). ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE CULTURA, Nova Cultural, 1998.

afirmavam ter sido um local de muitas festas, que também conviviam com a presença de Dioguinho⁹³, um bandido lendário da região.

Das inúmeras histórias contadas sobre Dioguinho, algumas estão ligadas à presença de imigrantes sírios e libaneses, inclusive o caso de um mascate sírio que foi por ele espancado até morrer e teve a orelha cortada depois de morto, fato ocorrido na Fazenda Pântano, em Cravinhos, conforme consta em depoimentos feitos na polícia, segundo o Processo n. 1.789, Cartório do 1º Ofício em São Simão⁹⁴.

Mascates que vendiam suas bugigangas nas fazendas de Franca, Batatais, Altinópolis, Cajuru, Santo Antônio da Alegria, tinham freqüentes encontros com o temido bandido e daí surgiam histórias das arábias, como a contada por Jorge Salomão Asse⁹⁵: os primeiros sírios que chegaram, numa de suas viagens para comerciar nas fazendas, conheceram o *cangaceiro Dioguinho Rocha*, famoso na época. Dioguinho não os deixou dormir, pois passou a noite toda perguntando como se falava em árabe esta ou aquela palavra. Foi um tal de perguntar como era boca, nariz, olhos, *o membro do homem* e assim por diante, até reconhecer quando o dia amanheceu que os árabes eram inofensivos. Sua conclusão foi que “esses árabes são iguais ao pássaro João de Barro, não fazem mal a ninguém”. Assim viram-se livres para seguir caminho e levar a façanha adiante para ser contada e recontada.

⁹³ Dioguinho Rocha – Trata-se de Diogo da Silva Rocha que também assinava Diogo da Rocha Figueira e que se tornou célebre pelo apelido de “Dioguinho”. Morou em São Simão, Araraquara, Batatais e Altinópolis. Quando foragido da justiça morava quase sempre em fazendas. Muitas arruaças e crimes cometeu mas outros tantos lhe foram imputados pela imaginação popular. Enquanto as autoridades viviam às voltas com Dioguinho e seu bando e a população em sobressaltos, era acoitado por fazendeiros que, além de lhes darem guarita, mandavam avisá-lo do movimento da polícia. Era natural de Botucatu onde nasceu no dia 9 de outubro de 1863. “Morto ou não, o dia 1º de maio de 1897 foi o fim da série de crimes cometidos por Dioguinho, Joãozinho e seu bando. Dioguinho tinha, então, 33 anos de idade”. Seu corpo desapareceu para sempre nas águas do rio Mogy-Guassú, ferido ou morto pelo pelotão da polícia de São Paulo sob o comando do Tenente Coronel França Pinto. OLIVEIRA, F.P. Elementos para a história de São Simão. p. 263-275.

CÂMARA CASCUDO, em seu Dicionário do Folclore Brasileiro registra um verbete sobre Dioguinho, de onde se destaca: “Atingido em cheio por uma descarga, Dioguinho caiu da canoa em que vinha pelo rio, desaparecendo. Não encontramos o cadáver. Não sabia nadar e vinha carregado com armas e munição abundantes (...) Afirmava-se que o bandido sobrevivera e voltaria para vingar-se. Alto, magro, musculoso, ágil, atirando maravilhosamente, gostando de música, lendo quase todas as noites o Horas Marianas, um livro de orações devotas, para tornar-se invulnerável, Dioguinho manteve o tipo clássico de matador, insensível, arrebatado, matando para experimentar uma arma nova ou provar a excelência da pontaria”.

⁹⁴ OLIVEIRA, F.P. op. cit. p. 269.

⁹⁵ ASSE, Jorge Salomão. Colônia Árabe de Altinópolis. Altinópolis: Edição do autor, [s.d.].

Simão Mathias⁹⁶, filho de comerciante libanês, conta o que considerou um dos interessantes episódios vividos por seu pai, quando deixou o Rio de Janeiro para mascatear em Goiás:

Corria o ano de 1889, por aí, quando então, mascateando a cavalo, único meio de transporte, seguia para uma pequena vila perto de Goiânia, encontrou o tal Dioguinho que diz: - 'Ah! Estou indo com sua cara'. Depois desta observação os dois foram proseando até alcançarem a vila quando despediram-se cordialmente. Ao encontrar os amigos foi logo revelando: 'Olha, eu estive com o Dioguinho'. Os companheiros arregalaram os olhos mal acreditando que ainda pudesse estar vivo depois de encontrar com o famoso salteador.

Quanto à história a seguir, contada por João Batista Garcia Maia⁹⁷, talvez se enquadre na hipótese, por muitos nunca descartada, de que Dioguinho não havia morrido, crença que advém do fato de seu corpo nunca ter sido encontrado, ou então, pode tratar-se de uma traição da memória, ao mencionar o ano de 1932 como palco do acontecido:

SOUZA situava-se a oeste do município de Santo Antônio da Alegria, ao lado da Fazenda da Matinha, às margens do Córrego Souza, próximo da divisa de Cajuru e Altinópolis.

Aquele arraial, como diziam as pessoas mais antigas que ali freqüentavam, era divertido, sendo que alguns acontecimentos ocorridos por lá relatamos a seguir.

Os moradores de 1932 eram os senhores José Virgílio, Júlio Borges, José Ventura, João Borginho, José Venerano, Servino (o açougueiro) e o Aleixo.

Aleixo era um mulatão que morava na Matinha e gostava de freqüentar o SOUZA para beber um pingão (cachaça), metido a valente sem ser de nada. Quando voltava de Souza, no caminho encontrou um cavaleiro que pediu que o ensinasse o caminho para lá. Aleixo sacou uma garrucha velha e começou a apontar a garrucha para ensinar o caminho.

O cavaleiro lhe disse:

- Mas o senhor devia me ensinar o caminho com as mãos e os dedos e não com a garrucha.

- Comigo é assim e não adianta achar ruim, respondeu Aleixo.

- O senhor sabe com quem está falando? Sou o Dioguinho...

Com aquela declaração Aleixo quase desmaiou, de pernas bambas, pediu perdão dando a desculpa que tinha tomado umas pingas no SOUZA e não estava no seu estado normal.

- Não o mato porque você não vale uma bala! Vou lhe dar dois castigos. Vamos para sua casa. Lá você vai me dar um almoço e vai caçar uma perdiz no lugar do cachorro para eu matar, finalizou Dioguinho.

Aleixo seguiu na frente, acompanhado de Dioguinho. Fez o almoço e Dioguinho o fez comer primeiro e depois Aleixo saiu de quatro pés à procura da perdiz que naquele tempo tinha à vontade. Já perto da casa deu sorte pois logo deu com uma perdiz que

⁹⁶ O depoimento de Simão Mathias está registrado em GREIBER, MALUF & MATTAR. Memórias da imigração: libaneses e sírios em São Paulo. São Paulo: Discurso Editorial, 1998, p. 216.

⁹⁷ Jornal *O Cuscuzzeiro*. Santo Antônio da Alegria, nov. 1995. p. 04.

voou. Dioginho alvejou-a com um tiro certo.
 - Vai buscar, ordenou Dioginho.
 Aleixo se levantou mas o outro foi cruel:
 - Cachorro tem que buscar de quatro pés uma perdiz na boca.
 Aleixo fez o mandado porque se não morria. E assim acabou a valentia de Aleixo.

Embora Célia e Carlos considerem insignificantes as contribuições que ofereceram, a partir delas é possível estabelecer algumas considerações com relação à temporalidade e ao local do arraial.

Algumas datas que não descartam o período de circulação de Dioginho no final do século XIX, como confirma o depoimento de Simão Mathias, as declarações das irmãs Sarah, Martha e Marina Mansur, que marcam 1907 como o ano da chegada do pai Jorge João, com quatorze anos, acompanhado pelo irmão mais velho José João, além de outras famílias sírias que se instalaram no Souza, apontam o início do século XX coincidindo com a efervescência e prosperidade do povoado.

Segundo os atuais proprietários das terras que se tornaram Fazenda Espírito Santo, as referências locais estão muito voltadas para a cidade de Altinópolis, dada a proximidade e facilidade de comunicação, o que já não acontece com Santo Antônio da Alegria, onde é preciso dar uma grande volta para chegar.

Célia, que é descendente de imigrantes italianos, lembra que estes passaram grandes apuros com relação à sua aceitação pelos moradores de Batatais, logo que chegaram a uma cidade. Observa que possivelmente não foi diferente com os sírios e libaneses que chegaram numa cidade com territórios de moradia e circulação definidos, onde os moradores locais ligados à cafeicultura separavam aqueles que moravam *depois da ponte*, onde se localiza o atual bairro do Castelo, e os que moravam depois do cemitério⁹⁸, nos confins da saída para Altinópolis. Grandes dificuldades eram impostas para que os imigrantes adquirissem imóveis no centro, considerado reduto dos fazendeiros, como ainda atestam alguns casarões que sobreviveram às ondas modernizadoras.

⁹⁸ Batatais tem dois cemitérios, este em referência, que é paroquial, fica a três quarteirões da Praça da Matriz, sendo reconhecido como “Cemitério dos ricos”, e o cemitério municipal, conhecido como o “Cemitério dos pobres”, que fica na saída para Altinópolis, um pouco mais adiante do cemitério paroquial.

Esta situação tomou novos rumos a partir de 1920, quando, no auge da projeção estadual, sobretudo os municípios de Batatais e Franca sofrem os revezes dos desmembramentos, e a economia cafeeira dá os primeiros sinais de recessão.

Santo Antônio da Alegria

Santo Antônio da Alegria é um recanto do Estado de São Paulo que se encosta em Minas Gerais nos trechos de Itamogi e São Sebastião do Paraíso, pertenceu ao município de Batatais e depois ao de Cajuru, até ser desmembrado em 1890.

Foi no lugar denominado Cuscuzeiro, entre a freguesia de São Francisco do Monte Santo, Cajuru e São Sebastião do Paraíso que, em 1861, o Cônego da Catedral da cidade de São Paulo, atendendo à representação de Francisco Antônio Mafra, autorizou a fundação de uma capela em louvor a Santo Antônio.

Quando a Capela é elevada à categoria de Freguesia, em 1866, acompanha a proposta de que passe a se chamar Santo Antônio d'Alegria, então patrimônio do município de Batatais, comarca de Franca, Província de São Paulo.

Em busca de documentos chegamos a Santo Antônio da Alegria, reconhecida atualmente como *Cidade do Folclore*, no momento em que grande parte da população estava envolvida com os preparativos da Festa da Congada. Os mastros com as bandeiras dos santos padroeiros, Nossa Senhora do Rosário, São Domingos, Santa Catarina, São Roque, Santa Efigênia e São Benedito, já estavam levantados, como manda a tradição.

Dentre os componentes que participam da Festa do Congo, que marca a primeira semana de setembro, destaca-se o coordenador dos festeiros⁹⁹, figura importante responsável pela

⁹⁹ Outros componentes da Festa do Congo: Rei do Congo e Rainha do Congo (devem ser negros, segundo a tradição); Ternos (congadeiros ou moçambiques); Meirinho (responsável pela comida e bebida para todos); Mesário (recolhe as ofertas); Festeiros (pessoas que alcançam graças e pedem ou oferecem refeições aos ternos como paga da promessa); Bandeireiros (elaboram os instrumentos para os ternos: pandeiros, caixas, violinos, etc.). Informações dadas por moradores de Santo Antônio da Alegria.

organização dos festeiros escalados de acordo com o número de ternos, destacando-se São Benedito como o santo de maior devoção, com o maior número de promessas. Esta tarefa vem sendo desempenhada ao longo dos últimos trinta anos por José Aiub Calixto e depois por seu irmão João Aiub Calixto, filhos do sírio da aldeia de Muzaible, Aiub Calixto¹⁰⁰, que em 1913 chegou ao Brasil, desembarcando em Santos.

As primeiras conversas realizaram-se animadamente na praça da Matriz, logo após um *boa-tarde* aos receptivos moradores locais, que, curiosos, desejavam saber o que os visitantes procuravam. Com um dedo de prosa, Iracema, ou simplesmente Cema, nos conta que conhece bem o município porque foi recenseadora em 2000. É justamente ela quem se anima a ir até o local onde outrora existiu o Arraial do Souza, para onde os moradores da cidade se dirigiam a pé em dias de festas. Pela estrada de rodagem é mais longe, pois é preciso vencer alguns quilômetros, alcançar a estrada de Cajuru, chegar até a ponte do Ribeirão Araraquara e, a partir daí, enfrentar alguns quilômetros de estrada de terra.

Deixando a praça central, dirigimo-nos à Secretaria da Agricultura do Estado para um encontro com João Batista Garcia Maia, o agrônomo que se dedica à pesquisa sobre a história local e escreve artigos em jornais locais. Falou de suas tentativas de ampliar os conhecimentos sobre a História de Santo Antônio da Alegria e indicou a Casa da Cultura como depositária dos antigos livros de registros da prefeitura, além de entregar um livreto onde tenta dar início a uma história que pretende ser ampla e que tem referências ao Arraial do Souza, basicamente organizadas por meio de depoimentos orais.

O que vai se caracterizando ao longo das tentativas de organização deste contexto são os liames entre as trajetórias das famílias de raízes na imigração síria ou libanesa, estejam elas em Batatais, Altinópolis ou Santo Antônio da Alegria, sejam eles laços de parentesco ou de amizade, de sociedade ou de liderança, conforme o relato de Darly Nazar, lembrando que o avô Antônio Nazar, morador de Batatais, era decidido na hora de resolver qualquer situação, sendo por isso

¹⁰⁰ Conforme explicou o comerciante de Batatais, Salem Georges Nessrallah, a tradição árabe de transmitir aos filhos o nome e sobrenome do pai antecipa a resposta à pergunta: de quem você é filho, ou quem é seu pai? Ao declarar o nome, a pessoa também declara sua paternidade. Algumas famílias de Batatais confessaram que muitos filhos estão retomando este costume que foi abandonado.

freqüentemente chamado a Santo Antônio da Alegria “para resolver pendengas entre os patrícios”.

Se o ano de 1895 é apontado por Jorge Salomão Asse¹⁰¹ como o marco da chegada dos sírios a Altinópolis, o mesmo não acontece com Santo Antônio da Alegria ou Batatais, de modo específico. De modo amplo, é possível considerar a data que marca a chegada dos sírios ao município de Batatais¹⁰² pela referência encontrada no documento do arquivo da Câmara Municipal de Batatais que aponta o descontentamento dos comerciantes estabelecidos, anunciando a chegada, em 1890, da “*nuvem de mascates turcos*”.

Por meio do Decreto n. 3.010, de vinte de agosto de 1938, que atendia à política imigrantista instalada pelo governo de Getúlio Vargas, os estrangeiros residentes no Brasil estavam obrigados a registrarem-se no Serviço de Registros Estrangeiros. O artigo 148 estabelecia que nenhum estrangeiro poderia permanecer por mais de 30 dias em qualquer parte do país, sem se apresentar às autoridades competentes para efetuar o registro.

¹⁰¹ ASSE, Jorge Salomão. op. cit.

¹⁰² Levando em conta que tanto Santo Antônio da Alegria, quanto Altinópolis pertenceram inicialmente ao município de Batatais.

104 1/2
1.ª VIA

Delegado de Polícia de Santo Antônio da Alegria

Registre-se de acordo com o art. 149, do Decr. 3.010, de 20 de agosto de 1938.

Francisco Robim
DELEGADO DE POLÍCIA

Nome: Jorge Felício
natural de Mizeibli, nascido a os 20 de Março de 1879,
de nacionalidade Síria, estado civil casado,
filho de Felício Jorge e de Helena Alberto Nova Felício,
profissão comerciante, empregado n. —
com sede n. —
casado com Felicia Jose Felício
tendo filhos menores de 18 anos, que são:

Nome:	Nacionalidade:	Idade:
<u>Elias Jorge Felício</u>	<u>Braquileiro</u>	<u>17 annos</u>

residente nesta cidade de St. Antonio da Alegria
vem requerer a V. S. o seu registro nessa Delegacia, de acordo com o art. 149, do Decr. 3.010, de 20 de agosto de 1938, prestando as declarações que abaixo se lêem, na forma do questionário, representando absoluta expressão da verdade, e pelas quais responderá em qualquer tempo:

Chegou ao Brasil, pela primeira vez, antes ou depois de 1.º de janeiro de 1935? antes
Pode precisar o ano? 1901 o mês? Dezembro o dia? 20
o nome da embarcação? Equinorado
o porto de desembarque? Santos, Estado de S. Paulo
Retirou-se do país depois da sua primeira entrada? nao
Em caso afirmativo, indicar as datas de saída e regresso e o porto de desembarque no Brasil:

Tem provas dessas alegações? Sim Em caso afirmativo, junte-as.
Está no país incluído em alguma das seguintes categorias: turista, visitante, em transitio, representante de firma comercial, viagem de negócios, artista, conferencista, desportista, ou congênere?

Cumpridas, assim, as exigências, pede deferimento.

Santo Antônio da Alegria 26 de Janeiro de 1942
2\$000 \$400
Selo Selo
Assinatura: [assinatura] Estadual Estadual
Firma reconhecida Reconheço certo

Documento de registro de estrangeiro feito na Delegacia de Polícia de Santo Antônio da Alegria, segundo arquivo da própria Delegacia.

Não estando o serviço de registros disponível na maioria do território brasileiro, esta tarefa foi atribuída às delegacias de polícia, conforme o artigo 149: “Os estrangeiros atualmente residentes em localidades no interior do país onde não seja criado o Serviço de Registros de Estrangeiro, farão seu registro na polícia local”. Dentre os registros realizados em Santo Antônio

da Alegria destacamos o nome do sírio Jorge Felício por compor o mais antigo registro de chegada ao município, ressaltando também que é procedente da aldeia de Muzaible, de onde saiu a maioria dos imigrantes sírios, enquanto os libaneses vieram de Miziara¹⁰³.

Ficam, nestas circunstâncias, os idos de 1901 como a possível data de chegada dos primeiros imigrantes, que seriam inicialmente os sírios, e depois os libaneses, ao município de Santo Antônio da Alegria.

*Espírito Santo da Alegria*¹⁰⁴

Foi na divisa entre Cajuru e Altinópolis que o pecuarista João Borges da Silva doou uma gleba de treze alqueires de sua fazenda Matinha para que a Igreja construísse uma capela. Embora a capela, com galpão ao lado e coreto na praça, recebesse o nome oficial de Espírito Santo da Alegria, é até hoje conhecida por todos como capela do Souza, ou Souzas, como consta em alguns livros de registros da Prefeitura.

Nos depoimentos recolhidos por João Batista Garcia Maia¹⁰⁵, o arraial era próspero, tinha várias ruas que abrigavam, além do casario, empórios, bares, açougue e um grupo escolar com duas classes de dois períodos, onde Dona Mulata era professora.

Ercília Mateus Teixeira¹⁰⁶, moradora de Santo Antônio da Alegria, foi batizada no Souza e lembra que na década de 1940 as missas eram tão concorridas quanto a audição do conjunto musical que do coreto animava a quermesse, enquanto no galpão ao lado da Igreja, a família de José João colocava doces, salgados e quitandas para serem vendidos.

¹⁰³ Jorge Germanos, libanês que chegou a São Paulo no início da década de 1920, explica que as grandes concentrações de famílias libanesas que chegaram na primeira ou segunda levadas, entre 1880 e 1890, vinham principalmente de Miziara e de Zahlé, depois vieram os de outras regiões. GREIBER, MALUF e MATTAR. Memórias da Imigração: libaneses e sírios em São Paulo. São Paulo: Discurso Editorial, 1998. p. 679.

¹⁰⁴ Foi o nome oficial que a Igreja, dona do patrimônio, deu à capela do arraial. Atualmente continua dando nome à Fazenda de Célia Bianco e Carlos Barbosa.

¹⁰⁵ MAIA, João Batista Garcia. História de Santo Antônio da Alegria. Santo Antônio da Alegria: L & JPM Editores, 1999. p. 28-30.

¹⁰⁶ Jornal “*O Cuscuzeiro*”, Santo Antônio da Alegria, out. 1996. p. 04.

A quermesse exercia grande atração, tanto para os moradores locais, quanto para aqueles que viviam nas redondezas e chegavam até o arraial também para a celebração de casamentos e batizados. Era comum a presença de fazendeiros e seus colonos¹⁰⁷.

Das conversas com moradores na Praça da Matriz, do encontro com o agrônomo João Maia, da visita à casa de Célia e Carlos, atuais proprietários das terras onde floresceu o Arraial, da leitura dos artigos no jornal “O Cuscuzeiro”, fica a certeza de um lugar movimentado pelo comércio, quermesses, leilões, festas, missas, batizados, casamentos, que marcou a lembrança das pessoas que não só lastimam seu desaparecimento, como procuram uma explicação para que isso ocorresse.

A idéia de um lugar que, levado abruptamente pelo vendaval do abandono, desaparece do mapa, vai aos poucos se desvanecendo, e um espaço promissor que oscilava entre os limites do campo e da cidade, conciliando benefícios de ambos, recanto escolhido por alguns grupos de familiares e amigos que buscavam no Brasil os meios para uma vida digna, vai compondo-se com vigor.

A tentativa de esclarecer quais os motivos que levaram o arraial ao desaparecimento encaminha para os livros de registros de arrecadação de impostos da prefeitura de Santo Antônio da Alegria. Dos livros que restaram e que puderam ser consultados, destaca-se o de 1920, por ser aquele que menciona o local de moradia associado ao nome do contribuinte, no que se diferencia dos demais, que não apresentam maiores detalhes nesse sentido. Na lista dos contribuintes que, naquele patrimônio, recolhiam impostos, encontram-se os nomes dos imigrantes sírios que se estabeleceram inicialmente no Arraial do Souza e posteriormente dirigiram-se para Batatais e Altinópolis.

¹⁰⁷ Colonos: A substituição do escravo pelo trabalho assalariado nas fazendas brasileiras não aconteceu de forma direta. Os fazendeiros promoveram várias experiências que não deram certo, como o caso da “servidão de coolies chineses” no Rio de Janeiro, a parceria em São Paulo, até chegarem ao colonato. No regime de colonato, o colono recebia casa de morada, direito a alguns animais no pasto, um quintal para a casa, água e após as colheitas anuais de café recebiam uma quantia em dinheiro referente ao café colhido. Podiam cultivar feijão ou milho entre as leiras de café mas deviam entregar parte desta colheita ao fazendeiro, além de prestar trabalho gratuito para a limpeza e conservação de caminhos, cercas, pastos. MARTINS, José de Souza. Viagem crítica pelo interior da História Mítica da Imigração. In: D.O.Leitura – encarte Caderno Paulista, Imprensa Oficial do Estado, 1999.

O quadro a seguir aponta a lista completa de moradores pagadores de impostos públicos, de Santo Antônio da Alegria, destacando-se, conforme indicam os registros, aqueles que pagavam imposto do café e aqueles que o faziam sobre indústrias e profissões.

1920 – Imposto do café

BALDOINO MANÇO DA SILVA – 1500 pés de café – 3\$000 (três mil réis); engenho movido por animais – 50\$000 (cinquenta mil réis); carro de boi – 4\$000 (quatro mil réis); matrícula de carro – 2\$000 (dois mil réis); expediente – 3\$000 (três mil réis).

JOSÉ BORGES DA SILVA – carro de boi para a lavoura – 4\$000 (quatro mil réis).

MARTINS LAÉRCIO DE MORAIS – carro de boi para a lavoura – 4\$000 (quatro mil réis).

PEDRO RODRIGUES DA SILVA – carro de boi para a lavoura – 4\$000 (quatro mil réis).

1920 – Imposto sobre Indústrias e Profissões

FELÍCIO ANTÔNIO¹⁰⁸ – arreios, armarinhos, calçados, remédios, tecidos, querosene e louças – 430\$000 (quatrocentos e trinta mil réis).

ANTÔNIO ANDRÉ¹⁰⁹ – aguardente, açougue e outros gêneros – 352\$000 (trezentos e cinquenta e dois mil réis).

ANTÔNIO ABRÃO e ANTÔNIO FELISBERTO – gêneros alimentícios – 352\$000 (trezentos e cinquenta e dois mil réis).

¹⁰⁸ Felício Antônio, ao sair do Souza, mudou-se para Altinópolis.

¹⁰⁹ Antônio André mudou-se posteriormente para Altinópolis, e Jamile, sua filha mais velha, casou-se no Souza com Jorge João, indo depois de casados morar em Batatais.

ABRÃO MIGUEL¹¹⁰ – gêneros da terra – 60\$000 (sessenta mil réis).

NARCIZO JACOLI – secos e molhados – 60\$000 (sessenta mil réis).

JOSÉ JOÃO e IRMÃO¹¹¹ – mercearia – 60\$000 (sessenta mil réis).

JOÃO JORGE BITER – bar – 175\$000 (cento e setenta e cinco mil réis).

MARCÍLIO LÚCIO – moinho de fubá – 15\$000 (quinze mil réis).

LUÍS FERNANDES – açougue – 144\$000 (cento e quarenta e quatro mil réis).

ANTÔNIO MARIANO DO PRADO – mercearia – 175\$000 (cento e setenta e cinco mil réis).

JOSÉ MIGUEL¹¹² – bar e mercearia – 175\$000 (cento e setenta e cinco mil réis).

Observando o pagamento dos impostos sobre indústrias e profissões, pode-se considerá-lo elevado, uma vez que os cálculos se realizavam separadamente, sobre cada mercadoria, o que justifica diferentes quantias pagas pelas casas comerciais. Os impostos continuam elevados, com a diferença de que hoje vêm embutidos nos preços em forma de ICMS¹¹³ e são recolhidos pelo Estado. No período em referência, esse tipo de imposto era recolhido diretamente pelos cofres municipais.

1920 – Lançamentos sobre veículos

JOSÉ BORGES DA SILVA - SOUZA – carro L – 4\$000.

¹¹⁰ Abrão Miguel também mudou-se para Altinópolis ao deixar o arraial.

¹¹¹ José João e Irmão (Jorge João), após deixarem o Souza mudaram-se inicialmente para Altinópolis, indo depois montar negócios em Batatais e mascatear pela região. Conta uma sobrinha que José João saía de Batatais para mascatear no Souza.

¹¹² José Miguel, depois de sair do Souza, mudou-se para Altinópolis.

¹¹³ ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias.

MARTINS LÚCIO DE MORAIS¹¹⁴ - SOUZA – carro L – 4\$000.

BALDUINO MANÇO DA SILVA - SOUZA – carro L – 4\$000.

PEDRO FRANCISCO DE MORAIS- SOUZA – carro L – 4\$000.

Destacamos o fato de existirem quatro proprietários de carros no Souza, quando o acesso ao combustível era difícil, e as estradas praticamente contavam com o trânsito de carroças e carros de boi. É, certamente, um indicador de prosperidade dos moradores, assim como também o é a concentração de onze estabelecimentos comerciais.

O reconhecimento dos nomes de comerciantes de origem síria dentre os pagadores de impostos conduziu a uma procura de seu lançamento em livros com datas anteriores ou posteriores a 1920 no sentido de uma possível periodização da chegada dos imigrantes de origem síria ou libanesa ao arraial.

Do material disponível e pesquisado na Casa da Cultura de Santo Antônio da Alegria, a data mais remota encontrada para o lançamento de Impostos de indústrias e profissões está entre 1907 e 1915, ressaltando que a procura deve ser feita pelos nomes das pessoas, uma vez que as especificações da localidade se restringem à cidade ou município, não havendo menção ao nome do local de onde provém o imposto. O nome do sírio José João, que depois iria estabelecer-se em Batatais com seus familiares, inclusive seus irmãos, aparece a partir de 1911 e continua até o ano de 1914, quando deixa de constar como contribuinte do município, reaparecendo em 1920, como já foi apresentado. Temos a seguir não só os produtos comercializados, mas aqueles que eram passíveis de impostos, onde se destaca o valor dos impostos de sal equiparado ao das armas de fogo e das drogas permitidas.

¹¹⁴ Há possibilidade de haver um engano na grafia do nome de MARTINS LÚCIO DE MORAIS, uma vez que aparece também o nome de MARTINS LAÉRCIO DE MORAIS, mas podem perfeitamente ser parentes.

1911 – José João - Impostos de Fazendas – 30\$000.

- Impostos de armarinhos – 20\$000.
- Impostos de calçados – 20\$000.
- impostos de chapéus – 15\$000.
- impostos de ferragens – 25\$000.
- impostos de louça – 15\$000.
- impostos de roupas feitas - 25\$000.
- impostos de secos e molhados - 15\$000
- impostos de gêneros da terra - 25\$000
- impostos de fumo - 20\$000.
- impostos de sal - 10\$000.
- impostos de inflamáveis - 15\$000.
- impostos de perfumaria - 20\$000
- impostos de açougues de capados - 15\$000.

1912 – JOSÉ JOÃO – repete-se a lista e os pagamentos de 1911

1913 – JOSÉ JOÃO – repete-se a lista e os pagamentos de 1911, acrescentando:

- Impostos de armas de fogo - 10\$000.

1914 – JOSÉ JOÃO – repete-se a lista e os pagamentos de 1913, acrescentando:

- Impostos de drogas permitidas -	10\$000.
- Impostos de fumo -	20\$000.
- Imposto de um cão ¹¹⁵ -	5\$000.

Dos nomes de moradores do Arraial do Souza que aparecem na lista de 1920 que mantêm uma certa periodicidade, além de JOSÉ JOÃO, encontra-se também o de BALDUINO MANÇO DA SILVA¹¹⁶ como pagador de impostos a partir de 1912, os demais alternaram-se ao longo dos registros, que vão de 1911 a 1952.

A seqüência de períodos para o recolhimento de impostos não se manteve como era de se esperar, sendo assim, o próximo período localizado foi de 1934 a 1966. Ao folhear cada página, considerando os nomes dos moradores do Souza reconhecidos como pagadores de impostos em 1920, só pode ser identificado o nome de Balduino Manço da Silva, permanecendo até o ano de 1934. Deste modo verifica-se que a entrada e saída dos moradores era freqüente.

Finalmente, a última referência à localidade do Souza aparece no ano de 1952, expresso apenas na cobrança de Conservação de Estrada, o que demonstra diferenças tanto na distribuição de propriedades, quanto na cobrança de impostos.

BERTOLINO ANTÔNIO – 4,84 há – valor declarado da propriedade 1.000,00 – valor recolhido 10,00.

BENEDITO NAVES DOS REIS – 9,68 há – valor declarado da propriedade 8.000,00 – valor recolhido 20,00.

LUIZ FERNANDES – 3,63 há – valor declarado da propriedade 2.000,00 – valor recolhido 10,00.

¹¹⁵ Aparecem moradores da cidade que também vão pagar impostos de 5\$000 réis para terem um ou mais cães. O pagamento de 5\$000 réis era para cada cão.

¹¹⁶ Observar que a grafia não se mantém, ora aparece como BALDOINO, ora como BALDUINO, transcrevemos da forma como aparece no livro de registros.

As terras da gleba de treze alqueires foram colocadas à venda pela Igreja em 1948, ato que ainda hoje é criticado pelos moradores de Santo Antônio da Alegria que usufruíam dos dias de glória do Souza. Alegam, de modo informal nas conversas, que a Igreja não podia dispor de um patrimônio que recebeu como manifestação de fé de um devoto.

Referindo-se aos arredores do Souza, Ercília¹¹⁷ conta que havia casebres de sapé, onde moravam Dona Balbina e sua filha Rita, Dona Maria Sabina, Dona Randolfa, Luís Baiano e seu filho Servino, o açougueiro. O nome do fazendeiro José Virgílio é apresentado por Ercília como um dos moradores dos arredores que freqüentavam o arraial e que depois comprará as terras vendidas pela Igreja, tudo isto num tempo quando nos campos era possível colher murici, marolão de árvore e de pés baixinhos, pindaíba, piqui, gravatá, frutas nativas que desapareceram para dar lugar à uniformidade inicialmente do café e depois da cana.

Embora algumas das especulações em torno da origem das cidades apontem que surgiram ao redor do mercado, expandindo-se em função do desenvolvimento do comércio, muitas cidades brasileiras tiveram suas origens ligadas a agrupamentos de casario em torno de uma capela. O Arraial do Souza, no final do século XIX e início do século XX, apresentava bases de propriedades necessárias para evoluir, como podem ser observadas pelos recolhimentos de impostos, no entanto, a prosperidade de alguns de seus moradores não significou a sua manutenção e expansão.

O lugar de várias ruas, vários empórios, grupo escolar de duas classes, igreja com galpão para festas, coreto para concertos musicais, campo para jogar bola, que tinha açougue e era um “centro social de quermesses e bailes”¹¹⁸, que foi escolhido por algumas famílias imigrantes sírias e libanesas para *fazer a vida* no Brasil, agora é passado, acabou, sentencia Ercília¹¹⁹, lembrando que a única lembrança daquele lugar se encontra na torre da igreja de Santa Rita em Santo Antônio da Alegria, o antigo sino da capela, onde se pode ler a inscrição: “Oferecido pelos devotos para a Igreja do Divino Espírito Santo d’ Alegria”.

¹¹⁷ Jornal “*O Cuscuzzeiro*”, Santo Antônio da Alegria, out. 1996. p. 04.

¹¹⁸ João Batista Garcia Maia – Jornal “*O Cuscuzzeiro*”, Santo Antônio da Alegria, nov. 1995. p. 04.

¹¹⁹ Id. *ibid.* p. 04.

Quando ouço o sino da Igreja Matriz me lembro do povoado do Souza, onde fui batizada. (Ercília Mateus Teixeira)

Mas o ir e vir das lembranças das gerações desmentem Ercília e evocam a condição dos pioneiros em busca de um lugar onde pudessem prosperar. O Arraial representou, ao lado de outras pequenas localidades, pólo de irradiação de comércio, permitindo o comércio varejista associado à atividade de mascate, condição cara aos imigrantes sírios e libaneses, como veremos nas análises dos depoimentos pessoais recolhidos em Batatais.

CAPÍTULO 2

RETALHOS DAS MEMÓRIAS



A miséria torna a nossa pátria terra estranha, e a
opulência transforma a terra estranha em nossa pátria.
Mil e uma noites

A organização das idéias que circulam por este texto decorre de leituras de estudos dedicados ao tema da imigração, consultas a documentos e de uma atividade de pesquisa de campo cooperativa entre aquele que é solicitado a contar e o ouvinte. Trata-se de depoimentos recolhidos a partir da disponibilidade das pessoas em relembrar um tempo sentido e vivido por seus familiares e por si próprias, na experiência de imigrantes que, ao deixarem a Síria ou o Líbano em busca do desconhecido, conduzidos pelos sonhos de uma vida ideal, dirigem-se para Batatais e suas proximidades.

Mesmo levando em conta as dificuldades que as fontes orais podem apresentar: mostrar apenas um aspecto parcial da realidade, subjetivismo do narrador, dificuldade de localização de pessoas que preencham os requisitos necessários à pesquisa, impossibilidade de contato com todos os indicados que podem trazer informações importantes ao estudo, além de aspectos problemáticos dos contatos iniciais, situações que foram discutidas por pesquisadores como Simson¹²⁰, Queiroz¹²¹, Demartini¹²², Cipriani¹²³, Maciotti¹²⁴, neste estudo, ao lado de outras fontes, o relato oral apresenta-se como um instrumento valioso, uma vez que pode situar-se “no

¹²⁰ SIMSON, Olga de Moraes Von (org.) Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988.

¹²¹ QUEIROZ, M.I.P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, O.M. von (org.) Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988. p. 14-43.

¹²² DEMARTINI, Z.B.F. História de vida na abordagem de problemas educacionais. In: SIMSON, O.M. von (org.) Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988. p. 44-105.

¹²³ CIPRIANI, R. Biografia e cultura – da religião à política. In: SIMSON, O.M. von (org.) Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988. p. 14-43.

¹²⁴ MACIOTTI, M.I. Vida cotidiana. In: SIMSON, O.M. von (org.) Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988. p. 14-43.

ponto de intersecção das relações entre o que é exterior ao indivíduo e o que traz em seu íntimo”¹²⁵.

Queiroz¹²⁶ apresenta o relato oral como a maior fonte humana de difusão e conservação do saber, importante fonte de dados para as ciências em geral. Argumenta que, ao longo da história da humanidade, a formação de hábitos e a transmissão de conhecimentos baseavam-se na narrativa que se refere, tanto ao legado dos antepassados, quanto à comunicação da ocorrência próxima no tempo; “veicula noções adquiridas diretamente pelo narrador, que pode inclusive ser o agente daquilo que está relatando”, além de transmitir “noções adquiridas por outros meios que não a experiência direta”, assim como “antigas tradições do grupo ou da coletividade”.

A palavra falada apresenta-se como uma das formas mais antigas de obtenção e conservação do saber. O desenho deixado nas paredes das cavernas e, mais tarde, a escrita transmitiam conhecimentos já designados pela oralidade, foram formas de “cristalização do relato oral”¹²⁷ e introduziram o intermediário entre o narrador e o ouvinte. Neste sentido, à medida que se consideram o desenho e a palavra escrita como reinterpretações do relato oral, considera-se também que o intermediário acrescenta interpretação própria àquilo que narra.

Nem mesmo o uso do gravador, que, segundo Queiroz¹²⁸, apresentou-se como um instrumento técnico capaz de anular ou diminuir as possíveis inferências da intermediação do pesquisador, conseguiu manter a ilusão de que a narrativa deveria conservar-se a mais próxima possível de seu registro. Logo se percebeu que a necessidade de transcrever era uma exigência para a utilização das informações nas pesquisas e na passagem da oralidade para a escrita, parte dos registros perdia-se, o que acabava aproximando o texto de outros documentos.

Com relação às intervenções do pesquisador, Queiroz¹²⁹ chama a atenção para a

¹²⁵ QUEIROZ, M.I.P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, O.M. von (org.) Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988. p. 40.

¹²⁶ Id. *ibid.* p. 16.

¹²⁷ Id. *ibid.* p. 16.

¹²⁸ QUEIROZ, M.I.P. de. Variações sobre as técnicas de gravador no registro de informação viva. Coleção Textos. São Paulo: CERU/FFLCHUSP, n. 4, 1983.

¹²⁹ QUEIROZ, M.I.P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, O.M. von (org.) Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988. p. 14-43.

necessidade de distinção entre o narrador e o pesquisador, são interesses próprios que guiam o pesquisador na procura do narrador. Demartini¹³⁰, ao relatar os caminhos que percorreu no desenvolvimento de pesquisas baseadas no estudo de memórias de velhos professores, esclarece que sua primeira tarefa foi a localização de entrevistados “que preenchessem os requisitos estabelecidos na pesquisa – terem lecionado na 1ª República para populações rurais do Estado de São Paulo, e se encontrarem lúcidos; [...]”.

Quanto ao narrador, procurará por todos os meios relatar, independentemente de qualquer desejo de colaborar com o pesquisador, fatos correspondentes aos seus intentos, cabendo ao pesquisador avaliar o que lhe convém, reconduzindo ou não o narrador ao assunto em questão. Com relação a este ponto, Demartini¹³¹ relata que no decorrer dos depoimentos que coletou em sua pesquisa, “os professores dificilmente queriam falar apenas sobre o período que nos interessava, tornando-se problemática situação da entrevista na [sic] medida que se tentava cerceá-los em seus relatos [...]”.

No momento da utilização dos relatos, prevalecem as preocupações do pesquisador, nestas circunstâncias, as “intenções do narrador [...] serão forçosamente sacrificadas”¹³². Mesmo com todo cuidado e empenho, o pesquisador, ao elaborar as transcrições, provoca uma transformação do material coletado, situação que acaba traduzindo-se “por um certo desencanto”, provocado pela sensação de que ao “recuperar e mesmo recriar” as memórias vivas, elas perdem “de repente sua vivacidade”¹³³. Esta etapa marca, para o pesquisador, a passagem para a nova atividade que envolve dois materiais distintos: o oral e o escrito, que passam a coexistir, sendo aí incluídas as imagens registradas mentalmente pelo pesquisador, que também compõem as elaborações das análises escritas, formando elos entre a utilização do material escrito e as memórias faladas registradas pelo pesquisador em suas próprias memórias.

¹³⁰ DEMARTINI, Z.B.F. História de vida na abordagem de problemas educacionais. In: SIMSON, O.M. von (org.) Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988. p. 51.

¹³¹ Id. *ibid.* p. 56.

¹³² QUEIROZ, M.I.P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, O.M. von (org.) Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988. p. 18.

¹³³ DEMARTINI, Z.B.F. *op. cit.* p. 63.

Malinowski¹³⁴, ao tratar da prática da observação participante em sua pesquisa sobre o Kula, sistema de comércio praticado pelos papua-melanésios, habitantes das costas e ilhas periféricas da Nova Guiné, refere-se à tarefa do pesquisador como uma dupla atividade de trabalho distribuída entre a observação, momento em que o material é coletado, e a construção, quando o material é revisto, preparado ou reescrito. Ressalta que esta dupla atividade “longe de ser um programa vazio – é, muito pelo contrário, o resultado de experiências vividas”, que efetivamente possibilita o desenvolvimento e a concretização da pesquisa.

No momento em que inicia a coleta de material para a pesquisa, o pesquisador passa a ter o comando da atividade, pois, mesmo quando o narrador interfere ao transmitir sua experiência por meio do que considera digno de ser registrado, prevalece o interesse específico que determinou a pesquisa. Desse modo, diz Queiroz¹³⁵, ao reorganizar os relatos de acordo com suas preocupações, observando as finalidades que melhor convenham, o pesquisador nada mais estará fazendo do que reafirmando o domínio da atividade que teve desde o início. Na relação narrador e pesquisador, este tem, “em certa medida, uma posição de superioridade e dominação [...], é quem conhece o objetivo da pesquisa, [...] quem propõe o encontro e finalmente, [...] quem vai construir [...] o resultado da investigação”¹³⁶.

Uma vez transcrito, o material apresenta-se, em seu conjunto, circunstância que deixa transparecer a dinamicidade das memórias, ao permitir que as várias informações que todos os narradores elaboraram a respeito de determinado assunto sejam visualizadas simultaneamente. No entanto, uma vez transcrita, a narrativa oral “se transforma num documento semelhante a qualquer outro texto escrito”¹³⁷, contemporâneo ou não – recortes de jornal, documentos históricos, correspondência, registros em geral, estatísticas – diante do qual se encontra o pesquisador para realizar a análise, procedimento primordial de toda a pesquisa. Análise que

¹³⁴ MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1976. p. 29.

¹³⁵ QUEIROZ, M.I.P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, O.M. von (org.) Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988. p. 18.

¹³⁶ TRIGO, M.H.B.; BRIOSCHI, L.R. Interação e comunicação no processo de pesquisa. In: REFLEXÕES sobre a pesquisa sociológica. Textos. Série 2, n. 3, p. 25-32, 1999.

¹³⁷ QUEIROZ, M.I.P. de. op. cit. p. 18.

essencialmente significa “decompor um texto, fragmentá-lo em seus elementos fundamentais”¹³⁸, ou seja, desmembrar, recortar os diversos componentes com a finalidade de usar apenas o que é compatível com o que se deseja estudar. Desta maneira, ao expor suas reflexões em torno da atividade de análise do material transcrito, Demartini¹³⁹ apresenta linhas orientadoras que permitiram melhor utilização do material. Dentre as inúmeras questões julgadas mais adequadas e que delinearão a sistemática de seu trabalho, destacamos:

1. Tendo em vista os problemas a serem investigados, tornou-se necessária a utilização de ‘trechos’ dos depoimentos coletados, pois a extensão e variedade dos assuntos abordados pelos entrevistados impossibilitava a utilização das entrevistas como um todo, nesta etapa do trabalho;
2. A utilização dos trechos, por outro lado, não eliminou o contexto global da entrevista, que funcionou sempre como uma referência para o entendimento das colocações; não eliminou também toda a visão global sobre a problemática pesquisada, e que vinha se formando e sendo discutida pelos pesquisadores desde a elaboração do quadro teórico, e sendo renovada na realização de cada entrevista num processo cumulativo contínuo; [...].

Expostas em linhas gerais, as considerações até aqui expressas procuraram encaminhar algumas reflexões que envolvem o processo de pesquisa, que tem como uma de suas fontes os relatos orais, fonte que se constrói por meio de um jogo de tensões tanto sociais, quanto pessoais, onde estão presentes os valores dos diversos grupos aos quais as pessoas estão ligadas. Já as negociações preliminares que envolvem o acordo para a realização da entrevista e que vão, desde o que levou o pesquisador a marcar a entrevista com determinada pessoa, num determinado momento, para tratar de determinado assunto, até a aceitação da pessoa e a concretização da entrevista, podem dar uma idéia da complexidade, não obstáculo, de uma fonte onde está presente a vida real de narradores e ouvintes, depoentes e pesquisadores que interpretam os depoimentos.

¹³⁸ QUEIROZ, M.I.P. de. op. cit. p. 19.

¹³⁹ DEMARTINI, Z.B.F. História de vida na abordagem de problemas educacionais. In: SIMSON, O.M. von (org.) Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988. p. 65.

2.1 RELATOS ORAIS: FRAGMENTOS DE UM MOSAICO

A tradição oral, plena de elementos da memória, reconhecidos em Heródoto e Tucídides como constitutivos do fazer histórico, perde sua força sobretudo a partir do século XIX, em nome da cientificidade, e passa a ser rejeitada com o desenvolvimento das técnicas estatísticas a partir da década de 1940. Os relatos orais como técnica de coleta de material são considerados demasiadamente ligados às “influências da psique individual”¹⁴⁰, substituídos por técnicas capazes de resultados mais objetivos.

Nas últimas décadas do século XX, os relatos orais reaparecem com a denominação de história oral¹⁴¹ e passam a ser considerados um importante referencial para se contrapor às pesquisas quantitativas, uma vez que são compreendidos como um procedimento estritamente ligado à metodologia qualitativa.

A história oral cria seus próprios documentos, oferecendo elementos para a compreensão de como as pessoas, ao recordarem, constroem suas memórias. São documentos constituídos pelos diálogos das memórias entre as experiências passadas e o contexto presente, no qual se recordam.

A história oral não é um simples registro de acontecimentos do passado, aborda inter-relações cuja natureza complexa nem sempre é fácil de ser compreendida, mas possibilita sua movimentação num campo de conhecimentos amplo, que permite a renovação e ampliação “do saber sobre diferentes temas: étnicos, religiosos, sociais, políticos, regionais, nacionais, familiares, biográficos, urbanos, rurais”¹⁴².

Os limites, as potencialidades e especificidades transformam a história oral num

¹⁴⁰ QUEIROZ, M.I.P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, O.M. von (org.) Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988. p. 14.

¹⁴¹ Id. *ibid.* p. 14.

¹⁴² NEVES, Lucília de Almeida. Novas propostas metodológicas em Ciências Sociais: os desafios da história oral. História Oral. Associação Brasileira de História Oral, n. 4, p. 177-182, jun. 2001.

extraordinário processo de construção de documento e num desafio intelectual caracterizado pela singularidade dos processos históricos narrados por sujeitos históricos específicos; pela potencialidade de novos campos de pesquisa, novas hipóteses, novas versões sobre processos históricos, interpretações alternativas às já consolidadas; pela possibilidade de recuperar informações não registradas; pelo dimensionamento de uma temporalidade múltipla, não linear, considerando a categoria tempo segundo as experiências dos narradores e dos pesquisadores¹⁴³.

A expressão *história oral* refere-se aos relatos que apresentam situações não registradas por outros tipos de documentos ou à documentação que se deseja completar. Registra, por meio de entrevistas, a experiência de uma só pessoa ou de várias pessoas de uma mesma coletividade, caso, este, aplicado quando se busca a convergência de relatos em torno de um mesmo acontecimento ou sobre um determinado período. Segundo Queiroz¹⁴⁴, “tudo quanto se narra oralmente é história, seja a história de alguém, seja a história de um grupo, seja história real, seja ela mítica”.

Montenegro¹⁴⁵, ao fazer referência a algumas questões metodológicas “que se constituem no cenário das perspectivas e interrogações enfrentadas pela história”, chama a atenção para a imprecisão do significado das palavras história e oral. Explica que história enquanto análise, estudo, produção de conhecimento, “recupera marcas e significados através das mais diversas fontes; [...] objetos, utensílios, obras de artes, monumentos, documentos escritos ou orais...” e acrescenta que os documentos orais caracterizam-se como parte dos recursos aos quais o historiador pode recorrer, sem que com isso se estabeleça uma disciplina. Nesse sentido, esclarece que sempre que manifestar posições teóricas que reflitam sua posição pessoal, utilizará “a expressão depoimentos orais em substituição à história oral”.

As histórias de vida, os depoimentos pessoais, as biografias, as autobiografias, embora se

¹⁴³ NEVES, Lucília de Almeida. Novas propostas metodológicas em Ciências Sociais: os desafios da história oral. *História Oral*. Associação Brasileira de História Oral, n. 4, p. 177-182, jun. 2001. p. 182.

¹⁴⁴ QUEIROZ, M.I.P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, O.M. von (org.) *Experimentos com histórias de vida*: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988. p. 19

¹⁴⁵ MONTENEGRO, Antônio Torres. História Oral e interdisciplinaridade: a invenção do olhar. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (org.). *Os desafios contemporâneos da história oral* – 1996. Campinas: CMU/Unicamp, 1997. p. 197-212.

diferenciem em suas definições e características, são formas de coleta que, por meio da entrevista fornecem informações captadas oralmente. Queiroz¹⁴⁶ fez análises detalhadas sobre as definições e características que envolvem estas formas de coleta, deter-nos-emos apenas nos aspectos da técnica de depoimentos pessoais, expressão que significa o “relato de algo que o informante efetivamente presenciou, experimentou, ou de alguma forma conheceu, podendo assim certificar”. O depoimento terá seu crédito, “não pela credibilidade do narrador”, pelo paralelo de seu relato com outros relatos e com as informações de outras fontes, neste sentido, perde o significado de “estabelecimento da verdade” que carrega em sua definição jurídica.

Ao recolher um depoimento pessoal, o pesquisador conduz a entrevista para acontecimentos que venham se inserir diretamente no estudo em questão, procura obter do narrador o essencial, fugindo do que julgar desnecessário, o momento da entrevista adquire um sentido próprio onde se vive a memória, ao mesmo tempo em que se cria um acontecimento. Recolher um depoimento pessoal não demanda necessariamente um tempo longo, muitas vezes a entrevista pode se esgotar num só encontro, os depoimentos podem ser curtos, circunstância que estabelece uma das grandes diferenças entre os depoimentos pessoais e as histórias de vida.

É importante observar que, no caso deste estudo sobre imigração síria e libanesa, o fato de se recorrer aos relatos orais não eliminou a utilização de outras fontes escritas e iconográficas. No decorrer da pesquisa, o diálogo entre estas fontes intensificou-se: um livro, um jornal, um levantamento em arquivos remetia aos narradores; os narradores levavam a novos documentos, assim, documentos pré-existentes entraram no tempo da pesquisa por meio dos relatos orais.

As fotografias compõem os resultados da pesquisa como ilustração do texto¹⁴⁷, uma vitrine pela qual se torna possível um contato imediato e simplificado com o texto. Embora as fotografias, ainda que ocasionalmente inspirem algumas análises e interpretações apresentadas em textos escritos, não pedem nada além das dimensões visuais imediatas – traços físicos, indumentária, expressões faciais, fachadas de prédios e outras características externas de coisas, pessoas, grupos. É o conteúdo aparente da fotografia que determina sua legenda. Os espaços do

¹⁴⁶ QUEIROZ, M.I.P. de. op. cit.

¹⁴⁷ LEITE, Miriam Moreira. Retratos de Família: leitura de fotografia histórica. São Paulo: EDUSP, 1993.

texto preenchidos pela imagem com representações ou informações não são verbalizados.

2.2 *EVOCAÇÕES: TRAMAS E URDIDURAS DA IMIGRAÇÃO*

Refletir sobre questões ligadas à inserção, interação, integração dos imigrantes sírios e libaneses que se estabeleceram em Batatais, é tentar recompor parte da história social do processo de imigração, procurando caminhos que possam conduzir a diferentes compreensões das vivências da identidade do grupo após sua chegada.

A vinda de sírios e libaneses para o Brasil está ligada ao contexto da grande imigração, período imigratório que se constituiu a partir de projetos políticos específicos voltados para o incentivo e facilidade de entrada no país com o intuito de atrair europeus. Uma vez instalados, os projetos governamentais concernentes à imigração ampliaram as possibilidades de entrada de um modo geral, assim é que os sírios e libaneses encontraram facilidades necessárias para a entrada e passaram a incluir o Brasil em suas aspirações de vida melhor, atraídos que foram, inicialmente, pelas condições oferecidas e, em seguida, incentivados pelos pioneiros que, já estabelecidos, tornavam-se referência para os recém-chegados.

É necessário lembrar que o movimento migratório brasileiro no período da grande imigração, últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, não é isolado, vincula-se a um movimento de caráter amplo que envolveu inúmeros países tanto na emigração, quanto na imigração. Os fluxos migratórios da Síria e do Líbano acompanharam o movimento geral de migração, ou seja, intensificaram-se no final do século XIX, até o início da Primeira Guerra Mundial, quando se arrefeceram, envolvidos pelas estratégias que, em período de guerra, impediam ou dificultavam o ir e vir.

Trechos de depoimentos podem apontar como imigrantes e seus descendentes

vivenciaram esta questão:

Meu pai não acompanhou seus irmãos que vieram diretamente para o Brasil, primeiro viveu uns anos nos Estados Unidos, onde chegou a conhecer Charles Chaplin, só depois veio para cá, veio por causa da Grande Guerra¹⁴⁸.

Quando decidiram que era preciso deixar o Líbano, a família dividiu-se, alguns vieram para o Brasil. [...] Minha mãe, antes de morrer, esteve no Brasil passando alguns meses aqui em minha casa, esteve também no Canadá¹⁴⁹.

Ao lado deste movimento amplo que os imigrantes de origem síria e libanesa acompanharam, destacam-se dois momentos ocasionados por diferentes fatores que envolvem cada uma das duas etapas relacionadas a diferentes crenças religiosas. A primeira, marcada pela vinda de cristãos que imigraram entre 1860 e 1938, a segunda, que se inicia ao final da II Guerra Mundial e estende-se até a década de 1980, continuando pelos anos de 1990 com menor proporção e que envolve os muçulmanos¹⁵⁰.

Truzzi¹⁵¹ esclarece que a circunstância da primeira etapa da migração ter sido composta de maioria cristã teve o peso das discórdias entre cristãos e muçulmanos, mas pode-se argumentar, segundo o autor, que os cristãos eram em maior número, porque, além de serem mais progressistas, eram menos apegados ao solo do que os muçulmanos. A religião determinou o destino dos emigrantes, no sentido em que os muçulmanos acreditaram que teriam mais dificuldades de seguir seus preceitos em terras distantes onde seriam minorias. Esta razão explica o fato de a maior parte dos muçulmanos preferir o Egito e outros países africanos, enquanto cristãos procuraram a América antes da Segunda Guerra Mundial.

Com relação a esta questão, é possível reconhecer que o grupo de imigrantes sírios e libaneses que se estabeleceu na região em destaque neste estudo desvincula-se de situações

¹⁴⁸ Depoimento de Nacime Mansur, filho de sírio.

¹⁴⁹ Depoimento de Georges Salem Nesserallah imigrante libanês.

¹⁵⁰ OSMAN, Samira Adel. Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: história oral de vida familiar. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Neste estudo a autora estabelece duas redes de imigrantes, muçulmanos e cristãos, levando em conta o critério geracional. Considerou a necessidade de analisar um mesmo grupo que se dividiu e se diferenciou a partir da questão religiosa.

¹⁵¹ OSMAN, Samira Adel. A imigração árabe no Brasil. Travessia – Revista do Migrante. Centro de Estudos Migratórios, ano XII, n. 35, p. 17-23, set./dez. 1999.

ligadas à prática religiosa islâmica, uma vez que os registros de sua chegada coincidem com o período apontado por Osman¹⁵² como etapa da chegada dos cristãos. Para esta consideração levou-se em conta o documento assinado pelos comerciantes em 1890¹⁵³, anunciando a chegada de mascates ao município de Batatais; a pesquisa de Coelho¹⁵⁴, que aponta o primeiro registro encontrado de licença para comerciantes em nome de Gregório Hannouche, que, em 26 de janeiro de 1884, solicitou licença para comerciar com gêneros do país, aguardente, molhados e casa de pasto no município vizinho de Franca; as pesquisas genealógicas de Asse¹⁵⁵, que apresentam o ano de 1895 para a chegada de Abrão José, que veio casado da Síria com Inêz Asse, os primeiros a residirem no então Mato Grosso de Batataes, hoje Altinópolis, e um documento do Serviço de Registro de Estrangeiros de Santo Antônio da Alegria¹⁵⁶, que indica 1901 como a data mais antiga de chegada declarada nos registros pesquisados. Pode-se também acrescentar que dentre os depoimentos pessoais recolhidos durante a pesquisa não há narradores que tenham declarado outra profissão de fé, que não a cristã.

As primeiras pesquisas e debates organizados no Brasil em torno do tema da imigração encaminharam-se rumo à problemática da assimilação e integração do imigrante e centralizaram-se na avaliação das qualidades ou impropriedades das diferentes nacionalidades dos imigrantes no processo de integração junto à sociedade de adoção¹⁵⁷, ponderavam as características culturais que poderiam desaparecer ou se transformar no decorrer do contato com a nova sociedade e defendiam “uma tendência unívoca para a assimilação”¹⁵⁸, mesmo considerando as dificuldades para alcançá-la.

A continuidade das abordagens sobre o tema apresentou uma nova tendência no sentido da compreensão do significado de pertencer a um grupo, sem excluir as transformações

¹⁵² OSMAN, Samira Adel. A imigração árabe no Brasil. Travessia – Revista do Migrante. Centro de Estudos Migratórios, ano XII, n. 35, p. 17-23, set./dez. 1999.

¹⁵³ Documento do arquivo da Câmara Municipal de Batatais, caixa 003/025, 08 nov. 1890, já apresentado no texto Nuvem de Mascates.

¹⁵⁴ COELHO, H.M.F. op. cit.

¹⁵⁵ ASSE, J.S. op. cit. p.3.

¹⁵⁶ Documento que aparece na página 60 deste estudo.

¹⁵⁷ FAUSTO, Boris. Historiografia da Imigração para São Paulo. São Paulo: Sumaré/IDESP, 1991.

¹⁵⁸ GUSMÃO, Neusa Maria Mendes et al. Os filhos da África em Portugal: a vida entre dois mundos. Travessia – Revista do Migrante. Centro de Estudos Migratórios, n. 35, p. 17, set./dez. 1999.

decorrentes do processo de assimilação e integração, idéia esta que permite a compreensão da forma pela qual ocorrem os inter-relacionamentos dos grupos entre si, entre a sociedade local e entre os diferentes grupos de imigrantes. Fausto¹⁵⁹, Simson¹⁶⁰, Demartini¹⁶¹, Gusmão¹⁶², ressaltam que este procedimento é um meio para a compreensão da integração de imigrantes e, quando problematizada por situações ligadas ao casamento, à existência de associação de auxílio ou recreativas, às formas de participação política, à escolha profissional, ao uso da língua, à educação, às práticas religiosas, em pesquisas que privilegiam sobretudo o aspecto geracional, ampliam as perspectivas de compreensão deste universo, uma vez que a interação concretiza-se ao longo das gerações.

No caso deste estudo, os depoimentos pessoais colocam-nos diante de gerações de imigrantes sírios e libaneses, constatação que permite que alguns aspectos geracionais sejam considerados nas interpretações das vivências do grupo e se aproxima de “matizes culturais”¹⁶³, ora fortalecidos, ora abandonados ou reinterpretados conforme perspectivas e necessidades.

Procurando levar em conta estes aspectos, destacamos algumas questões observadas nos relatos orais que foram recolhidos ao longo dos depoimentos pessoais, onde netos e netas, filhos e filhas, irmãs e irmãos, sobrinhos e sobrinhas, noras, cunhados, marido e mulher, primos e primas, ao tecerem os fios da memória, vão idealizando as tramas e urdiduras que compõem a imigração num momento em que este sistema oscila entre o provisório e o duradouro.

Embora a perspectiva das gerações não estivesse prevista como critério para o recolhimento dos relatos orais, a visão de conjunto do material transcrito deixou transparecer esta questão, até então pouco considerada, diferente do que ocorreu com Osman¹⁶⁴, para quem a

¹⁵⁹ FAUSTO, Boris. op. cit.

¹⁶⁰ SIMSON, O. R. FR M. von. Identidades conjunturais x Identidade tradicional. Travessia – Revista do Migrante. Centro de Estudos Migratórios, ano XII, n. 35, p. 5-9, set./dez. 1999.

¹⁶¹ DEMARTINI, Z.B.F. Vivências diferenciadas entre três gerações de japoneses em São Paulo. Travessia – Revista do Migrante. Centro de Estudos Migratórios, ano XII, n. 35, p. 10-16, set./dez. 1999.

¹⁶² GUSMÃO, Neusa Maria Mendes et al. op. cit.

¹⁶³ DEMARTINI, Z.B.F. Vivências diferenciadas entre três gerações de japoneses em São Paulo. Travessia – Revista do Migrante. Centro de Estudos Migratórios, ano XII, n. 35, p. 10-16, set./dez. 1999.

¹⁶⁴ OSMAN, S. A. Caminhos da imigração árabe em São Paulo: história oral da vida familiar. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

abordagem sob o ângulo das gerações foi privilegiada desde o início da composição das condições que elegeu para a seleção dos entrevistados.

A partir de então, considerando as possibilidades que trilhar esse caminho pode oferecer, no sentido de aproximação com o que é perdido e o que é recriado na passagem de uma geração para a outra, tentaremos evidenciar alguns aspectos observados nos depoimentos pessoais de diferentes gerações, abrindo o espaço com questões referentes à família.

Dando conta das dificuldades que o conceito de família engloba e procurando afastamento das generalizações, algumas considerações foram elaboradas, tentando fugir dos riscos de falar de família de modo abstrato.



A família Nassib logo depois da chegada de Salem Georges Nessrallah ao Brasil, pertencente ao acervo pessoal da família Nassralla¹⁶⁵.

¹⁶⁵ Segundo Leila Nassralla, esta fotografia foi tirada em 1950, no dia em que seu primo Salem Georges Nessrallah chegou a Batatais, vindo do Líbano acompanhado pelo primo mais velho, que logo foi para São Paulo e do qual não recorda o nome. Os dois primos estão de terno e gravata.

A forma mais valorizada da família é a forma nuclear, composta de pai, mãe e filhos, embora os tipos de família tenham grande variação. Diferentes arranjos familiares atribuem-se aos momentos de crise, uma vez que, nestas circunstâncias, a família tem apresentado capacidade de resistência e de adaptação, demonstrada pelas múltiplas formas que assume. Segundo Adorno & Horkheimer¹⁶⁶, na verdade, “família não apenas depende da realidade social em suas sucessivas concretizações históricas como também é socialmente mediatizada até em suas estruturas mais íntimas”.

Com relação à imigração síria e libanesa, a historiografia tem ressaltado o papel fundamental da família na composição da identidade deste grupo, afirmando que as características predominantes na sociedade de origem aqui se reproduziram¹⁶⁷. Colocada a questão sob a lente das gerações, é possível observá-la deslocando-se da idéia de família nuclear e aproximando-se da reelaboração de laços familiares, num momento em que, como duas faces da mesma moeda, a emigração apresenta-se como uma vertente da imigração, na qual se prolonga e sobrevive e que continuará existindo “enquanto o imigrante, como um duplo do emigrante, não desaparecer como tal”¹⁶⁸, mesmo assim, não é certo o momento e as condições em que ocorrerá, pois o emigrante pode ser esquecido como tal na sociedade de origem e continuar sendo reconhecido como imigrante na sociedade que o recebeu.

Nestas circunstâncias, as relações familiares assumem formas e finalidades diversas enquanto núcleo afetivo de apoio e solidariedade, apresentando aspectos positivos que podem ser observados no grupo de imigrantes sírios e libaneses que migrou apoiado por uma base familiar:

[...] quando meu pai me levou ao Porto de Beirute para embarcar para o Brasil, eu tinha dez anos (...) sob a tutela do meu tio [...] eu cheguei ao Brasil acompanhado de um primo um pouco mais velho¹⁶⁹.

Meu pai [...] veio da Síria, onde ele nasceu em 1909, na aldeia de Aiun, ficou órfão aos sete anos, uma tia que vivia em Goiás mandou buscá-lo e assim chegou ao Brasil,

¹⁶⁶ ADORNO; HORKHEIMER. Sociologia da família. In: CANEVACCI, Máximo. Dialética da família. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 213.

¹⁶⁷ COELHO, H.M.F. op. cit. p. 81-82.

¹⁶⁸ SAYAD, A. A imigração. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998. p. 14.

¹⁶⁹ Depoimento de Salem Georges Nesserallah, um imigrante libanês.

trazido por famílias amigas, veio para morar com a tia Maria¹⁷⁰.

Meu pai e minha mãe decidiram que eu ia ficar no Líbano, com minhas avós, para tratar do tracoma¹⁷¹. Eu tinha quatro anos mas eu me lembro, só veio o Chebl¹⁷².

Foi meu avô [...] quem veio primeiro ao Brasil para melhorar a vida de sua família [...] meu avô mascateou para juntar dinheiro e trazer a minha avó e a minha tia que tinham ficado lá¹⁷³.

No caso da imigração síria e libanesa, profundos vínculos com a terra natal mantiveram-se inicialmente; Truzzi¹⁷⁴ apresenta duas circunstâncias que atestam “de forma irrefutável” esta situação. A primeira está ligada às remessas de dinheiro, um dado difícil de avaliar, uma vez que, basicamente, está registrado nas correspondências trocadas entre familiares e pessoas de confiança. No entanto, baseando-se em pesquisas comparativas entre a imigração síria e libanesa no Brasil e nos Estados Unidos, o autor menciona um relatório da Comissão de Imigração estadunidense, enviado ao Senado, em 1907, apontando que os imigrantes sírios¹⁷⁵ remetiam mais dinheiro que qualquer outra nacionalidade. Destaca também uma estimativa elaborada para composição da história econômica do Oriente Médio, que apresenta em período que antecede a Primeira Guerra Mundial, a vinculação de 41% dos orçamentos familiares da região do Monte

¹⁷⁰ Depoimentos de Jamile Miguel, filha de imigrante sírio.

¹⁷¹ O tracoma era uma doença que afligia grande número de sírios e libaneses e os impedia de viajar ou desembarcar em alguns portos, sobretudo norte-americanos. Ana Miranda no romance *Amrik* (expressão que designa América, em árabe), menciona este fato [...] “dos que tentavam desembarcar na América poucos conseguiam, muitos não entravam porque tinham tracoma, sentiam areia nos olhos e não podiam abrir os olhos...” Salim Miguel é outro escritor que registra em romance a mesma situação: “Um dia Yussef chega em casa transtornado. Desaba numa banqueta, esconde o rosto entre as mãos. Tamina interrompe o que fazia, aproxima-se, preocupada. E ouve o que lhe é transmitido aos arrancos: negado o visto para o México. Na primeira investida, fazia algum tempo, fora detectada uma infecção ocular no pai. Prescrito tratamento seguido à risca, não apresentava resultados. Estava melhorando; não o suficiente. Continuasse, no serviço médico davam receitas. Agora a palavra final: desistisse, inútil arriscar, a vistoria rigorosa, não desembarcariam no México” (Nur na escuridão).

Tracoma é uma forma de conjuntivite, caracterizada por um aspecto áspero ou granuloso da conjuntiva, que se torna hipertrofiada, e por corrimento de pus dos olhos. Começa insidiosamente por fotofobia, lacrimejamento, pálpebras grudadas e sensação de areia nos olhos. A pálpebra superior torna-se depois pesada e cai um pouco, fechando a meio os olhos. Ocorrem úlceras, os movimentos dos olhos tornam-se difíceis e a cegueira pode sobrevir. Dura de meses a anos, podendo haver, no seu curso, períodos agudos. É causada por um vírus. CAIRO, Nilo. *Guia de Medicina Homeopática*. 21.ed. São Paulo: Livraria Teixeira, 1979. p. 1030.

¹⁷² Depoimento de Salwa Nassralla, imigrante libanesa.

¹⁷³ Depoimento de Darly Nazar, neta de sírios.

¹⁷⁴ TRUZZI, O.M.S. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: HUCITEC, 1997. p.29-31.

¹⁷⁵ Lembrando que os imigrantes originários tanto da Síria, quanto do Líbano, foram em princípio identificados como turcos; depois como sírios e, finalmente, quando da efetivação da independência do Líbano em 1943, passou a prevalecer a distinção entre sírios e libaneses.

Líbano à remessa de dinheiro dos emigrantes.



Fotografia que registra os momentos que antecederam o embarque de Nassib Nassralla e família, nas proximidades do porto de Beirute – Líbano, em 1948. Sentada: Adélia Nassralla e seu filho Chebl. De pé, da esquerda para a direita: Fran e Yussef, irmãos de Adélia, e Nassib, pertencente ao acervo pessoal da família Nassralla.

A segunda circunstância reside no caráter temporário com o qual a emigração foi encarada até pelo menos o início da Primeira Guerra Mundial. Esta é a razão que provavelmente explica o significativo número daqueles que vieram solteiros, sozinhos ou acompanhando amigos, ou familiares.

[...] acompanhados de dois filhos pequenos, Nagib e Nagibe, e de um parente um pouco mais velho, Hanna Cury, nascido em 1885, chamado pelas crianças da família de

tio [...] ¹⁷⁶.

[...] assim chegou ao Brasil, trazido por famílias amigas, para morar com a tia [...] ¹⁷⁷.

Minha mãe e a sua irmã vieram sozinhas para o Rio, atrás do irmão [...] ¹⁷⁸.

Aos 18 anos, ouvindo histórias fantásticas sobre o novo mundo, [...] resolveu deixar sua terra natal e lançar-se em uma aventura por novos lugares [...] ¹⁷⁹.

Eu cheguei ao Brasil acompanhado por um primo um pouco mais velho ¹⁸⁰.

Embora a idéia do retorno não tenha visibilidade nestes depoimentos das gerações na imigração, talvez uma das lembranças da neta de imigrantes sírios deixe transparecê-la:

A titia ainda manteve bastante tempo correspondência, depois acabou. Mas a vovó... a vovó não, vovó nunca mais [...] Eu acho que tinha uma mágoa, uma nostalgia, tinha sim [...] ¹⁸¹.

Na noção de retorno intrinsecamente circunscrita à condição de emigrante e de imigrante, exposta por Abdelmalek Sayad ¹⁸² em suas pesquisas e reflexões sobre a imigração, encontramos fundamentos necessários para inferir que o fato de não ser expreso, não obscurece a condição de que retornar foi o desejo alimentado por todo imigrante até que, não sendo mais reconhecido e, conseqüentemente, assim não mais se reconhecendo, esta denominação se apague, apagando também o desejo de retorno, inscrito na condição do emigrante e do imigrante.

À medida que as reelaborações se compõem, evidencia-se a imposição de algumas finalidades rígidas, o que permite que aspectos negativos também se apresentem gerando conflitos e ambigüidades. Assim, por exemplo, no momento em que prevalece uma divergência em relação à escolha do cônjuge, quando é colocada em risco a lealdade, familiares muito unidos

¹⁷⁶ Depoimento de Julinho Abeid, filho de libaneses sobre a chegada dos avós.

¹⁷⁷ Depoimento de Jamile Miguel, filha de sírio.

¹⁷⁸ Depoimento de Titinho Acra, filho de libaneses.

¹⁷⁹ Trecho de depoimento dos filhos do sírio Francisco Anauatte.

¹⁸⁰ Depoimento do imigrante libanês Salem Georges Nessrallah.

¹⁸¹ Depoimento de Maria Amélia Caran, neta de imigrantes sírios.

¹⁸² SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

correm o risco de se verem em lados opostos, ou mesmo se separem, “o que não os impede de estar presentes na memória histórica dos componentes aliados ou opostos a suas atitudes, ou de se encontrarem em reuniões comemorativas, eventos familiares, etc.”¹⁸³. A intencionalidade de manter o controle sobre o grupo evidencia-se na organização de estratégias familiares adquirindo diversas matizes que, de certa forma, se expressam nos depoimentos.

A tia Catarina viveu uma grande paixão. Namorou um patrício de Altinópolis e [...] que era amigo, não trouxe boas informações para o vovô, disse que o patrício era de ‘pouco futuro’. O vovô, que era muito bravo, não teve dúvidas e forçou tia Catarina a desmanchar o namoro. Tia Catarina cultivou a paixão para o resto da vida e não se casou ¹⁸⁴.

Neste grupo de irmãos, todos os casamentos ainda aconteceram dentro da colônia, a próxima geração já não foi assim. A primeira geração conseguiu manter a tradição. Quando eu disse com quem ia casar, todo mundo foi contra [...] era italiano, mas eu fui teimosa¹⁸⁵.

O amigo convenceu-o que deveria casar-se e que conhecia a noiva apropriada [...] Ele foi logo gostando da Abadia, mas o amigo alertou que a tradição deveria ser seguida e que ela manda a filha mais velha casar primeiro, neste caso a noiva não poderia ser Abadia, e sim minha mãe, que era a filha mais velha ¹⁸⁶.

Vovó veio para casar, chegou aqui numa terra desconhecida completamente [...] eram prometidas, né. [...] Eu era prometida [...] O nome dele é Miguel, ele é bonito. [...] Deus me livre. Porque a minha família [...] lá do meu pai, tinha esse costume de prometer de casar só dentro da raça [...] lá eles mantiveram essa tradição de não separar ¹⁸⁷.

¹⁸³ PRADO, Danda. O que é família. 11.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 13.

¹⁸⁴ Depoimento da neta de imigrantes sírios, Darly Nazar.

¹⁸⁵ Depoimento de Marina Mansur, filha de imigrantes sírios.

¹⁸⁶ Depoimentos de Samira e Jamile, filhas de imigrante sírio.

¹⁸⁷ Depoimento da neta de imigrantes sírios, Maria Amélia Caran.



Fotografia do casamento do Sr. Alexandre Caram e Sra. Amélia, avós de Maria Amélia Caran, , pertencente ao acervo pessoal de Maria Amélia Caran.

Eu sofri, eles não queriam meu casamento de jeito nenhum, porque eu não era da mesma raça [...] Eles falavam tudo em árabe, eu não entendia nada. Meu sogro tinha pena de mim com as crianças, pedia para minha sogra me ajudar, ela não ajudava, a gente morava junto¹⁸⁸.

Casei-me com a Maria, que era minha prima, filha de uma irmã de mamãe. Ela morava em Curitiba e vinha sempre passar as férias aqui, então arrumaram o nosso casamento. A Maria era muito bonita, veja sua foto. Tivemos três filhos¹⁸⁹.

¹⁸⁸ Depoimento de nora de imigrantes sírios.

¹⁸⁹ Depoimento de Titinho Acra, filhos de libaneses.



Fotografia das irmãs Josefina Acra (mãe do Titinho), à direita, e Rosa Riskalla (mãe da Maria, esposa e prima do Titinho), à esquerda, pertencente ao acervo pessoal de José Antônio Acra.

No âmbito dos casamentos arrumados, as pressões foram se enfraquecendo dentro do grupo, conforme as gerações nasciam no Brasil. Porém, convém observar que, mesmo antes de emigrarem, tanto sírios quanto libaneses já conviviam com casamentos arranjados entre as famílias. O casamento era entendido como uma obrigação social.

As alianças matrimoniais existiam para reforçar interesses e círculos de relações, porque o inverso também vigorava, ou seja, ao se abrirem para novas alianças, as famílias corriam o risco de se degradarem.

Durante o período que sucede a imigração, as diversas relações sociais que se compõem são fortalecidas, porque ações que habitualmente são partilhadas pela família e pelas instituições sociais, passam a ser exercidas apenas pelo grupo familiar, daí o significado da importância da ajuda mútua entre os conterrâneos e do caráter coletivo para o enfrentamento de dificuldades na nova terra.

Nossa casa funcionava como uma embaixada, recebia todo mundo. Missas, casamentos, batizados, quando vinha o padre ortodoxo ¹⁹⁰.

[...] era na casa da família Caran que se reuniam. O Constantino Nassrallah vinha para conversar, cantar e dançar. Dançavam e cantavam em árabe ¹⁹¹.

Uma das atividades recreativas da família antes da morte de meu pai, era [...] reunir-se na casa do Felipe Caran, onde vários patrícios se encontravam pra conversar. Muitos eram compadres ¹⁹².

Nos primeiros contatos com a sociedade receptora, as atividades dos imigrantes, excetuando-se os contatos necessários ao trabalho, restringem-se ao grupo. Nestas circunstâncias mantém-se o grupo, ao mesmo tempo, limitado aos espaços familiares e distante de outras nacionalidades, é o momento da imigração em que prevalece o modo de vida que se conhece, trazido da sociedade de origem, sendo este o modelo adotado como referência para a educação dos mais jovens.

Durante o período em que o grupo se mantém fechado em si mesmo, o imigrante sente-se diferente com relação ao outro, diferença que representa ganhos, se entendida como uma vantagem em relação aos demais, e perdas, quando reconhecida como impedimento para compartilhar de outros modos de vida, neste caso funcionando como um elemento que provoca distância. Estas duas situações estão presentes nos depoimentos e podem ser observadas no momento em que os relatos versam sobre o uso e a preservação do árabe, a língua mãe.

Para o imigrante, manter o uso da língua significa manter o vínculo com o lugar de origem, manter a cultura, mas, como para as gerações seguintes a manutenção do uso da língua pode significar dificuldades nas relações de integração, sobretudo para os sírios e libaneses que se estabeleceram em pequenas localidades, espalhando-se por diversas ruas ou bairros, sem agregar-se neste ou naquele espaço de modo específico, a questão é assim apresentada pelo filho de libaneses, ao lembrar uma passagem onde um patrício argumentava com seu pai sobre a necessidade de as crianças aprenderem árabe, ao que o pai respondeu “aqui as crianças precisam

¹⁹⁰ Jamile e Samira, filhas de imigrante sírio.

¹⁹¹ Depoimento de Julinho Abeid, neto de imigrantes libaneses.

¹⁹² Depoimento de Titinho Acra, filho de imigrantes libaneses.

aprender outra coisa”.

Por outro lado, falar a língua dentro de casa apresenta-se tanto como um privilégio de poder falar uma língua diferente, quanto como um lamento, que pode ser entendido como o chamado às origens.

Quando minha sogra e meu sogro conversavam, era em árabe, eu não entendia nada¹⁹³.

Uma nostalgia, tinha sim [...] não sei se entre eles. Às vezes entre eles, eles conversavam em árabe, então a gente não sabe como ficou isso dentro deles¹⁹⁴.

Minha avó não se conformou com a morte do filho, enlouqueceu e passou o pouco tempo que restou de vida, rezando e cantando em árabe¹⁹⁵.

Dentre os depoimentos não foi possível encontrar quem ainda usasse a língua árabe como recurso de comunicação ou como tentativa de transmiti-la às gerações, mesmo no ambiente familiar não há referência ao uso da língua como forma de resistência.

O vovô [...] interessante [...] ele se adaptou muito bem aqui, [...]. Ele falava bem o português, ele pronunciava bem as palavras [...]. Talvez por ter falado mais o português, né, era comerciante ¹⁹⁶.

Um dos imigrantes libaneses, ao compor seus relatos, justificou que o conhecimento da língua árabe com a qual aprendeu a comunicar-se, perdeu-se a partir do momento em que se deu a alfabetização escolar, e “a retomada é difícil”, afirmou. Nesta constatação é possível reconhecer a necessidade de mudanças no uso da língua como recurso de adaptação às novas circunstâncias geradas pelos contatos, relações de amizade, convívio com a vizinhança, escola. Conforme as gerações se sucederam, o uso da língua foi abandonado, dada a proximidade e intensidade dos

¹⁹³ Depoimento de nora de imigrantes sírios.

¹⁹⁴ Depoimento de Maria Amélia Caran, neta de imigrantes sírios.

¹⁹⁵ Depoimento de Maria Amélia Caran, neta de imigrantes sírios.

¹⁹⁶ Depoimento de Darly Nazar, neta de sírios.

contatos que a vida cotidiana dos arraiais, vilas ou pequenas cidades proporcionavam.

No caso do município de Batatais, mesmo entre os imigrantes italianos, representados numericamente de modo bem mais expressivo, grupo que chegou a organizar associações de lazer e mútuo socorro, o recurso da manutenção do uso da língua como definidor do grupo não se manteve, neste caso, pesquisas poderiam indicar em que medida a língua mãe caracterizaria as gerações.

Nos estudos realizados por Coelho¹⁹⁷, no vizinho município de Franca, há um trecho de narrativa que discorre sobre as memórias de um imigrante sírio e apresenta a seguinte configuração para a situação:

Nasri pensa que o árabe vai desaparecer no Brasil, ao contrário de outras etnias como o japonês e o judeu que não se misturam, ou mesmo o italiano: há escolas para ensinar a língua e o governo oferece a segunda nacionalidade. Os árabes casam-se com pessoas de todas as origens, não ensinam a língua árabe para seus filhos.

Em reflexões pautadas por pesquisas realizadas junto a famílias de imigrantes japoneses, Demartini¹⁹⁸ observa que, no tocante à transmissão de língua japonesa, notou que o interesse está relacionado às gerações mais velhas, quando a língua servia como elo de comunicação e preservação da cultura, os jovens, ao darem seus depoimentos, apresentam o uso da língua de modo pragmático, tendo esta perdido suas significações anteriores.

Com relação aos usos da língua árabe no Brasil, Safady¹⁹⁹ expõe o que considerou grandes dificuldades para os imigrantes pioneiros, sobretudo pela profissão de negociantes que abraçaram e que exigia a urgência na comunicação. Os entraves estavam ligados sobretudo à distinção entre o feminino e o masculino e à pronúncia de algumas letras. No primeiro caso, a dificuldade existia porque na língua árabe, a sílaba ة no final designa gênero feminino, e a sílaba ا designa gênero masculino, assim, no caso do árabe, o nome Nacime nominaria uma menina, e Nacima nominaria um menino. Quanto à pronúncia, além da sonoridade, a ausência das letras پ e

¹⁹⁷ COELHO, H.M.F. op. cit.

¹⁹⁸ DEMARTINI, Z.B.F. Vivências diferenciadas entre três gerações de japoneses em São Paulo. Travessia – Revista do Migrante. Centro de Estudos Migratórios, ano XII, n. 35, p. 10-16, set./dez. 1999.

¹⁹⁹ SAFADY, Wadith. Cenas e cenários dos caminhos de minha vida. Belo Horizonte: Santa Maria, 1966.

y no alfabeto árabe, o que explica o uso de palavras como bano, no lugar de pano, batrício no lugar de patrício, babai no lugar de papai, levou muitos sírios e libaneses a traduzir seus nomes.

Num dos relatos orais recolhidos em Batatais, o neto de libaneses, Julinho Abeid, descreve a série de mudanças de nomes que ocorreu entre seus familiares assim que chegaram do Líbano: Mirienne passou a ser reconhecida como Mariana, Hanna tornou-se David João, Nagib passou a ter o nome de Júlio e Nagibe passou a ser chamada de Júlia. Há também o caso do imigrante sírio Charker Kanawate, que no Brasil adotou o nome de Francisco Anauatte e como comerciante, em Batatais, passou a ser reconhecido como Chico Barateiro.

Alguns estudiosos reconhecem na mudança de nomes a capacidade de assimilação de que esse grupo é dotado. Para Bastani²⁰⁰, nos primeiros períodos de emigração, os libaneses não usaram seu nome de origem, mudaram-no para o vernáculo do país em que radicaram, porque era difícil a pronúncia correta em língua árabe. Apresenta o exemplo de Tanus Al Bustani, que passou a se chamar Antônio Jardim. Ellis Júnior²⁰¹ atribuiu a mudança de nomes, no caso dos sírios, ao desapego pelo nome com o qual emigram e ao significativo índice de fixação que os levou a adotar os nomes locais, atribui ainda ao falar de impossível compreensão, o que considerou uma demora do sírio em militar no campo político.

Também numa referência ao uso da língua árabe, é interessante mencionar um significativo projeto de lei indicado em 1906, na cidade paulista de São José do Rio Preto, por um vereador nacionalista, que foi reproduzido por Truzzi²⁰². O documento, que não conseguiu aprovação, apresentou-se nos seguintes termos:

A bem popular e bem do governo municipal desta cidade:

- 1) Todos os negociantes árabes e turcos desta cidade não poderão continuar no comércio deste município sem ter um guarda livro esse que seja Brasileiro dentro de 30 dias [...].
- 2) Todos os turcos que fallar na língua turca perto de um brasileiro por cada vez que fallar multa de 10\$000 paga na boca do cofre municipal. Todo brasileiro que ouvir elles fallando e não der parte ao fiscal multa de 10\$000.

²⁰⁰ BASTANI, Tanus Jorge. A imigração libanesa para o Brasil. *In*: JORGE, Salomão. Álbum da colônia sírio-libanesa no Brasil. São Paulo: Sociedade Imprensa Brasileira, [s.d.]. p. 79-131.

²⁰¹ ELLIS JÚNIOR, A. O sírio. *In*: JORGE, Salomão. Álbum da colônia sírio-libanesa no Brasil. São Paulo: Sociedade Imprensa Brasileira, [s.d.]. p. 133-147.

²⁰² TRUZZI, O.M.S. Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: HUCITEC, 1997. p. 75.

As questões apresentadas até este momento permitem reconhecer que a emigração e a imigração não ocorreram impunemente. O distanciamento do grupo de origem com sua pressão, suas normas e prescrições, seus mecanismos e sua ação presente cotidianamente resulta numa ruptura que Sayad²⁰³ define como uma marca do tempo, uma consequência da ausência do lugar de origem. Uma marca de natureza social, que provoca no emigrante uma evocação do passado, como se o tempo fosse reversível e pudesse, sempre que necessário, ser percorrido ao inverso:

[...] viajei sentada de costas na carroça olhei para trás tentei gravar na minha lembrança as cabras que via, as ovelhas, os bules dourados a imensa bandeja de barro onde vovó fazia pão, o cheiro de pão e o calor do forno, o cheiro de jasmim e manjerição os campos de trigo o orvalho que eu gostava de beber nas folhas da relva [...]²⁰⁴.

Não encontrar sinais de mudanças no contato com outra sociedade, outra economia, outra realidade, seria um sinal de eficácia e garantia, solidez e perpetuação, sinal de fidelidade a si próprio, porém, conforme afirma Sayad²⁰⁵, habitar outro país também deixa marcas, assim como a emigração, a imigração tem seus próprios efeitos.

2.3 APRENDER É PRECISO

Considerando-se as mudanças que se produziram na realidade social e na estrutura do conjunto do grupo dos imigrantes sírios e libaneses em estudo, constata-se que os contornos dos efeitos da emigração e imigração são cada vez mais difíceis de discernir e que, além disso, as transformações continuam acontecendo de forma constante, numa velocidade que, muitas vezes, traz a sensação de que as pesquisas, as reflexões, correm o risco de não acompanhar.

²⁰³ SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

²⁰⁴ Palavras da personagem Amina no momento em que mergulha nas lembranças do adeus a Mdúkha, sua aldeia natal no Líbano. MIRANDA, Ana. op. cit. p. 23.

²⁰⁵ SAYAD, A. op. cit.

Nestas circunstâncias, com o intuito de ampliar o conhecimento de mecanismos próprios do sistema de exigências que sofrem os imigrantes em momentos nos quais ainda não foram completamente desenraizados de sua terra de origem, de seus modos de pensar, sentir e agir, destacamos algumas situações que envolvem a importância da educação escolar, num primeiro momento e na seqüência, o lugar do trabalho.

Em princípio, procura-se a articulação a partir do texto *A Era dos Impérios*, último volume de um estudo geral do “longo século XIX”, onde Hobsbawm²⁰⁶ trata do período entre as últimas décadas do século XIX e primeira do século XX, apresentando-o como o período que preparava um mundo qualitativamente diferente do passado, “mesmo se não da maneira esperada ou prevista pela maioria dos profetas” .

Muitos dos aspectos do modo de viver no século XX foram configurados no século XIX que, em particular, criou a história mundial. Foi um século que transformou o mundo, encaminhando-o, num sentido, para muito maior densidade demográfica, enquanto se tornou geograficamente menor e genuinamente global, nas palavras do autor. Em outro sentido, era um mundo que caminhava para uma divisão social para a qual o avanço da tecnologia muito contribuiu.

Organiza-se, a partir de então, um mundo formado por dois setores que compõem um sistema global: o defasado e o desenvolvido, o dependente e o dominante, o pobre e o rico. Mesmo levando-se em conta que o Primeiro Mundo também é portador de consideráveis disparidades internas, integrando zonas de dependência e atraso, seria ele quem apresentaria o modelo geral e referencial das instituições e estruturas às quais aqueles países que se desejassem desenvolvidos deviam ajustar-se.

Havia, no entanto, uma nítida diferença que marcava os dois setores do mundo. Qualquer país que contasse com a maioria da população analfabeta certamente seria classificado como atrasado, não desenvolvido. “Uma população urbana majoritariamente analfabeta, como em parte do que era então o Terceiro Mundo, seria um indicador ainda mais convincente de atraso, pois o

²⁰⁶ HOBBSAWM, E. J. *A era do impérios*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

índice de alfabetização das cidades costumava ser muito mais elevado do que o campo”²⁰⁷.

Predominava no mundo desenvolvido uma preocupação com a alfabetização masculina, que cada vez mais se estendia também à feminina, e que apresentava alguns traços bem distintos, como, por exemplo, o incentivo maior à educação de massa entre os protestantes e judeus ocidentais. Esta constatação apresentada por Hobsbawn²⁰⁸ conflui para a hipótese original que orientou Von Simson²⁰⁹ na investigação dos descendentes de alemães no município de Campinas; a de que imigrantes alemães, que, no caso em referência, eram luteranos, “quando comparados com outros grupos, já haviam chegado ao Brasil com padrões educacionais e culturais mais elevados”, situação que fez com que dedicassem maior cuidado à educação dos filhos, suprindo com o próprio esforço as defasagens educacionais encontradas no Brasil.

Segundo Hobsbawn²¹⁰, esse incentivo à educação, acentuadamente maior entre protestantes e judeus ocidentais, não ocorria entre os católicos, muçulmanos e outras religiões. Uma visibilidade maior da alfabetização em função da divisão social do trabalho também era possível. Por volta de 1901, entre os franceses, eram os pescadores que compunham o grupo com maior número de analfabetos; os envolvidos em atividades comerciais eram menos alfabetizados se comparados aos funcionários públicos, enquanto os profissionais liberais eram os mais instruídos de todos.

O progresso sob a forma de educação de massa, assegurada pelo ensino primário cada vez mais universalizado, promovido pelo Estado, é denominado por Hobsbawn²¹¹ de “progresso moral”, complementar aos êxitos científicos e materiais alcançados no período, podendo ser evidenciado, por exemplo, pelo número de cartas enviadas na Grã-Bretanha no início das guerras contra Napoleão, que passou de duas por ano, por habitante, para cerca de 42 na primeira metade da década de 1880; pelos 186 milhões de exemplares de jornais e revistas publicadas por mês no Estados Unidos da América, em 1880, contra 330 mil em 1788, ou pelo crescente

²⁰⁷ HOBBSAWN, E. J. A era do impérios. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 45.

²⁰⁸ Id. *ibid.* p. 45.

²⁰⁹ SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. Identidades Conjunturais x Identidade Tradicional. Travessia – Revista do Migrante. CEM, ano XII, n. 35, p. 5-9, set./dez. 1999.

²¹⁰ HOBBSAWN, E. J. *op. cit.* p.45.

²¹¹ Id. *ibid.* p. 51.

encaminhamento constitucional à democracia.

No Brasil, a identificação do ideal da educação básica para toda a população passa a ser visível apenas pelo entusiasmo dos republicanos.

É na Constituição outorgada em 1824, pela Coroa, que aparece pela primeira vez a implementação da educação elementar para todos, garantindo a instrução primária gratuita²¹² e somente três anos depois, em 1827, é que surge a lei que determinava a criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugarejos. A lei, no entanto, por si só, não criou condições para a implementação da instrução escolar no país. Os resultados dessa lei não corresponderam ao seu intuito, o governo mostrou-se incapaz de organizar a educação popular²¹³ no país, poucas escolas foram criadas, sobretudo para meninas, em 1832, não passavam de 20 em todo território.

Numa sociedade agrária, baseada no trabalho escravo, as discussões em torno do tema da educação conduziram quase sempre a soluções fragmentárias, fruto de reivindicações, ou então, de pouca repercussão. Em face às tradições de nossa formação social e das características das bases econômicas da vida social, as preocupações com a educação, de certa forma, traduziam “a impressão que sobre as elites causavam os exemplos de outros povos”²¹⁴.

Em 1854, uma regulamentação da instrução primária e secundária fixa o reconhecimento do direito das pessoas à escolarização, mas, em 1871, ainda é possível ouvir João Alfredo, ministro do Império, defender junto à Assembléia a idéia de uma reforma que cuidasse, acima de qualquer coisa, da concretização do ensino obrigatório, necessidade e justiça que, segundo ele, não carecia de demonstração, uma vez que “está praticamente admitida nos países mais

²¹² A esse respeito é possível verificar as questões registradas por autores como: PEREIRA, Luiz. *Rendimento e deficiências do ensino primário brasileiro. Estudos sobre o Brasil contemporâneo*. São Paulo: Pioneira, 1971. AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1958. CUNHA, Luiz Antônio. *Educação e desenvolvimento social no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade no Brasil*. 1920-1929. Araraquara: FFCL, 1967.

²¹³ BEISIEGEL, Celso Rui. *Estudo e educação popular*. São Paulo: Pioneira, 1974.

²¹⁴ Id. *ibid.* p. 6-7.

adiantados em matéria de instrução popular”²¹⁵, além de estabelecida no Regulamento de 1854.

A província de São Paulo não constituía diferença no que diz respeito às questões em torno da idéia de obrigatoriedade do ensino que, com freqüência, voltam-se para a inviabilidade da realização prática da medida de fevereiro de 1854. Para se ter uma idéia, a lei de março de 1874, que determinava para a província a obrigatoriedade da instrução primária nas vilas e cidades e criava a escola normal, foi incorporada “de vez à legislação escolar estadual”²¹⁶, com a República, a partir de 1889.

Os republicanos viram com clareza os benefícios que a educação popular podia proporcionar, mas o que se observava “na esmagadora maioria dos casos”²¹⁷ é que para a criação de uma escola vigoravam as interferências políticas intensas e as inúmeras solicitações, resultando, muitas vezes, em ações desprovidas do cuidado com a implantação equilibrada do ensino público no estado de São Paulo.

As tentativas da Câmara Municipal para conseguir do poder público estadual a criação de uma escola complementar²¹⁸ em Campinas refletem um exemplo²¹⁹ alusivo à questão. Foram idas e vindas que se prolongaram pelos anos de 1901 e 1902 e perpassaram a imprensa escrita, colocando os jornais *Cidade de Campinas* e *Correio de Campinas* em divergência quanto à autoria do pedido, criaram debates e controvérsias entre a população e estenderam-se à Câmara dos Deputados do estado onde os políticos de Campinas e Ribeirão Preto passaram a lutar pela instalação da escola em suas respectivas cidades. Saiu premiada Campinas, porque a decisão esteve a cargo de Bento Bueno, secretário do Interior, e de Bernardino de Campos, presidente do Estado, que, por terem vivido parte da juventude naquela cidade, mantinham extensos laços de amizade.

²¹⁵ Id. *ibid.* p. 6.

²¹⁶ BEISIEGEL, Celso Rui. *Estudo e educação popular*. São Paulo: Pioneira, 1974. p. 8.

²¹⁷ NASCIMENTO, Terezinha A. Quaiotti Ribeiro do. A formação do professor primário na Estado de São Paulo. *In: NASCIMENTO, T.A.Q.R. de et al. Memórias da educação: Campinas (1850-1960)*. Campinas, SP: UNICAMP/Centro de memória, 1999. p. 57-102.

²¹⁸ O ensino primário estava dividido em dois cursos: preliminar e complementar, o curso complementar era a segunda parte do curso primário.

²¹⁹ Situação colocada por Terezinha Aparecida Quaiotti Ribeiro do Nascimento quando trata da formação do professor primário. NASCIMENTO, T.A.Q.R. de *et al.* op. cit. p. 58-59.

A dimensão dessa conquista, mesmo em condições adversas, era imensa, num Estado que até a primeira década do século XX contava apenas com três ginásios mantidos pelo poder público: um na capital, inaugurado em 1894, outro em Campinas, instalado em 1896, e o terceiro em Ribeirão Preto, criado em 1906. A Escola Normal da Capital foi a única do Estado até 1911 e as escolas profissionais existentes, ou eram mantidas pelo poder público municipal, ou pelo setor privado²²⁰.

As medidas e providências voltadas à escolarização e à ampliação da oferta de vagas nas escolas, a política orientada para a realização de um ensino básico universalizado, por muito tempo continuariam a apresentar uma perspectiva emergencial, dificilmente antecipando-se às solicitações das populações. Desse modo, no decorrer do século XIX e primeiras décadas do século XX, o núcleo de moradores que se aglutinava na região administrada pela Câmara de vereadores de Batatais não usufruiu de situação diferente no que diz respeito à educação escolar. Do momento em que foi elevada à categoria de Vila, em 14 de março de 1839, aos primeiros anos da República, registram-se apenas as aulas ministradas em salas²²¹ com aluguéis pagos pela municipalidade, ou organizadas por particulares.

Para o ano de 1892, por exemplo, há registros em atas da Câmara Municipal de Batatais, de duas cadeiras públicas para o sexo masculino e uma para o feminino, além de uma aula particular para o sexo masculino, ministrada em uma das salas da cadeia velha²²².

A inauguração do primeiro Grupo Escolar em 1911 foi fruto da tramitação de inúmeros documentos e negociações entre o poder público local e estadual que ocorreram a partir de 1905. Foi em nome da gratidão pelos serviços prestados ao município no período em que fora Intendente (1898-1899), que o Grupo Escolar chamou-se Washington Luís, homenageado que esteve presente na inauguração e nesta ocasião ocupava o cargo de Secretário da Justiça e

²²⁰ NASCIMENTO, Terezinha A. Quaiotti Ribeiro do. A formação do professor primário na Estado de São Paulo. *In*: NASCIMENTO, T.A.Q.R. de *et al.* Memórias da educação: Campinas (1850-1960). Campinas, SP: UNICAMP/Centro de memória, 1999. p. 57-102.

²²¹ Ao proclamar-se a República, os estabelecimentos públicos destinados a ministrar o ensino primário eram as escolas preliminares, unidades escolares não agrupadas, em que um professor ministrava a instrução para crianças de diversas idades e de avanço escolar heterogêneo. BEISIEGEL, Celso Rui. Estudo e educação popular. São Paulo: Pioneira, 1974. p. 10.

²²² CARDOSO, Clotilde de Santa Clara Medina (org.). IESA de ouro: 1948-1988. Batatais: S.C.P., 1999. p. 28-29.

Segurança Pública de São Paulo²²³.

Não é demais explicitar que a tentativa de delinear, num rápido recorte, o amplo e complexo panorama que envolve a crescente necessidade de escolarização a partir do século XIX, justifica-se como finalidade de aproximação de sentidos em torno da idéia de educação formal que prevalece no período em que ocorre a grande imigração e suas ligações com a interferência provocada no ensino brasileiro pela presença de imigrantes.

Alfabetizados ou não, os imigrantes, ao chegarem, precisavam dominar a fala e a escrita de uma língua desconhecida e, muitas vezes, a forma da qual dispuseram, antes que isso acontecesse, era tornar esse conhecimento acessível aos filhos. A visibilidade da inserção na nova sociedade efetua-se no decorrer das gerações, os filhos de imigrantes alcançariam um maior grau de instrução escolar em relação aos seus pais.

A presença de populações de diversas etnias que enxergavam na educação o caminho para a ascensão social, abalou o modelo educacional estabelecido, que, a partir de então, ganhou nova dinâmica. Alguns grupos²²⁴, dentre os quais os alemães, italianos, poloneses e japoneses, que se estabeleceram em áreas rurais, formando núcleos populacionais mais demarcados por características comuns, organizaram escolas comunitárias. Além destes, nas áreas urbanas, alguns outros grupos também fundaram escolas, como os judeus, os sírios e os libaneses.

Kreutz²²⁵ alerta que, em levantamentos por ele realizados, não houve proporção entre o número de escolas étnicas e o total de imigrantes por etnia e que, para entendermos a dinâmica do processo escolar dos imigrantes, precisamos observar as diferentes etnias e a dinâmica de sua inserção; não deixando de considerar que a tradição escolar era bastante diferenciada entre os diversos grupos. Explica que nas regiões em que se concentraram em núcleos rurais, etnicamente homogêneos, ergueram e mantiveram comunitariamente escolas, com uma rede de apoio religiosa e sociocultural.

²²³ Id. *ibid.* p. 37.

²²⁴ KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. *Revista Brasileira de Educação*. n. 15, p. 159-176, set./out./nov./dez. 2000.

²²⁵ Id. *ibid.*

O Brasil, embora contasse com um fluxo pequeno de imigrantes se comparado com outros países do continente americano como Argentina e Estados Unidos da América, foi o país com maior número de escolas étnicas. Em dados comparativos²²⁶, os imigrantes italianos contavam, em 1913, com 396 escolas; os poloneses com 349 e os japoneses com 178, na década de 1930, e os imigrantes alemães com 1579 escolas, em 1937. Quanto aos sírios e libaneses, considerando-se os levantamentos apresentados por Safady²²⁷ e Hajjar²²⁸, teriam criado no período entre 1898, com a Escola Chidiák, considerada a primeira em São Paulo, e 1962, com a oficialização do curso de árabe na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, cerca de 70 escolas e cursos de língua árabe, que se distribuíram de modo tímido pelo Brasil e com mais vigor no Estado de São Paulo, concentrando-se majoritariamente na capital. O município de Batatais não contou com escolas ou cursos organizados pelos sírios ou libaneses, há entre os municípios vizinhos um registro dos cursos gratuitos de árabe, oferecidos de 1931 a 1935, por Elias M Hadad, em Franca²²⁹.

Demartini²³⁰, ao realizar estudos junto a famílias de imigrantes japoneses, esclarece que, no campo da educação, as famílias desenvolveram estratégias para propiciar aos filhos uma educação escolar que contemplasse tanto os moldes nacionais, quanto os japoneses organizando para esse fim, escolas bilíngues. A autora explica que, neste grupo onde as trajetórias familiares e individuais indicam que a escolaridade em níveis mais elevados é procurada pela maioria, mantém-se entre as gerações a idéia de considerar-se uma *traição* quando os filhos não querem prolongar os estudos.

A chegada de imigrantes pressionava o Estado em favor de escolas públicas, pois, no período da intensa imigração, situado entre 1850 e 1910, o Brasil contava com um sistema escolar deficitário, refletido num universo de mais de 80% de analfabetos²³¹. Não tendo

²²⁶ Inúmeros autores como Knowlton (1960), Truzzi (1997), Seyferth (1990), Lynn (1967), Fausto (1994), dentre outros, tratam dos números na emigração para o Brasil. O números mencionados estão em KREUTZ, Lúcio. op. cit.

²²⁷ SAFADY, Jamil. Coleção Brasil-Líbano-Síria. São Paulo: Coomercial Safady, 1949.

²²⁸ HAJJAR, C. Imigração árabe: 100 anos de reflexão. São Paulo: Ícone, 1985.

²²⁹ Id. *ibid*.

²³⁰ DEMARTINI, Z.B.F. Vivências diferenciadas entre três gerações de japoneses em São Paulo. Travessia – Revista do Migrante. CEM, ano XII, n. 35, p. 10-16, set./dez. 1999.

²³¹ KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. Revista Brasileira de Educação. n. 15, p. 159-176, set./out./nov./dez. 2000. p. 161.

políticas prioritárias voltadas para a educação “o governo estimulou os imigrantes a abrirem escolas étnicas, até a década de 1920”, quando restrições passaram a ser impostas, culminando com a nacionalização compulsória por meio de uma série de decretos²³² a partir de 1938, transformando-as em escolas públicas ou fechando-as.

O Estado de São Paulo foi, dentre os estados brasileiros, aquele que recebeu não só o maior número de imigrantes sírios e libaneses, como de italianos, além de inúmeros outros. Os contingentes de italianos que se estabeleceram em São Paulo constituíram população de núcleos coloniais, trabalharam nas fazendas de café ou instalaram-se de modo independente nas cidades.

Onde quer que se encontrassem, os italianos organizaram escolas e associações. Para se ter uma idéia, vale ressaltar que, entre 1887 e 1907, só no município da capital de São Paulo, havia 63 escolas italianas atendendo a 5060 alunos²³³, além de inúmeras outras espalhadas pelo interior conforme explicita Salvadori Pisani na obra *Lo stato di Sun Paolo nel cinquantenario dell imigrazione*, onde, dentre outras, estão relacionadas a “Scuola Ítalo-Brasileira, in Batatais, fondata sotto il patrocinio del Fascio e della Societá Italiana del Luogo”, e a Scuola Ítalo-Brasileira, da próxima cidade de Jaboticabal, igualmente “fondata sotto il patrocinio del Fascio e della Societá Italiana del Luogo”²³⁴, constituindo esta uma dimensão que pode demonstrar a extensão e possivelmente a intensidade das redes de apoio às quais se refere Kreutz²³⁵ em sua pesquisa sobre as escolas comunitárias de imigrantes.

O grupo de imigrantes sírios e libaneses, assim que supera as primeiras barreiras na terra de imigração, passa a acompanhar o pensamento em vigor que atribuía à educação escolar um valor até então desconhecido pela população brasileira de um modo geral, aproximando-se, neste sentido, dos imigrantes japoneses que organizaram estratégias familiares para que os filhos

²³² A legislação federal, por meio do Decreto n. 406, de maio de 1938, assinado pelo Presidente Getúlio Vargas, dirigido diretamente às escolas étnicas, estabeleceu que todo material de uso escolar fosse escrito em português, que os professores e diretores fossem brasileiros natos e que o currículo deveria ter história e geografia do Brasil.

²³³ CORRÊA, Rosa Lygia Teixeira. Imigração italiana e estratégias de inserção sociocultural. In: NASCIMENTO, T.A.Q.R.DO *et al.* Memórias da educação: Campinas (1850-1960). Campinas, SP: UNICAMP/Centro de memória, 1999. p. 245-274.

²³⁴ PISANI (1937) apud CORRÊA, Rosa Lygia Teixeira. Imigração italiana e estratégias de inserção sociocultural. In: NASCIMENTO, T. A. Q. R. do *et al.* Memórias da educação: Campinas (1850-1960). Campinas, SP: UNICAMP/Centro de memória, 1999. P. 247-248.

²³⁵ KREUTZ, Lúcio. op. cit.

pudessem alcançar elevados níveis de escolaridade.

O sucesso econômico dos pioneiros, fundamentalmente atrelado ao comércio, assumiu uma proporção satisfatória que facilitou a escolarização das gerações seguintes, aproximando a primeira geração aqui nascida às profissões valorizadas na sociedade, que a habilitasse aos negócios ou às profissões liberais. À medida que ocorria um melhor posicionamento econômico das famílias, a educação escolar passava a constituir-se numa significativa maneira de ter acesso a diferentes segmentos da sociedade.

Truzzi²³⁶ afirma que não há dúvida ser correta a compreensão de que os sírios e libaneses tinham clareza da importância de uma educação formal mais completa possível para seu filhos, que deveria ocorrer em escolas de renome, graças à influência ocidental das missões estrangeiras, sobretudo protestantes que, principalmente no Líbano, foram responsáveis pela propagação da escolarização como um valor a ser buscado. A estas constatações, acrescenta outro fator que considera fundamental para avaliar as condições que possibilitaram um volumoso ingresso de filhos de sírios e libaneses nas faculdades, quando comparados com outras etnias. Atribui tais circunstâncias à rápida ascensão econômica favorecida pela atividade de mascateação, adotada pelo grupo de forma ampla, alimentada pelo pequeno comércio que movimentou o comércio por atacado e como consequência impulsionou a organização de indústrias.

As informações referentes à escolarização que podem ser observadas através dos depoimentos pessoais indicam que, no âmbito familiar, os pioneiros tinham níveis de conhecimento identificados como saber ler e escrever, sem menção ao grau de escolaridade, a parcela feminina do grupo, no entanto, comportava significativa quantidade de analfabetos.

A avaliação a respeito da continuidade dos negócios familiares ou estudar para uma carreira envolviam algumas ponderações sobre as possibilidades para o futuro dos negócios. Muitos imigrantes que enfrentaram a mascateação, ou os pequenos negócios em vilarejos e arraiais que depois conseguiram estabelecer-se em cidades de maior porte, como comerciantes, não queriam para seus filhos os contratempos de uma dura luta. Ver os filhos estudando soava

²³⁶ TRUZZI, Oswaldo. Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 147.

como uma compensação dos sacrifícios enfrentados. Por outro lado, os negócios prosperavam, precisavam dispor de pelo menos um dos filhos que não poderia “dar-se ao luxo de estudar”, quando muito, “deveria fazer cursos que o instrumentasse diretamente para tocar os negócios do pai”²³⁷.

Jorge João e Jamile vivenciaram a trajetória que ilustra os caminhos que muitas famílias percorreram. Trazido da Síria com quatorze anos pelo irmão mais velho, José João, ele estabeleceu-se no Arraial do Souza aprendendo a negociar e tornando-se sócio do irmão. Jamile, cinco anos mais nova, havia chegado com sua família no mesmo navio em que os irmãos viajaram e também dirigiu-se para o Arraial. Depois de casados, aspirando a melhores oportunidades mudaram-se para Altinópolis, onde mantiveram pequeno comércio aliado a atividades de mascateação pelas vilas e fazendas vizinhas. Finalmente decidem tentar a sorte em Batatais, lugar que, por ser maior, oferecia perspectivas mais amplas para o comércio. O pai, que aprendera a ler e a escrever para cuidar dos negócios, e a mãe, que não conhecia as letras, encaminharam os filhos para os estudos. Dos sete filhos do casal, um era homem, foi o filho que deu continuidade aos negócios do pai, passando-o para as mãos de seus familiares no momento em que foi eleito prefeito da cidade, em 1989. Este filho estudou na vizinha cidade de Ribeirão Preto, fazendo o curso de Contabilidade na Escola Moura Lacerda, enquanto cinco de suas seis irmãs estudaram na Escola Normal Livre Nossa Senhora Auxiliadora, o Colégio das Freiras, como é chamado pela população local. No decorrer da década de 1950, as cinco irmãs tornaram-se professoras em exercício.

²³⁷ TRUZZI, Oswaldo. Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 128.



Fotografias das irmãs Selma, Sarah, Marta, Olga e Marina, cinco das seis filhas de Jorge João e Jamile, que se formaram na Escola Normal Livre Nossa Senhora Auxiliadora de Batatais, do acervo de Marina Mansur.

Nacime, sobrinho de Jorge João, também foi cursar contabilidade na Moura Lacerda, mas, aos dezoito anos, com a morte prematura do pai, abandona as atividades de estudo e trabalho que assumira em Ribeirão Preto e passa a dar continuidade aos negócios e responsabilizar-se pelo irmãos mais novos, comprometendo-se que, uma vez que não pôde estudar, faria qualquer sacrifício para que pelo menos um dos irmãos chegasse a uma formatura.

Favorecidos por condições proporcionadas pela inserção no comércio, os sírios e libaneses, a partir de 1930, viram seus filhos terem acesso a um mercado de trabalho em plena formação, sobretudo os setores ligados às profissões liberais. De acordo com Truzzi²³⁸, é importante frisar as condições excepcionais que estes imigrantes reuniram em termos de acesso às profissões liberais quando comparados com outras etnias.

A visão de uma trajetória diferenciada para o futuro das novas gerações também estabeleceu tensões que envolviam decisões no momento de encaminhar os filhos profissionalmente, uma vez que, em circunstâncias habituais, o potencial dos negócios contabilizava o aproveitamento da mão-de-obra familiar.

Antônio Acra veio do Líbano residindo em Santos, onde manteve comércio antes de estabelecer-se em Batatais, para onde se mudou quando já era casado e tinha filhos. Montou

²³⁸ TRUZZI, Oswaldo. Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 126.

balcão no Mercado Municipal e os dois filhos mais velhos diversificaram e ampliaram os negócios a tal ponto que Titinho, o irmão que fazia curso de Medicina, foi requisitado para ajudar:

Sou o caçula dos filhos. Estudei Medicina no Rio de Janeiro, mas voltei para ajudar na loja. Meu irmão Miguel, que era o mais velho, comprou esta casa²³⁹, então fui chamado para ajudar. A família ficou com duas lojas, uma em cada esquina²⁴⁰.

Ainda que de forma aproximativa, se estabelecermos um grau comparativo entre os estudos realizados por Truzzi²⁴¹, na capital de São Paulo, cidade que concentrou o maior número de sírios e libaneses de todo o Brasil, e a fração desses imigrantes que se estabeleceu em Batatais, é possível observarmos que, em São Paulo, a ascensão e entrada em escolas *formadoras da elite das profissões liberais* foi tímida para imigrantes ou filhos de imigrantes até a década de 1930, período em que aos alunos estrangeiros ou descendentes o acesso era difícil. A partir de então, o número de filhos de imigrantes formados passa a ser crescente. Em Batatais esse processo acompanhou o mesmo padrão.

Duas escolas particulares religiosas, uma feminina salesiana, o Colégio e Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora, e outra masculina, o Colégio São José, claretiano, instaladas em Batatais na primeira década do século XX, conseguiram responder às necessidades, inicialmente da elite cafeeira estabelecida e depois daquelas camadas, incluindo-se aqui as gerações na imigração, que passaram, por meio de outras atividades, a ter acesso e inserção social a patamares, até então, não experimentados por imigrantes de um modo geral.

As avaliações familiares dos rumos dos negócios e das escolhas profissionais que perpassam as atribuições do sustento familiar e da responsabilidade pelo trabalho instalam um demarcador ligado à diferenciação de perspectiva masculina e feminina.

Do ponto de vista da necessidade de escolarização, os horizontes para as mulheres não eram tão amplos quanto para os homens, pois as restrições para as escolhas de certas profissões

²³⁹ Referência que o depoente faz ao local de onde fala, a loja, que compõe o prédio com a residência da família nos fundos.

²⁴⁰ Depoimento de Titinho Acra, filho de libaneses.

²⁴¹ TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1997.

também se aliavam ao fato de serem ou não consideradas adequadas para as mulheres. Neste sentido, os depoimentos recolhidos por Osman²⁴² indicam que a preocupação inicial era oferecer ensino básico, sem estímulo para carreiras profissionais. Caso houvesse incentivo para uma carreira, esta deveria limitar-se às atividades consideradas adequadas para as mulheres, mas, tratando-se de profissões que possibilitavam não ter patrões, a situação era outra, neste caso, poderiam ser exercidas indistintamente por filhos ou filhas. Já as constatações de Truzzi²⁴³ apontam que nas três escolas paulistas, Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina e Escola Politécnica, mais levantamentos parciais no Mackenzie e Escola de Comércio Álvares Penteado, formadoras da elite de profissionais liberais, entre o período de 1880 e 1950, há registros de uma única advogada e apenas três médicas. O autor explica que, à medida que as famílias alcançavam boas condições econômicas para todos os filhos, fossem homens ou mulheres, eram incentivados a estudar, no entanto, o objetivo de estudar para as mulheres não era o exercício da profissão, a autonomia profissional feminina não se ajustava aos padrões que circulavam num momento em que conviviam os valores trazidos e os valores encontrados.

A mudança de rumos apresentada pelos autores certamente refere-se aos períodos em que os depoimentos foram recolhidos. As pesquisas de Osman²⁴⁴ encaminharam-se para famílias de imigrantes sírios e libaneses que se fixaram especialmente em São Paulo, a partir da década de 1950, enquanto Truzzi²⁴⁵ voltou-se aos pioneiros, para o período onde a educação, paralelamente à expansão comercial e industrial dos imigrantes e seus descendentes, constituiu uma “alternativa de ascensão sócio-econômica, trilhada com bastante êxito”²⁴⁶ por uma significativa parcela desse grupo.

No caso do universo feminino espelhado nos relatos orais recolhidos para este estudo, a abertura para a continuidade dos estudos e o desempenho de uma carreira profissional acabaram recaindo sobre uma profissão considerada mais adequada para as mulheres, condição que o

²⁴² OSMAN, S.A. Caminhos da imigração árabe em São Paulo: história oral da vida familiar. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

²⁴³ TRUZZI, Oswaldo. Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1997.

²⁴⁴ OSMAN, S.A. op. cit.

²⁴⁵ TRUZZI, Oswaldo. Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1997.

²⁴⁶ Id. *ibid.* p. 123.

Magistério preenchia ao permitir a conciliação entre carreira e compromissos domésticos.

A instalação da Escola Normal, em condições legais a partir de 1939, o curso normal já havia funcionado no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora no período de 1928 a 1930, atendeu plenamente aos anseios daqueles que desejavam que suas filhas continuassem estudos sem abrir mão de certas restrições, uma vez que se tratava de um colégio dirigido por freiras, só para mulheres. O fato de apenas aquelas famílias que dispusessem de maior poder aquisitivo a ela terem acesso não constitui um impedimento para que significativo número de filhas e netas de imigrantes a frequentassem e se diplomassem, situação esta que ofereceu condições para que algumas gerações de alunos que passaram pelos bancos escolares batataenses, as carregassem em suas lembranças de primeiras professoras:

D. Julieta Acra foi minha professora do 3º ano. Infelizmente já faleceu. Era uma mulher aparentemente tímida e introvertida. Talvez já estivesse doente quando a conheci. Dedicada, de bom coração, era querida. Era irmã de um comerciante com loja de tecidos numa esquina da Ladeira Dr. Mesquita com a Santos Dumont, o Sr. Miguel Acra. Foi casada com outro comerciante, o Sr. Barroso, com loja, se não me engano, [...].²⁴⁷

Como assinalamos anteriormente, a escolha da escola onde os filhos deveriam estudar, para os imigrantes sírios e libaneses, estava diretamente ligada às suas aspirações de inserção e participação e às condições econômicas das quais desfrutavam. Ao matricular os filhos em determinada escola, a família demonstra seu nível financeiro, viabiliza a convivência dos filhos com pessoas da mesma idade e a aproximação com as camadas mais altas. Os filhos integram-se com diferentes grupos e depois de formados estas circunstâncias lhes favorecerão a vida profissional. Mesmo que os pais não sejam recebidos como membros deste ou daquele grupo de maior destaque social ou político, esta condição fica garantida aos filhos.

A Escola Normal Livre Nossa Senhora Auxiliadora desempenhou um papel importante na inserção das filhas de imigrantes sírios e libaneses na sociedade local, ao aproximar os gostos, os desejos, os valores, os padrões de comportamento de suas alunas pela forma de educar. Sendo o ensino em língua portuguesa, vai provocar um distanciamento cada vez maior do conhecimento

²⁴⁷ PEREIRA, José Carlos de Medeiros. O Grupo Escolar Dr. Washington Luís que frequentei. *Amicus*. Batatais, ano 2, n. 4, p. 187-188, nov. 2001.

da língua e da cultura árabe, se é que existia, até atingir o esquecimento.

Da mudança de Josefina Zaider Acra com suas filhas para Ribeirão Preto, na década de 1930, a fim de que pudessem cursar o normal, num momento em que a família estava bem situada economicamente com ajuda dos filhos mais velhos, quando em Batatais, ainda não havia possibilidades para as mulheres continuarem os estudos, até a geração seguinte, muitas transformações ocorrem, grupos cada vez maiores de filhos e filhas de imigrantes chegam às escolas.

As filhas de Josefina²⁴⁸, assim como parcela significativa de filhas, netas e bisnetas de outras famílias de imigrantes sírios e libaneses, trilharam uma carreira no magistério, mesmo que tenham, ainda, renunciado a um passo mais largo quando se tratava de um cargo em outras localidades, como declara a neta de sírios Jamile Mansur:

Quando chegou a hora de fazer carreira, sair de Batatais, meu pai não deixou, tive que ficar por aqui mesmo.

Os limites e as restrições impostas foram sendo rompidos ao longo das gerações. A conquista de diferentes espaços é encarada de geração a geração, abrindo-se perspectivas mais amplas de mães para filhas, de mais velhas para mais novas, assim é que irmãs mais novas podem usufruir dos espaços conquistados pelas irmãs mais velhas.

Inegavelmente a preocupação dos imigrantes sírios e libaneses que transpareceu nos depoimentos pessoais pode ser traduzida pelo esforço que cada família realizou para criar novos espaços legítimos de inserção, valorizados socialmente, como o caso de ter filhos doutores, títulos que dão um reconhecimento social que dificilmente as atividades voltadas para o comércio poderiam oferecer. A questão vista por este ângulo justifica os esforços na conquista de posições e territórios até então interditados.

A trajetória do caçula Jorge Nazar é exemplo de alguém que representou a concretização de um sonho dos imigrantes sírios e libaneses que se estabeleceram em Batatais. Seu pai, Antônio Nazar, atendeu prontamente ao chamado de seu parente e amigo Antônio Iara. Saiu da Síria e

²⁴⁸ A partir de 1995, uma delas, Alzira Acra, passa a dar seu nome para uma das escolas públicas da cidade.

chegou a Batatais no início do século XX. Veio sozinho e mascateou até ter condições de trazer a mulher Adélia e a filha Maria, ocasião em que adquiriu comércio de portas abertas. Uma vez instalada em Batatais, a família viu nascer outros nove filhos, que cresceram com a expansão dos negócios, revezando-se nos trabalhos entre o balcão da loja Antônio Nazar, na cidade, e do Armazém Aparecida, instalado na fazenda de propriedade da família. Desta tarefa livrou-se Jorge, que conseguiu formar-se e em 1947 foi eleito prefeito da cidade:

O tio Jorge foi o filho que se diplomou médico. Ele realizou o grande sonho da família, ter pelo menos um filho formado²⁴⁹.

2.4 TRABALHO: ALQUIMIA DOS SONHOS MIGRANTES

Abordar a questão do trabalho é aproximar-se da definição do modelo ideal do imigrante e da imigração: “um imigrante é essencialmente uma força de trabalho”²⁵⁰. É o trabalho que dá existência aos imigrantes e decreta sua não-existência se terminar. Não se trata, no entanto, de qualquer trabalho, disponível em qualquer lugar, trata-se do trabalho disponível para imigrantes.

Imagens do imigrante remetem invariavelmente ao mundo do trabalho. É nesse mundo que se encontram as experiências formadoras da condição de emigrante e imigrante. O trabalho marca toda a existência do imigrante que se constitui num cotidiano identificado pela conquista de um lugar no campo do trabalho, resultante de momentos de intensa disputa entre diversos segmentos de atividades exercidas por nacionais, regionais ou diferentes origens étnicas. Circunstâncias estas indicadoras da dificuldade em pensar na conjugação do imigrante e do desemprego: ser imigrante e desempregado é um paradoxo nos dizeres de Sayad²⁵¹, afinal, um imigrante só tem razão de ser pelo trabalho.

²⁴⁹ Depoimento de Darly Nazar, sobrinha de Jorge Nazar.

²⁵⁰ SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 55.

²⁵¹ Id. *ibid.* p. 55.

Nesse sentido o autor esclarece que as distinções entre imigração de trabalho e imigração de povoamento são artificiosas, assim como as distinções entre imigração de qualidade e a de quantidade, considerando-as oposições ricas em “subentendidos e pressupostos ideológicos, e até mesmo racistas”²⁵². Não é mais possível considerar uma imigração de povoamento, ou “mesmo de colonização que não tenha começado como uma imigração de trabalho”²⁵³, assim como não existe uma imigração para o trabalho que não se converta em imigração familiar, conseqüentemente, de povoamento: é o caso dos sírios e libaneses no Brasil. Iniciando-se como imigração para o retorno e constituindo-se de uma imigração de trabalhadores isolados, precisou de pouco tempo para corresponder à imigração de trabalho e imigração de família.

Enquanto as ligações com a comunidade de origem permaneciam vivas, a mão-de-obra dos sírios e libaneses dizia respeito, basicamente, aos homens, só, a prioridade na emigração era para os homens jovens²⁵⁴ que deveriam fazer riqueza e retornar. Porém, mesmo essa presença provisória, caracterizada pela idéia do retorno, subordina-se a uma razão que lhe é exterior, da qual retira seu significado e sua justificativa: o trabalho.

Para Sayad²⁵⁵, apenas os deslocamentos de população provocados essencialmente por questões políticas, casos do exilado, do banido, do proscrito, do refugiado político, apresentariam um diferencial em relação às migrações de trabalho. As migrações que se constituem como fugas diante de riscos políticos, ameaças de morte, privação de liberdade não obedecem à lógica da mesma natureza que as migrações de trabalho.

Os imigrantes sírios e libaneses que chegaram ao município de Batatais foram atraídos pelo segmento errante da economia, com a agilidade necessária para instalar-se onde convinha, ou mudar-se quando a situação desfavorecia, o que explica a saída do Arraial do Souza, quando os negócios começaram fracassar, a tentativa das famílias de encontrar estabilidade na vila de Mato Grosso de Batatais, que apresentava sinais de prosperidade, ou a troca de produtos

²⁵² SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. Travessia – Revista do Migrante. CEM, ano 13, jan. 200. Número especial. p. 25.

²⁵³ SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. Travessia – Revista do Migrante. CEM, ano 13, jan. 200. Número especial. p. 26.

²⁵⁴ Conforme constatações nos estudos de Knowlton, Truzzi e Hajjar.

²⁵⁵ SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP, 1998.

vendidos, conforme o funcionamento do mercado de oferta e procura exigissem.

A trajetória narrada por Nacime Mansur, filho mais velho que assumiu os negócios da família após a morte do pai, apresenta os indicadores das necessidades de adaptação a esta ou aquela circunstância como sinais da luta cotidiana para manter o lugar no mundo do trabalho conquistado pelo pai.

Na época que meu pai veio o que atraía era o café. Meu pai montou um negócio de secos e molhados, miudezas e cereais. Ele morreu moço, com 48 anos. Eu não tinha noção porque eu era técnico em balanços. O atacadinho dava muito trabalho. Enfrentando firmas de Ribeirão, não deu. Montei o arroz Meeiro, depois a Madren, fábrica de elásticos, acabei montando o depósito²⁵⁶.

Lembrando o trabalho do avô, Maria Amélia também adentra na questão da mobilidade dos negócios e reforça a *crise do café* como um demarcador de águas.

Aí foi quando o vovô, naquela época do café, que ele teve muito prejuízo, que perdeu, que precisou vender, vendeu a loja, vendeu a bomba, vendeu tudo. Eles ficaram sem nada [...] Aí eles foram para a Ilha²⁵⁷, lá em Brodowsky, e puseram uma lojinha [...]. Mas eu não sei, parece que lá também não deu certo não [...] as pessoas achavam que ele devia ter ido embora para São Paulo, levado a família. Lá em São Paulo muitos árabes tinham se dado bem. Aí ele voltou²⁵⁸.

Fazendo do comércio o principal meio de trabalho, os imigrantes sírios e libaneses ressentiram-se da mudança de rumos marcada pelos revezes da economia cafeeira. Razão inicial de atrativo, transformou-se em geradora de necessidades de reorganização não só espacial, das famílias e dos negócios, como de gêneros comercializados.

Os filhos do comerciante Chico Barateiro em suas lembranças, contam que o pai, após viver em São Paulo, tentou estabelecer-se em Araras, mas,

[...] estimulado por amigos e patrícios, como o Sr. Elias Tame e José Hazank, entre outros, se estabeleceu com uma loja na rua 07 de Setembro na cidade de Batatais. Com a crise do café, no final da década de 30, Chico Barateiro não conseguiu resistir à

²⁵⁶ Nacime Mansur faz referência ao depósito de materiais de construção do qual é proprietário e dirige ajudado pela mulher e outros parentes.

²⁵⁷ Referência à Fazenda da Ilha.

²⁵⁸ Maria Amélia refere-se à saída dos avós da Fazenda da Ilha e a volta para Batatais.

quebra geral do comércio e sucumbiu²⁵⁹.

Então viajou para Poços de Caldas, onde seus parentes estavam estabelecidos. Mais tarde foi para São Paulo, onde viveu até o fim da vida.

Os relatos das gerações oferecem pistas que permitem observar as relações e o significado do trabalho para a prosperidade. Ao chegarem como imigrantes, a tarefa de organizar-se para uma vida promissora está ligada à tarefa de construir a imagem de um povo trabalhador, com características distintivas de *bons* imigrantes. Para isso era necessário passar aos descendentes a idéia de valorização do trabalho, não tendo peso maior, nestas circunstâncias, a forma como seria desempenhado, nem as dimensões que seriam incorporadas ou afastadas quando se tratasse de acompanhar o “mercado frouxo”, ou o “mercado firme”, expressões usadas por Nacime Mansur para referir-se às condições de favorecimento ou desfavorecimento nas compras e vendas de mercadorias.

As atividades desempenhadas por esse grupo de imigrantes desenvolviam-se no sentido de traçar uma trajetória de ascensão progressiva, pautada pela inserção no mercado de trabalho. As atividades voltadas para o comércio de pequena monta foi o segmento de trabalho para a inserção dos pioneiros no município. Alguns, com ponto estabelecido, organizando o comércio de portas abertas ou um pequeno depósito de mercadorias vendidas no mercado de atacados, quando as condições acenavam com um mínimo de favorecimento. Outros, na mascateação, apoiados na garantia familiar, de amigos, ou mesmo daqueles patrícios que se dispunham em colaborar.

Para as gerações seguintes, a situação configurou-se de outra maneira. Com os prenúncios da Primeira Guerra Mundial, se ainda era alimentado algum desejo de retorno, desfaz-se para dar lugar às preocupações com a educação dos filhos, no sentido que ela permita acesso, sobretudo, às profissões liberais.

Era o momento do grupo também voltar sua atenção para diferentes organizações no sentido de ampliar expectativas de socialização para além do espaço do grupo familiar. Essa condição explica o surgimento de associações diversas à qual Batatais não representou exceção,

²⁵⁹ Os filhos de Chico Barateiro usam a expressão *sucumbiu* em relação ao comércio.

conforme registros de autores como Hajjar²⁶⁰ e Safady²⁶¹, que fazem referência à *União Síria*, que nesta cidade teria existido.

Os depoimentos pessoais não conduziram a estas associações, há menções a reuniões familiares, como as que aconteciam na casa de Felipe Caran, relatadas por Salem Nessrallah, Julinho Abeid e Titinho Acra, ou os pique-niques que vieram à lembrança de Maria Amélia quando remexeu a caixa de fotografias dos avós.



Fotografia de um piquenique da colônia Síria de Batatais, pertencente ao acervo pessoal de Maria Amélia Caran.

Foram as fotografias que também revelaram a existência de um time de futebol com o nome de E.C. Syrio, sobre o qual a imagem deve falar por si mesma, uma vez que correu de mão em mão sob olhares entre surpresos e curiosos, mas sem respostas, compondo assim o registro de um fato que não se faz presente na memória coletiva²⁶².

²⁶⁰ HAJJAR, C. *Imigração árabe: 100 anos de reflexão*. São Paulo: Ícone, 1985.

²⁶¹ SAFADY, W. *Cenas e cenários dos caminhos de minha vida*. Belo Horizonte: Santa Maria, 1966.

²⁶² O conceito de memória coletiva é aqui expresso segundo o pensamento de Halbwachs; corrente de pensamento contínuo que retém do passado o que permanece vivo na consciência do grupo que a mantém. HALBWACHS, M. *A*

É a partir de laços de conveniência familiares, escolares, profissionais, que se desenvolve a memória coletiva, responsável por manter a memória do grupo, a qual corrige, acrescenta ou restringe, unifica ou desmembra, diferencia. Sobrevivendo no interior do grupo, a memória coletiva sofre as sucessivas variações da evolução dos seus membros e depende de sua interação.

A experiência da releitura das fotografias do piquenique e do time de futebol não representou o reencontro com a memória do grupo. Os detalhes não lembrados, as imagens esquecidas, não refizeram os caminhos que intensificam as lembranças. Neste sentido, a memória coletiva não foi reafirmada no trabalho de reconstrução do passado.



29-7-934 S.C.SYRIO - 2 X BATATAIS F.C. - 4

Fotografia da equipe do S.C. Syrio em jogo contra o Batatais F.C. em 1934, pertencente ao acervo do Museu Washington Luis da Casa da Cultura de Batatais.

O registro de um documento oficializando a fundação da Sociedade Syria Beneficente enviado à Câmara Municipal de Batatais²⁶³ confirma as tentativas de ampliação da socialização com os recursos do fruto do trabalho: “[...] com o elevado intuito, de construir um Hospital, desejando dar início aos seus trabalhos, e necessitando para conseguir o seu desideratum, de um terreno, que para esse fim se preste [...], mais ou menos nas immediações da S. Casa[...]”.

memória coletiva. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

²⁶³ Requerimento datado em agosto de 1929 e assinado pelo presidente da Sociedade Syria Beneficente. Arquivo da Câmara Municipal de Batatais. Caixa 141-DOC 141/013.

A construção do hospital não ocorreu e a Sociedade Syria Beneficente não se perpetuou na memória coletiva. O documento passa a ser testemunha de um fato para o qual não há correspondências de quaisquer recordações vivas: não há lembranças. A memória estendeu-se até onde pôde, não foi por má vontade ou indiferença que estes acontecimentos foram esquecidos, é porque os grupos que deles guardavam a lembrança desapareceram.

Paralelamente às condições de reorganização, tanto aquelas exigidas pelas circunstâncias, quanto aquelas desejadas pelo grupo, estavam as iniciativas ligadas ao trabalho inicial do grupo, vendas ambulantes no varejo, arriscando-se também em novas áreas comerciais e mesmo empresariais, embora não consigam romper com a imagem do mascate, que as gerações mantêm e passam a cultivar como sinal de coragem, carregada de heroísmo, perdendo a qualificação depreciativa e constituindo-se no marco representativo da chegada e inserção do grupo no Brasil. O acontecimento narrado por Julinho Abeid dá uma dimensão de como as gerações, apoiadas no passado vivido, mais do que no passado apreendido pela história escrita, constituem um quadro vivo, em que se apóia o pensamento que permite fazer uma idéia do que foi o passado.

“Não posso esquecer a primeira visita comercial como gerente, na zona rural. Foi na Fazenda da Ilha, ao senhor João Roberto da Silva, velho amigo e cliente em outros bancos. Feita a visita, com cafezinho e abertura de conta, ele indicou uma visita ao seu irmão José Roberto, vizinho. Lá chegando tivemos o seguinte diálogo:

Sr. José: De que família você é?

Júlio: Sou Abeid.

Sr. José: O que você é do Abrãozinho?

Júlio: Sou neto.

Sr. José: Então vou contar uma coisa que acho você não vai gostar. Seu avô era compadre dos meus pais e fazia pernoite aqui, quando vinha vender nesta região. Naquela árvore que você está vendo, ele amarrava sua mula para passar a noite. Quando íamos à cidade ficávamos na casa dele.

Júlio: O senhor acha que eu não ia gostar do quê?

Sr. José: De saber que ele era mascate, ou caixeiro viajante, muito comum na época.

Júlio: Eu sempre soube disso e sempre foi motivo de orgulho saber que meu avô, imigrante árabe, que aportou no início do século, sem lenço e sem documento, foi mascate, vendendo sua mercadoria, até estabelecer-se com casa comercial na rua da Estação, hoje avenida 9 de Julho, ali criando honradamente sua família”.

É na condição de trabalhador que o emigrante deixa a sociedade em que vive e é na condição de trabalhador que chega à nova terra numa situação de desconhecimento dos mecanismos sociais e econômicos vigentes. A falta de familiaridade com os métodos de trabalho e as formas de remuneração, o encontro com um modo de organização diferente do até então conhecido, constituem-se num sistema de exigências que devem ser vencidas à medida que ocorre a integração pelo trabalho.

A condição de reconhecimento e superação das exigências do trabalho, com maior ou menor rapidez e eficácia, pode assegurar melhor controle da experiência de ser imigrante. Nesse sentido, Sayad²⁶⁴ afirma que quanto mais difícil a adesão às disposições requeridas pelo trabalho, mais as preocupações anteriores à emigração às quais os imigrantes estão ligados sobreviverão e se prolongarão. A integração, resultado da experiência acumulada, acaba organizando uma hierarquia interna do grupo de imigrantes que coloca os recém-chegados para o trabalho em condições inferiores. É o reconhecimento destas condições que explica a rede de procura por vários tipos de apoio para o trabalho, que se organiza em torno dos pioneiros por aqueles que vão chegando, e as considerações que Jorge João fazia junto à sua mulher, quando procurado no balcão de seu armazém e atacadinho, por algum patrício recém-chegado:

- Oferece só o almoço, ele tem que fazer como fiz.²⁶⁵

Leila Nassrallah também lembra que seu pai era muito procurado na loja por “viajantes patrícios que diziam que estavam desempregados. Era comum alguém chegar pedindo ajuda. Meu pai nunca negou”. Ela acredita que entre os viajantes havia uma indicação de quem

²⁶⁴ SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 64-65.

²⁶⁵ Frase pronunciada pelo pai e lembrada por Marina Mansur.

deveriam procurar ao chegarem nesta, ou naquela cidade.

De certo modo, nestas constatações se apresentam as circunstâncias que inclinam aqueles que ainda não estão integrados às condições de trabalho aceitarem as tarefas menos estáveis, menos remuneradas, mais penosas.

A despeito de toda mudança que a emigração engendrou, os sírios e libaneses, prioritariamente, organizaram a força de trabalho ligada aos homens, posteriormente em ritmo alterado, as mulheres e os filhos passaram a acompanhá-la, o que ocorreu à medida que se distanciaram do comércio ambulante e passaram a organizar os meios de subsistência familiar ligados aos pequenos estabelecimentos comerciais, experiências vividas e retratadas na maioria dos depoimentos.

Ao chegarem à região da Mojiana, os sírios e libaneses depararam com uma economia que girava em torno da posse da terra, representada pela grande propriedade e cultivadora de café. O trabalho assalariado ao qual se ligaram grandes contingentes de imigrantes italianos e japoneses que se estabeleceram nas fazendas como colonos não se apresentou como atrativo para aqueles que investiram economias na emigração por conta própria, razão que também os afastava da disponibilidade de recursos para adquirir terras, contexto que facilitou a opção pelo pequeno comércio.

Negócios comerciais estabelecidos em pequena escala como propriedades, basicamente, de uma única família apresentavam a peculiaridade do contato cotidiano com a população local. No pequeno comércio, embora o papel principal coubesse ao marido, outros membros da família acabavam sendo solicitados para diferentes funções e, nestas condições, muitas mulheres passaram a exercer um papel complementar.

Nestas circunstâncias, as mulheres, ao mesmo tempo em que assumiram as tarefas domésticas, colaboraram na organização e funcionamento dos estabelecimentos comerciais, fossem pequenos armazéns, lojinhas ou depósitos, condições expressas nos depoimentos.

Mamãe trabalhava com meu pai no balcão. Mamãe ia com meu pai fazer compras em

São Paulo²⁶⁶.

Depois da morte de papai, mamãe ainda tentou manter os negócios, mas não conseguiu²⁶⁷.

No momento em que era necessário procurar recursos e trazer dinheiro de fontes externas, momento esse em que o balcão não gerava dividendos suficientes para manter o bom andamento dos negócios, os homens saíam para mascatear, enquanto as mulheres garantiam o andamento das atividades domésticas e o atendimento da freguesia.

Os depoimentos que têm sustentado as questões até aqui apresentadas não deixaram de trazer à tona situações compatíveis com estas circunstâncias. A narrativa exposta a seguir apresenta uma dimensão desse modo de trabalho.

Mesmo estabelecidos, eles mascateavam. Meu pai pegava a Mojiana, Macaúba, Boa Sorte, num vagão de segunda. Levava pão e pedia água [...].

Era incapaz de dar prejuízo. Saía com a réstia de alho ou cebola para vender nas casas. Sofreram muito, mas felizmente deu exemplo²⁶⁸.

As perspectivas das narrativas, quando voltadas para o segmento das formas de organização dos meios de sobrevivência das famílias, externalizam as vantagens de um grupo que deseja ser reconhecido como ativo, dinâmico, que se organiza de maneira a acarretar mínimas despesas, que podem com certa cautela ser traduzidas como prejuízos, circunstâncias que o colocam em vantagem em relação ao que se espera de uma população imigrante. Também definem as funções dos encarregados de conseguir dinheiro gerado pelo trabalho externo, desempenhado pelos homens e pelo trabalho interno, tarefa fundamental das mulheres que deveriam garantir o trabalho doméstico e a continuidade do comércio. Esta situação mantém-se enquanto a participação de outros membros da família pode, ou não, ocorrer.

É possível recolher ao longo dos depoimentos pessoais os nomes de vários casais que trabalharam juntos no balcão: Amélia e Alexandre Caram, Mariana e Abrão Abeid, Dona Filhinha e Murad Casmamie, Jamile e Jorge João, Julieta Acra e Sr. Barroso, Adélia e Nassib

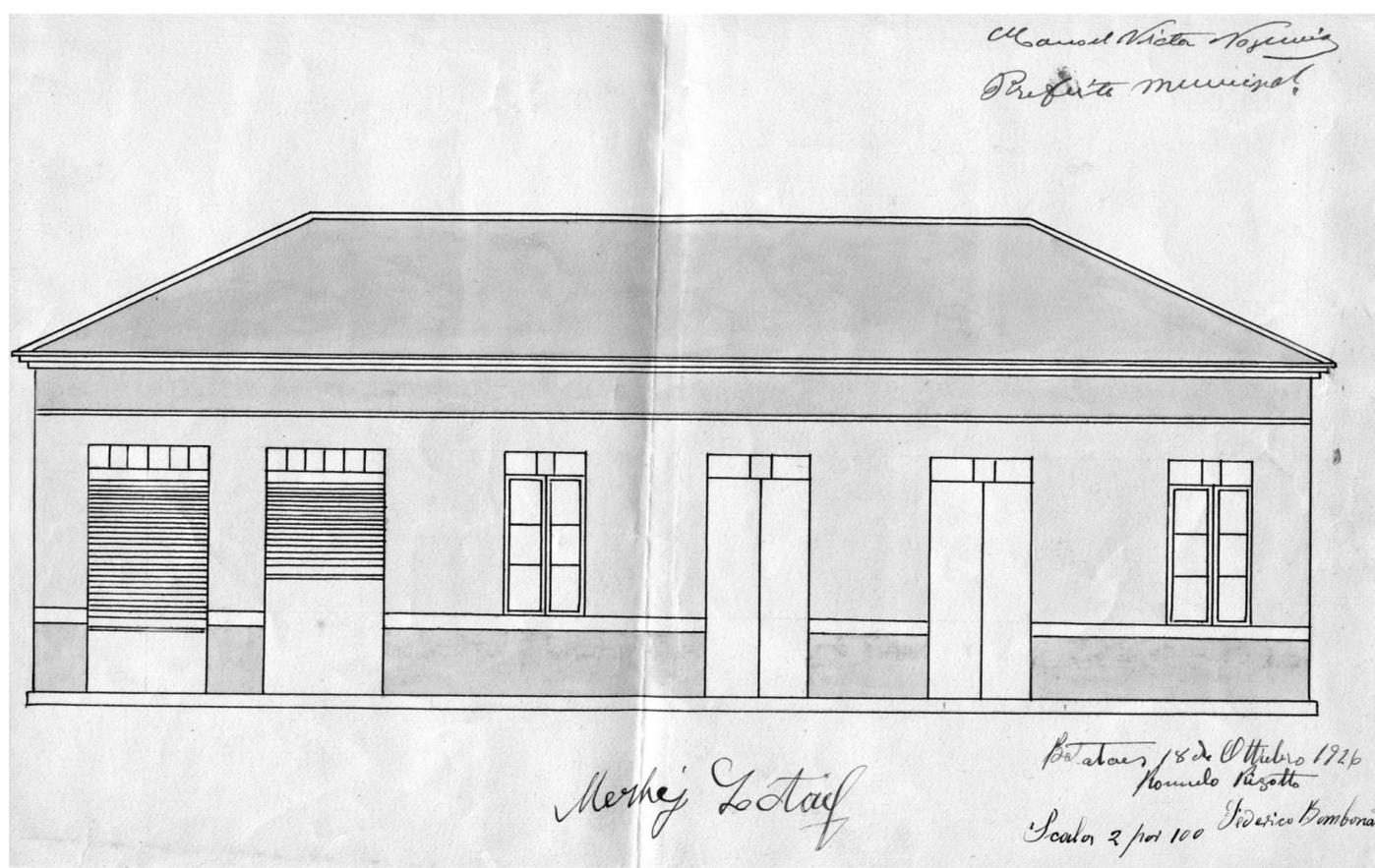
²⁶⁶ Depoimento de Marina Mansur.

²⁶⁷ Depoimento de Leila Nassralla.

²⁶⁸ Depoimento do filho de sírios, Nacime Mansur.

Nassralla, Júlia e Elias Tame.

A mulher ocupa-se do bem-estar da família, enquanto garante a plena inserção dos seus no mundo do trabalho e o sucesso nos negócios. Desempenhar funções junto ao comércio familiar é uma condição necessária, pois a presença física da mulher permite que seu papel de dona-de-casa seja mantido, uma vez que a composição espacial alia invariavelmente a casa de morada e o ponto comercial. O modelo abaixo indica uma das variações da composição espacial de moradia e comércio, que também podem distribuir-se entre: morada na frente e ponto comercial ao fundo, ou ainda em forma de sobrado com o comércio embaixo.



Planta da fachada do projeto da casa de Merhej Lotaif, mostrando as portas de comércio ao lado da casa, pertencente ao arquivo da Câmara Municipal de Batatais²⁶⁹.

As tarefas desempenhadas pelas mulheres implicaram no grande esforço para o benefício de integração e inserção social da família e não há menções que fossem encaradas como uma forma de trabalhar considerada no âmbito da auto-realização:

²⁶⁹ Observa-se que a planta traz a assinatura de dois imigrantes italianos: o engenheiro Rômulo Rigotto e o construtor Frederico Bombonato.

[...] o vovô, ele não soube reagir [...] foi onde minha avó começou a dar pensão para poder sustentar, ajudar na despesa da casa.²⁷⁰



Fotografia da pensão de uma esposa de imigrantes árabes, pertencente ao acervo pessoal de Maria Amélia Caran.

O trabalho no comércio familiar significou para as mulheres uma prolongação do seu tempo de trabalho doméstico não remunerado, uma vez que não havia um salário ou retribuição direta em dinheiro. Os pagamentos efetuados pelos fregueses e por elas recebidos eram automaticamente repassados para os negócios familiares, que, habitualmente, registravam-se em nome do marido.

Com a função prioritária e exclusiva de integrarem-se ao mundo do trabalho, adquirindo assim condições de inserir profissionalmente as novas gerações, as famílias de imigrantes sírios e libaneses adotaram a mascateação, o pequeno e o médio comércio como forma inicial de trabalho. Foram essas atividades que envolveram homens e mulheres, que garantiram a inserção profissional de todos os membros das famílias, ofereceram condições de escolaridade e formação

²⁷⁰ Trecho do depoimento de Maria Amélia Caran sobre seus avós maternos com quem viveu parte da infância.

profissional nas carreiras liberais e estabeleceram um valor de herança.

Homens e mulheres trabalharam no comércio familiar tentando acumular mais que consumiam, para oferecer aos filhos durante os anos de formação. Os recursos econômicos necessários à assistência familiar, que garantiriam a inserção das gerações futuras, em geral, contaram com a responsabilidade que recaiu sobre as mulheres, que dividiram, numa forma de trabalho anteriormente desconhecida, o provimento das necessidades familiares. Não foi registrado nos depoimentos pessoais um demarcador de diferenciação de perspectivas para homens e mulheres no decorrer das gerações, constatado nas pesquisas de Osman²⁷¹, que indicou aos homens a atribuição da responsabilidade do trabalho enquanto provedores das necessidades familiares, onde os filhos mais velhos, conjuntamente com o pai, assumiam todo o sacrifício para oferecer o melhor à família.

As situações apresentadas a partir dos depoimentos pessoais conduzem a questões que trazem à tona as peculiaridades de cada grupo ao organizar os rumos de inserção e convivência na nova sociedade e evidenciam a pluralidade de situações que se mantêm ou são esquecidas ao longo das gerações.

À medida que durou a imigração, o grupo organizou uma reconversão de suas atitudes em relação ao país de origem, em relação a si mesmos e em relação à sociedade onde se estabeleceu. A dinâmica da reconversão concretiza-se ao longo do controle das experiências que vai sendo assegurado, principalmente, frente à adaptação às condições de trabalho impostas pela nova sociedade.

As circunstâncias que fluem dos relatos orais, exercícios de reconhecimento do passado, traçam linhas não tão nítidas, mas apresentam os limites que não ultrapassam o grupo, uma vez que são fundamentadas na memória coletiva. Essa perspectiva aponta a diversidade do sistema de imigração e constitui formas amplas que permanecem abertas na dinâmica da sucessão de gerações que relembram ou esquecem quando alguma situação deixa de interessar.

²⁷¹ OSMAN, S. A. A imigração árabe no Brasil. Travessia – Revista do Migrante. CEM, ano 12, n. 35, set./dez. 1999. p. 19.

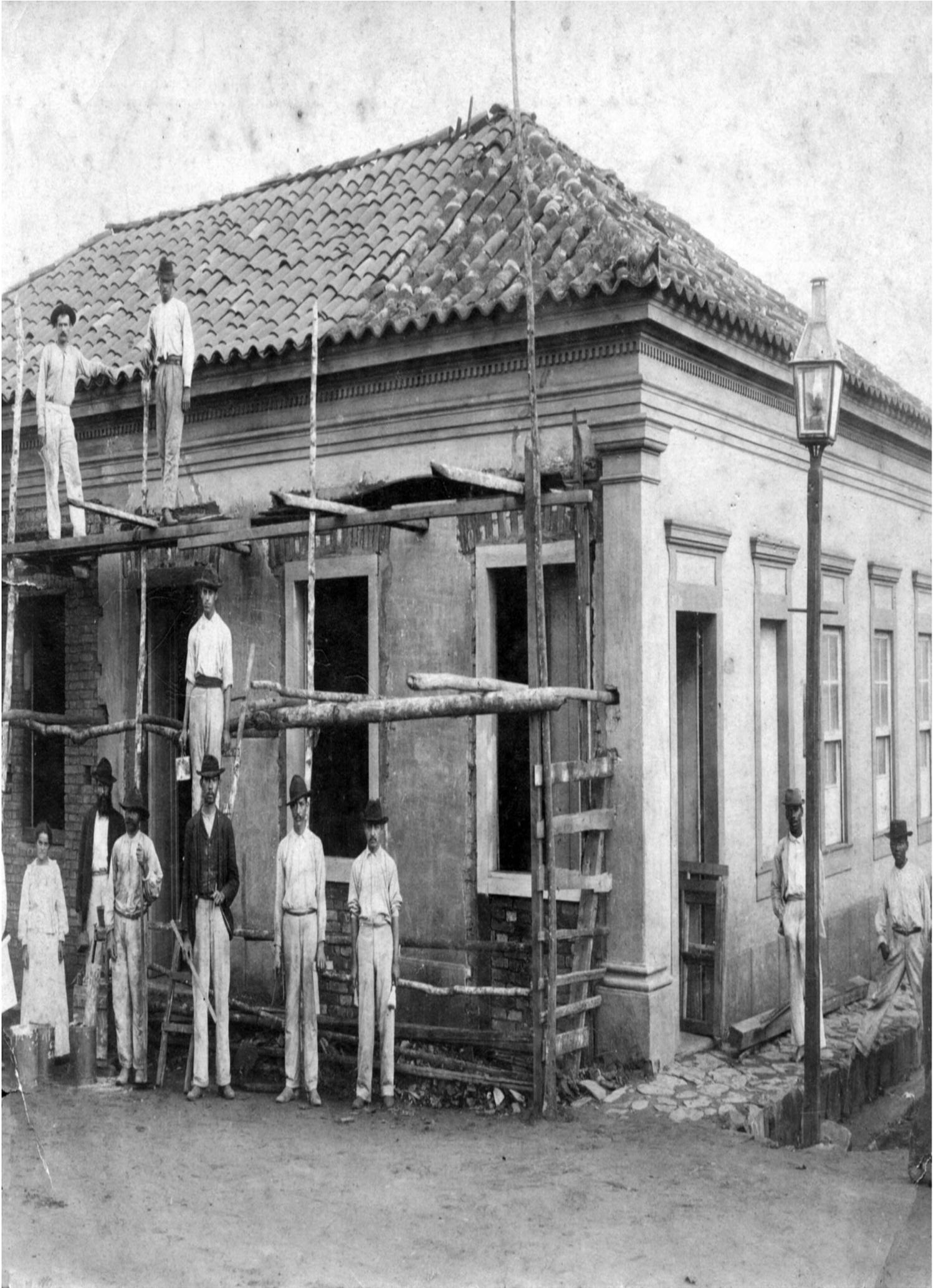
CAPÍTULO 3

Tecendo mil e uma

idéias:

Representações do imigrante

na literatura



As palavras não andam por si, elas também precisam de um libertador ou de um algoz.

GONÇALVES FILHO, 2000, p. 120.

No decorrer de um estudo que envolve o tema da imigração e toma relatos orais como um dos ângulos para análises, o pesquisador depara com inúmeras circunstâncias, que vão do comando de uma atividade ao desafio da análise de processos históricos narrados por sujeitos específicos, passando por um momento paradoxal em que o material recolhido nos relatos orais, ao ser organizado e transcrito, vê-se investido da simultaneidade da dinâmica das memórias de cada um e de todo o grupo, momento este em que o pesquisador é tomado pela surpresa diante das novas atenções que o mesmo exige.

A visão de conjunto que o material organizado oferece permite que várias explicações a respeito de uma mesma questão tornem-se perceptíveis e abre incontáveis ângulos para diferentes abordagens, ângulos que, carregados da dialética entre os registros²⁷² oral e escrito, persistirão enquanto durar a pesquisa e que são fundamentais, uma vez que permitem elos entre a informação individual e o contexto que a originou.

Esta condição da pesquisa do grupo de imigrantes que deixaram a Síria e o Líbano para se estabelecerem no município de Batatais conduz à compreensão de que o que se passou com o imigrante no Brasil depende de considerações que, ora se aproximam de particularidades, ora de características comuns a outros grupos de imigrantes, compreensão que se tornou possível pelo processo de escuta atenta e das reflexões que o acompanharam, pela organização por escrito dos relatos orais, pelos novos questionamentos que suscitaram e pelas leituras.

Todas essas circunstâncias, longe de se apresentarem “como uma massa de informações a

²⁷² DEMARTINI, A.B.F. Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa. *In*: LANG, A. (org.). Reflexões sobre a pesquisa sociológica. São Paulo: CERU, 1999. p. 33-45.

serem trabalhadas segundo esquemas prévios”²⁷³, mostram aspectos de temporalidades próprias e singulares, rompendo o cerco do espaço e do tempo, que passam a ser ocupados pelas lembranças e permitem aproximações com diferentes “formas de representação, no sentido de ampliar e aprofundar o objeto de investigação”²⁷⁴. Assim, tomamos uma destas formas de representação, a literatura, para tentar desatar alguns nós dos fios que a ligam à imagem do imigrante e suas relações com a realidade social, considerando sua proximidade com os relatos orais, ao constituírem formas de construção do real envolvendo acontecimentos, pessoas, tempos, espaços, preocupações específicas ou amplas.

Atentos ao que consideraram uma crise epistemológica da realidade, o desaparecimento da crença na verdade legitimadora da ordem social e o entrelaçamento de diferentes saberes, estudiosos das ciências sociais, de um modo geral, e da história, de modo particular, passaram a lançar diversificados olhares aos objetos de estudo ligados às crenças, valores, mito, imaginário, organizações sociais, representações sociais manifestadas na arte, na literatura, na própria ciência.

Pesquisadores de programas de pós-graduação em História²⁷⁵ iniciaram, na década de 1990, uma série de diálogos e aproximações entre a história e a literatura, partindo de pressupostos que fundamentam a Nova História Cultural²⁷⁶, patamar epistemológico que “faz com que a história se assuma como narrativa”, espécie de reconstrução do que um dia teria ocorrido, onde a verdade e a objetividade reaparecem de modo diferente: o fictício é controlado pelas fontes sobre as quais o pesquisador trabalhará, “resgatando indícios, cruzando documentos, recuperando um contexto e construindo sua versão, o mais plausível e controlada possível”²⁷⁷, e a verdade apresenta-se como “uma meta e um instrumento de controle de subjetividade” do pesquisador, mas não com a finalidade de “concretizar-se plenamente”.

²⁷³ DEMARTINI, A.B.F. Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa. In: LANG, A. (org.). Reflexões sobre a pesquisa sociológica. São Paulo: CERU, 1999. p. 42.

²⁷⁴ ZAMBONI, Ernesta. As linguagens e a produção do conhecimento histórico no ensino fundamental de História. In: Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História. 1998. p. 422-433.

²⁷⁵ A partir de 1990, pesquisadores na área de História e críticos literários iniciaram uma série de seminários de História e Literatura, organizados por grupos ligados à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que, ampliando-se, incorporaram estudiosos da Universidade Estadual de Campinas, Universidade de São Paulo, estendendo-se a estudiosos na Itália, na França, na Alemanha.

²⁷⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. A representação da pobreza na Literatura: a miséria de Paris no século XIX. Ciências e Letras. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, n. 25, p. 143-157, 1999.

²⁷⁷ Id. *ibid.* p. 144.

Tanto o discurso literário quanto a narrativa histórica, como estratégias, valem-se da “composição de um enredo, da decifração de uma intriga e de um método de montagem para recompor uma situação dada, verídica ou não”²⁷⁸, a diferença está em que à história atribui-se o registro autorizado sobre o passado, por ser investida de um saber científico, enquanto a literatura não se reveste deste compromisso.

As reflexões em torno dos elos entre literatura e história não estabeleceram uma hierarquia de saberes. A história se vale da literatura como “uma outra janela de entrada para o real: através da sensibilidade da sintonia e do clima de uma época”²⁷⁹. Quanto a tarefa de articulação do discurso pende para a história, a ela caberá a formulação de questões e definições dos problemas. Neste sentido, a narrativa, a intriga a ser decifrada, os argumentos, os caminhos a percorrer são guiados pelos olhos de Clio²⁸⁰.

Outra vertente que se fixa na noção de literatura, não como uma zona de sombras que impede o ingresso em seus iluminados espaços, mas como uma rica dimensão da cultura para a educação, é desenvolvida por Gonçalves Filho²⁸¹ em reflexões sobre a literatura como “processo civilizatório educativo”²⁸², fonte de conhecimento produzido historicamente e que ocupa na cultura um lugar privilegiado de exercício de liberdade, de inquietação e de perplexidade.

Reconhecer o papel da literatura na educação é ampliar para os seres humanos as estratégias de interrogações, de dúvidas e de pesquisas, evocando assim constantes conhecimentos e reconhecimentos especiais da realidade. As obras literárias não ensinam o que é o mundo, não apresentam nada que já não componha a realidade dada, elas apenas apresentam a realidade transfigurada pelos olhos de Clio. Sua força está em provocar uma busca do conhecimento do mundo.

A literatura, longe de se opor ao conhecimento científico, apresenta-se como indispensável complemento que, embora seja um modo e uma ação diferente da ciência, responde

²⁷⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. op. cit. p. 144.

²⁷⁹ Id. ibid. p. 144.

²⁸⁰ Clio, musa da história, musa da memória cultural.

²⁸¹ GONÇALVES FILHO, Antenor Antônio. Educação e Literatura. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

²⁸² Id. ibid. p. 73.

a necessidades sociais e individuais, além de ter uma função revolucionária na medida em que possa responder a questões específicas de conhecimento e de transformação do mundo.

A tentativa de reconhecimento das relações entre educação e literatura levou Gonçalves Filho²⁸³ à constatação de que inquietantes questões se movem e, dentre elas, aquela que se pergunta sobre as possibilidades de organizar uma historiografia apoiada na obra literária, compondo “de modo interdisciplinar” com a história, a sociologia, a antropologia, vias de compreensão de nossa cultura que, certamente, permitem melhor caminhar por uma “lógica envolta em luzes e sombras”, uma vez que ainda não foi encontrada uma teoria satisfatória que explique o processo criativo da arte literária. Ainda bem, afirma Gonçalves Filho²⁸⁴, porque “se isso ocorresse estaria decretado o fim da arte”. Deste modo, os elementos históricos, sociais, biográficos que compõem uma obra literária não são “simples acidentes ocasionais”, são elementos que circulam em função da reciprocidade da dimensão artística e cultural do escritor, em que a imaginação criadora é resultado das relações entre indivíduo e sociedade.

Reflexões voltadas para a literatura como um direito humano elaboradas por Candido²⁸⁵ e apresentadas sob dois diferentes ângulos: a literatura como uma necessidade universal de humanização²⁸⁶ pelo fato de dar forma a sentimentos e organizar visões de mundo, e a literatura como um meio de desmascaramento de situações de restrições ou negação de direitos, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual.

Cada sociedade cria as suas manifestações poéticas “de acordo com suas normas, suas crenças, seus sentimentos. Por esta razão é possível fazer da literatura um instrumento de educação, entrando nos currículos como equipamento intelectual e afetivo”²⁸⁷. Os valores preconizados pela sociedade, assim como aqueles que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia, da ação dramática. Deste modo, por confirmar e

²⁸³ GONÇALVES FILHO, Antenor Antônio. op. cit. p. 35.

²⁸⁴ Id. *ibid.* p; 35.

²⁸⁵ CÂNDIDO, Antônio. O direito à Literatura. *In:* _____. Vários escritos. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

²⁸⁶ Humanização aqui entendida como processo que confirma no ser humano traços reputados como essenciais: exercício da reflexão, aquisição do saber, cultivo do humor, percepção da complexidade do mundo e do ser humano.

²⁸⁷ CÂNDIDO, Antônio. op. cit. p. 243.

negar, propor e denunciar, combater e apoiar, torna-se “indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita”²⁸⁸.

A existência desses significados da literatura indicam que seu papel “formador da personalidade” não segue as convenções, apresentando-se antes como uma força da própria realidade, o que, muitas vezes, suscita condenações quando se aproxima de questões que o segmento convencional da sociedade desejaria proscriver²⁸⁹. É no ambiente escolar que a literatura causa mais conflitos, ao provocar efeitos que transcendem as normas estabelecidas, nesse sentido, cabe à sociedade restringir ou ampliar este “bem humanizador”.

A esse respeito, se a sociedade não impedir a difusão cultural, de modo amplo, os bens culturais serão acessíveis e a arte e a literatura em todas as suas modalidades estarão ao alcance como um direito, sem distinções.

3.1 SEM FRONTEIRAS ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO

Por constituir-se numa vivência tão plena de emoções – sair da terra natal e lançar o olhar de recém-chegado à nova terra – a imigração não poderia deixar de compor a literatura, sobretudo a literatura americana, que atraiu como ímã os imigrantes em sucessivas ondas.

No entanto, é ao longo das gerações que correntes imigratórias inspiram obras literárias. Scliar²⁹⁰ escreve que foram necessárias três gerações para que, no Brasil, florescesse a literatura

²⁸⁸ CÂNDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: _____. Vários escritos. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 243.

²⁸⁹ Sobre este tema cabe ressaltar as obras de Darnton: *Boemia literária e revolução: submundo das letras no antigo regime*; *Edição e Sedição*; *O grande massacre dos gatos e os estudos de Maria Luiza Tucci Carneiro: Livros proibidos*; *Idéias malditas: o Deops e as minorias silenciadas*.

²⁹⁰ SCLiar, Moacyr. *Sonho em movimento: a imagem do imigrante na literatura brasileira*. Revista USP. São Paulo: USP, CCS, n. 36, p. 136-139, dez./fev. 1997/1998.

de imigração. A primeira geração não conseguiu impor sua marca à literatura porque esteve ocupada com a sobrevivência e também convivia com a dificuldade do reconhecimento da língua, não dominava o idioma. A segunda geração, “beneficiada pelos frutos do árduo trabalho de seus antecessores”, passa a ter acesso à linguagem literária, situação que por um ângulo é cômoda, mas, por outro, apresenta “o preço do desenraizamento”, expresso nos conflitos de identidade, situação que se transforma em *matéria-prima* para a literatura. A terceira geração, assimilada, não vivencia esses problemas, mais distanciada, sofre aflições culturais comuns à “geração da globalização, da linguagem planetária”, não se constituindo em exceção.

A obra literária *Canaã*, escrita por José Pereira da Graça Aranha em 1902, inaugura uma literatura de imigração. É redigida em torno da “alegoria do Paraíso Perdido ou da Terra Prometida”²⁹¹: “– Não te canses em vão... Não corras... É inútil... A terra da Promissão, que eu te ia mostrar e que também ansioso buscava, não a vejo mais... Ainda não despontou à Vida. Paremos aqui e esperemos que ela venha vindo no sangue das gerações redimidas”.²⁹²

Em *Canaã* as personagens carregam consigo os conflitos expressos nos pronunciamentos de Lentz e Milkau²⁹³, dois imigrantes alemães.

[...] o futuro, mensageiro do gesto consolador, vem avançando a medo como um ladrão noturno... Mas eu não esperei o seu passo vacilante e tardio [...] fui buscar o perfume e os alimentos que [...] ele vem trazendo aos homens.
 – E para aí chegares? ... Deixaste pátria, família, sociedade, uma civilização superior?
 – Deixei o que era vão.
 – E à Europa, e à Alemanha nada mais te prende?
 – Somente o que elas têm de grande no passado. Mas isto é o incorpóreo, é o invisível, e eu não preciso de me sentar sobre as ruínas para amá-lo. É a obra da imigração e da memória.

Um autoritarismo próximo às idéias nazi-facistas é tema de uma outra obra literária sobre imigração alemã, *Um Rio Imita o Reno*²⁹⁴, escrita em 1939 por Clodomir Vianna Moog. Este

²⁹¹ SCLIAR, Moacyr. Sonho em movimento: a imagem do imigrante na literatura brasileira. *Revista USP*. São Paulo: USP, CCS, n. 36, p. 136-139, dez./fev. 1997/1998. p. 138.

²⁹² ARANHA, José Pereira da Graça. *Canaã*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. (Edição baseada no texto inserto em sua Obra Completa, de 1969).

²⁹³ Id. *ibid.* p. 55.

²⁹⁴ VIANNA MOOG, C. *Um rio imita o Reno*. Rio de Janeiro: Delta, 1996 (Obras de Vianna Moog).

romance de imigração também relata angústias vividas pelos imigrantes alemães, divididos entre antigas lealdades e o desejo de integração na nova sociedade.

Conforme elucidções de Scliar²⁹⁵, no decorrer das décadas de 1940, 1950 e 1960, as obras literárias pouco abordaram temas que se distanciassem de nacionalismos, “um nacionalismo não isento às vezes de xenofobia”.

Com o fim do regime militar, novas vozes se fazem ouvir na literatura brasileira. Aqueles que estavam calados pela intolerância apareceram como escritores ou em forma de personagens, assim, o tema da imigração, ao lado de outros como homossexualismo, preconceito, feminismo, ganha novo vigor e vemos surgir romances como *A república dos sonhos*²⁹⁶, de Nélide Piñon, filha de imigrantes espanhóis que busca em suas raízes a inspiração para pensar a realidade a partir das venturas e desventuras de imigrantes que aportam no Rio de Janeiro no início do século XX: “– Não é que eu tenha nascido no lugar errado, tio. Apenas meu destino é ir ao encontro de uma terra arrastando a memória da outra. Sem Galícia, que vou deixar atrás, a América me chegaria sem apreço, sem a paixão que já me toma todo”.

Uma construção histórica que envolve imigrantes italianos que se fixaram nas encostas das serras no extremo sul do país traz para a literatura acontecimentos em que os pioneiros, seus filhos e netos, submetidos a toda sorte de injunções, organizam uma trajetória baseada na pequena propriedade rural e posteriormente no comércio e na indústria. Esta saga de famílias italianas é contada por José Clemente Pozenato²⁹⁷ em *O Quatrilho*. A esta obra vieram se juntar *Anarquistas, Graças a Deus*²⁹⁸ e *Città di Roma*²⁹⁹, memórias de infância contadas pela filha de dona Angelina e seu Ernesto, imigrantes italianos que se estabeleceram na cidade de São Paulo, como tantos outros. É em *Anarquistas, Graças a Deus* que encontramos a seguinte narrativa:

As três turcas

Se os de nossa casa eram bons nas apostas, as três turcas da frente, vizinhas mais ou menos recentes, não ficavam atrás, eram boas nos palpites.

²⁹⁵ SCLIAR, Moacyr. op. cit. p. 139.

²⁹⁶ PIÑON, Nélide. *A república dos sonhos*. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 29.

²⁹⁷ POZENATO, José Clemente. *O Quatrilho*. 14.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

²⁹⁸ GATTAL, Zélia. *Anarquistas, Graças a Deus*. Rio de Janeiro: Record, 1979.

²⁹⁹ Id. *Città di Roma*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Órfãs de pai pobre, chegaram ao Brasil havia pouco mais de dois anos, pelas mãos de um tio rico que mandara buscá-las na Síria (ou no Líbano?) diretamente para a Alameda Santos. Expressavam-se mal em português, mas isso não impedia de nos entendermos. Não foi difícil descobrir que elas também se distraíam com os enterros. O sistema de vida das turcas era bastante parecido com o das napolitanas. A única vantagem das vizinhas da frente sobre as vizinhas do lado era cultural: sabiam ler e, ô-lá-lá!, falavam o francês! O tio as guardava a sete chaves, com o apoio da cunhada, mãe das moças. Estavam à espera de um casamento, rico ou pelo menos remediado. Estivessem elas de acordo ou não em aceitar o marido arranjado à sua revelia, não importava nada. A determinação do tutor deveria ser aceita sem objeções. Muito rico, “Titio” habitava palacete próprio, de estilo mourisco, na Avenida Paulista, sua palavra era lei.

Debruçadas nas janelas na modesta casa em que moravam, as moças distraíam-se observando tudo o que se passava pela rua e na vizinhança. Adoravam espiar à noite, por detrás das cortinas de rendão das janelas, os casais de namorados em idílio nas ruas, nos portões, em cantos escuros. Um velho binóculo facilitava-lhes a operação e o prazer. Fui eu quem descobriu a esperteza das danadas – o binóculo pendurado a um prego no caixilho da janela – , numa das vezes me que fui chamada para tomar a deliciosa “limonada de laranja” preparada à moda árabe e empanturrar-me de quibes e doces de mel. Em troca das guloseimas que me ofereciam eu as entretinha, cantando, improvisando danças e tagarelado.

Creio que concorri um pouco, com meus inocentes shows, para atenuar a impaciência da espera em que se consumiam as belas e fogosas turcas³⁰⁰.

Na novela *A Majestade do Xingu*³⁰¹, figuras reais e imaginárias povoam a vida do narrador que conta a história de Noel Nutels, médico brasileiro de origem russa que participou da expedição Roncador-Xingu em 1943, a partir da qual dedica-se às questões sanitárias, em particular, das populações indígenas. A narrativa cobre várias décadas da história do Brasil, reportando-se aos militantes comunistas, ao extermínio de índios no Xingu e ao golpe militar de 1964.

Membro de um grupo hostilizado e perseguido, Nutels identificava-se com os índios por causa, segundo dizia, do sofrimento destes. Nesse sentido, é uma figura paradigmática, mostrando que o processo de integração do imigrante à realidade social, política, cultural não é algo que ocorra passivamente mas requer uma transformação profunda, às vezes dolorosa³⁰².

Neste sentido a obra literária dá significativa contribuição ao trazer para a cena questões sociais que, muitas vezes, permanecem nas entrelinhas.

³⁰⁰ GATTAI, Zélia. *Anarquistas, Graças a Deus*. Rio de Janeiro: Record, 1979. p.

³⁰¹ SCLIAR, Moacyr. *A Majestade do Xingu*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

³⁰² Id. *Sonho em movimento: a imagem do imigrante na literatura brasileira*. *Revista USP*. São Paulo: USP, CCS, n. 36, p. 136-139, dez./fev. 1997/1998. p. 139.

Os conflitos da imigração entram na literatura como questões importantes, tratadas com dignidade. Os escritores, quando próximos da realidade desses conflitos, iniciam a narrativa pela própria vida, pela vida de sua família, suas lutas, suas conquistas, permitindo que cada geração leia de um modo diferente, faça sua própria leitura, descubra que as coisas aconteceram à margem de seu desejo e experimente a impossibilidade de mudá-las. “E assim, qual seja a história que as narrativas contem, contarão também a nossa, e é por isso que as lemos e as amamos”.³⁰³

Versando sobre a imigração síria e libanesa, há uma série de obras literárias, muitas delas escritas pelas gerações sucessivas, como é o caso de Emil Farhat, Milton Hatoum, Salim Miguel, Raduan Nassar, Elizabeth Azize, filhos e netos de libaneses, autores com traços de cultura comum: o Líbano e suas ressonâncias.

Raduan Nassar é autor de *Lavoura arcaica*³⁰⁴, narrativa que evoca certos temas da cultura árabe, num ambiente brasileiro *arcaico*, incorporando a volta do filho pródigo, numa eterna luta entre a liberdade e a tradição. Tem afinidade temática com Milton Hatoum, amazonense de origem libanesa que escreveu *Relato de um certo oriente*³⁰⁵ e *Dois irmãos*³⁰⁶. São narradores com força poética que apresentam traços da cultura do imigrante libanês, tradição comum, ajustada às experiências trazidas do Líbano pelos pais e avós.

João Nassar e Chafica Cassis, pais de Raduan, em 1919 casam-se, na aldeia de Ibel-Saki, no sul do Líbano, e juntos desembarcam de um navio de imigrantes no porto de Santos. Nos primeiros tempos Chafica permanece em casa de parentes em São Paulo, enquanto João, também com o apoio de parentes, inicia-se no comércio, no interior do Rio de Janeiro. Em 1923 o casal muda-se para Pindorama, onde abre uma venda depois transformada em Casa Nassar, loja de tecidos.

À procura de um Brasil que esperava braços para trabalhar, chega Mamed Ali Assi ao Amazonas para iniciar um comércio ambulante de teque-teque até poder dividir o balcão da A

³⁰³ ECO, Humberto. A literatura contra o efêmero. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 18 fev. 2001. Caderno Mais!, p. 12-14.

³⁰⁴ NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. 3.ed. rev. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

³⁰⁵ HATOUM, Milton. *Relato de um certo oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

³⁰⁶ Id. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Parisiense, com sua mulher Emily. A filha Naha e seu esposo Hassan Ibrahim Hatoum vieram a ser pais do escritor Milton Hatoum.

Raduan e Hatoum são autores que tematizam a introspecção, a experiência interior, o labirinto das memórias. Leyla Perrone-Moysés³⁰⁷ considera *Lavoura arcaica* o primeiro grande livro sobre a imigração libanesa no Brasil. “Longe dos estereótipos, das tipificações, e do pitoresco, o que aí vemos é o difícil processo de transculturação, a transformação dos valores e os choques decorrentes em três gerações da mesma família”. A narrativa encontra terreno fértil na fissura que a integração da família imigrada não consegue esconder, pois o pai já não carrega a cultura do avô.

(Em memória do avô, faço este registro: ao sol e às chuvas e aos ventos, assim como a outras manifestações da natureza que faziam vingar ou destruir nossa lavoura, o avô, ao contrário dos discernimentos promíscuos do pai – em que apareciam enxertos de várias geografias, respondia sempre com um arrote tousco que valia por todas as ciências, por todas as igrejas e por todos os sermões do pai: “MAKTUB”³⁰⁸).³⁰⁹

Em *Relato de um certo oriente*, assim como em *Dois irmãos*, o autor dá vozes aos narradores, que, numa complexa viagem das memórias, reconstroem a vida de uma família de imigrantes libaneses que, em Manaus, vive seu drama de paixões contraditórias, culpas, conflitos fomentados pelos interditos. São duas obras literárias que evocam as tramas familiares e a casa que se foi, a casa que se desfaz:

A mulher não gesticula mais, não se levanta para me abraçar ou beijar, apenas se entrega ao choro quase silencioso que também dialoga com a paisagem recortada e ensolarada, onde tudo é também silencioso, mas sem o olhar e a memória. A casa está fechada e deserta, o limo logo cobrirá a ardósia do pátio, um dia as trepadeiras vão tapar as venezianas, os gradis, as gelosias e todas as frestas por onde o olhar contemplou o percurso solar e percebeu a invasão da noite, precipitada e densa.³¹⁰

Não chegou a ver a reforma da casa, a morte a livrou desse e de outros assombros. Os azulejos portugueses com a imagem da santa padroeira foram arrancados. E o desenho sóbrio da fachada, harmonia de retas e curvas, foi tapado por um ecletismo delirante. A fachada, que era razoável, tornou-se uma máscara de horror, e a idéia que se faz de uma

³⁰⁷ PERRONE-MOYSÉS, Leyla. Da cólera ao silêncio. *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 2, p. 61-77, mar. 1997.

³⁰⁸ MAKTUB = Está escrito.

³⁰⁹ NASSAR, R. *Lavoura arcaica*. 3.ed. rev. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 91.

³¹⁰ HATOUM, Milton. *Relato de um certo oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 155.

casa desfez-se em pouco tempo.³¹¹

Com o título *Dinheiro na estrada: uma saga de imigrantes*³¹², Emil Farhat constrói uma surpreendente história, ora alegre, ora dramática, com imigrantes em sua luta por um lugar ao sol, vencendo preconceitos e incompreensões. Trata-se de uma história contada por meio das cartas escritas pela velha professora *de meias letras*, Kétibe, que por longos anos exercitou o “poder espiritual e matriarcal” sobre os seis filhos que o Brasil lhe roubou. Ao iniciar a narrativa, o autor apresenta uma *Mensagem ao mundo real*, onde se pode ler:

O romancista não tem obrigações cartoriais com a História, nem com a trivialidade do cotidiano – apesar de valer-se, necessariamente, de ambos.

O limite da imaginação dá-lhe o direito de rearrumar o mundo e as gentes, a seu modo.

Dinheiro na estrada coloca o leitor em contato com localidades mineiras onde se concentraram imigrantes sírios, libaneses, italianos, portugueses, franceses e faz contrapontos com a vida de aldeias do Líbano, enquanto *Nur na escuridão*³¹³ conta a saga da família que, saindo do interior do Líbano, chega ao porto do Rio de Janeiro para depois estabelecer-se em Santa Catarina e labutar com o comércio, contando com a ajuda de Tamina para cuidar da casa, dos filhos e do balcão sempre que fosse necessário. É uma obra literária que tem início na autobiografia *Minha vida*, escritos em árabe, deixados pelo pai do autor, nos quais conta todas as idas e vindas da família desde o momento em que tomaram a decisão de partir em caráter definitivo. “Impossível continuar no Líbano”.

O romance da escritora Elizabeth Azize, *E Deus chorou sobre o rio*³¹⁴, retrata a vida de mascates dos imigrantes sírios e libaneses que, vivendo na Amazônia, tinham como rotas de comércio o leito dos rios, neste sentido, apresenta inúmeras peculiaridades regionais que despertam curiosidade.

³¹¹ Id. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 255.

³¹² FARHAT, Emil. *Dinheiro na estrada: uma saga de imigrantes*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1986.

³¹³ MIGUEL, Salim. *Nur na escuridão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

³¹⁴ AZIZE, Elizabeth. *E Deus chorou sobre o rio*. Manaus: Imprensa Oficial, 1984.

Há ainda a obra de Jorge Amado, de nome *A descoberta da América pelos turcos*³¹⁵, em que, de modo peculiar, o autor trata da chegada dos imigrantes de origem síria e libanesa, fazendo alusões jocosas à descoberta da América e ao desembarque no Brasil.

A prosa de Jorge Amado, pontuada de oralidade, com enunciado simples, de colorido popular, incorpora com arte os movimentos migratórios e imigratórios, seres humanos fugidos de condições adversas em busca de condições de subsistência, muitas vezes enganosas.

É interessante notar o número significativo de personagens sírias ou libanesas que habitam o universo das *Criaturas de Jorge Amado*³¹⁶. É comum a presença de comerciantes sírios ou libaneses, proprietários de lojas, bares, dono de cinema, sorveteria, casa de antiguidade, convivendo com poetas, estudantes de medicina, madames, mascates, ou mesmo com Samara, árabe proprietário do sobradão de cômodos à Ladeira do Pelourinho, ao qual adicionou um cortiço denominado K.T. Espero.

Acompanhando os passos do mascate Xixi Piriá, é possível chegar à *Vila dos Confins*³¹⁷ e com ele reconhecer o chão arenoso e branco do Sertão dos Confins. Mas é preciso apressar o passo porque Xixi Piriá não pode parar.

Não pode, que um mundo de gente espera por ele. Na mala, além de tanta encomenda, vão segredos também: recados, bilhetes... – mensagens ainda frescas de beijos, escondidas em muito embrulhinho inocente. O mascate não podia afrouxar a marcha: todo o sertão tinha encontro marcado com ele³¹⁸.

Nas reflexões até aqui elaboradas é possível percebermos que a literatura, ao oferecer o relato da vida percebida pelo olhar do outro, abre espaços incondicionais para diálogos, neste caso específico, diálogos que podem levar ao reconhecimento de muitos traços da imigração, traços que se ajustam à experiência milenar dos movimentos dos sonhos migrantes, “que mudam

³¹⁵ AMADO, Jorge. *A descoberta da América pelos turcos, ou, Os esponsais de Adma*. Rio de Janeiro: Record, 1994.

³¹⁶ TAVARES, Paulo. *Criaturas de Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

³¹⁷ PALMÉRIO, Mário. *Vila dos Confins*. 18.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

³¹⁸ Id. *ibid.* p. 13.

de acordo com as circunstâncias históricas em que vivem, e que por esta razão fazem da experiência do imigrante a matéria-prima de primeira grandeza para o trabalho literário³¹⁹.



Ilustração do “mascate Xixi Piriá que não pode parar”, extraído de PALMÉRIO, Mário. *Vila dos Confins*. 18.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, p. 9.

3.2 ARQUEOLOGIA LITERÁRIA: FRAGMENTOS HISTÓRICOS DA IMIGRAÇÃO

Para Pesavento³²⁰, entre a concreticidade da vida real e as representações que os homens fazem de si mesmos e do mundo, associa-se um processo de abstração à medida que a realidade vai sendo percebida. As representações não são um reflexo fiel da realidade. Entre o real, o

³¹⁹ SCLIAR, Moacyr. op. cit.

³²⁰ PESAVENTO, Sandra Jatthy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

concreto e as representações, ou seja, tudo que é expresso pelas representações, há sempre um sentido além do manifesto, sentido este significado e ressignificado pelo imaginário que é reconhecido como referência ao que não está explícito e enuncia o que não se faz presente nas coisas pensadas, ditas e expressas.

A realidade entendida como dinâmica, múltipla, relativa, não determinada, é concretude e representações. A decifração da representação só é possível mediante a ligação de texto e contexto. É necessário buscar indícios, procurar articulações em circunstâncias aparentemente irrelevantes que, num contexto mais amplo, vão oferecer a necessária referência para a significação da realidade.

Para a interpretação das representações, precisamos nos movimentar no ir e vir do texto e contexto. É fundamental que se estabeleçam estas diversificadas conexões. Nesse sentido, a literatura e a história, vistas como formas de conhecimento da realidade, podem integrar-se como narrativas, representações, versões do real, portadoras ambas da experiência de um determinado grupo social e de uma determinada época.

Medina³²¹ afirma que a história encontra, na arte, de forma ampla, e na literatura, de forma específica, a *palavra-revelação* capaz de recriar o Cosmos, presentificá-la e projetá-la para o Desejo, desvendando-lhe uma cosmovisão complexa. A literatura, ao germinar a virtude da *palavra-revelação*, semente plantada na complexidade, na ambigüidade, onde o tempo histórico e o tempo mítico, o real e o imaginário, o espaço cósmico, a pessoa e a personagem se enleiam e agem mutuamente, vai praticando a maestria de lidar com a *polissemia e a polifonia* das vozes da cultura.

Candido³²², ao analisar a interação de aspectos sociais envolvidos no processo literário, verificando como a realidade se transforma em estrutura literária, confirma que a estrutura literária de uma obra está fundamentada nas representações da sociedade em que a obra foi escrita, daí que a interpretação de uma obra só adquire pleno significado quando intimamente

³²¹ MEDINA, Cremilda Celeste de Araújo. Povo e personagem. São Paulo, 1989. Tese (Livre Docência). Universidade de São Paulo. São Paulo.

³²² CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. São Paulo: Nacional, 1976.

ligado à estrutura. O significado da obra literária só pode ser entendido se integrarmos as duas visões dicotômicas: texto e contexto, ou seja, a obra e o ambiente.

A literatura é entendida por Candido³²³ como uma forma de organizar e reorganizar o mundo pela arte, [...] “a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma práxis socialmente condicionada”. A obra como *expressão* de um pensamento, de uma confiança, é pessoal; a literatura como *comunicação* requer harmonia da palavra, da imagem, afinidade entre os homens de um lugar e de um momento e é coletiva.

Tomando a literatura como janela para observar a realidade, colocamos em cena algumas representações literárias que têm como referência o imigrante libanês e o sírio.

Isto posto, vamos tentar visualizar algumas formas de pensar, sentir e agir de uma época por meio de dois escritores brasileiros de tempos e lugares diversos: Jorge Amado e Ana Miranda. Ele, que nasceu em 1912, começa a escrever muito jovem e, de modo intuitivo, senta-se à máquina com muita vontade, nunca sabendo de antemão o que vai escrever. A partir de 1951 inicia uma mudança nos rumos de sua literatura, tempo em que nasce Ana Miranda.

A obra de Ana Miranda vai se fermentando e adquirindo contornos nos irrequietos anos de 1960 para estreitar na vida literária em forma de poesias, em 1978, e com romances, a partir de 1989. Segundo a autora:

Todos os escritores escrevem sobre o seu tempo. Todos os romances são históricos, no sentido de que todos eles discutem o comportamento humano, todos são memória, todos descrevem percursos humanos, e todos não passam de pouco mais que o registro dos crimes, loucuras e infortúnios da humanidade³²⁴.

Em 1997, Jorge Amado declara em entrevista que:

Se tem alguma coisa de que posso me gabar, é o fato de ter sido sempre um homem sem preconceitos de espécie alguma. As pessoas têm de respeitar as diferenças. É algo absolutamente necessário, básico. Em minha obra inteira eu batalhei por uma só causa: o

³²³ Id. *ibid.* p. 49.

³²⁴ CAROS AMIGOS. Ano 2, n. 18, set. 1998.

respeito aos diferentes...³²⁵.

Sobre suas personagens, esclareceu que não há maniqueísmo, nenhuma personagem é boa ou ruim o tempo todo, e acrescenta:

Não releio nem reescrevo meus livros. Jamais. Escrevi determinado livro da maneira que pude escrevê-lo, e não poderia ser diferente. Era o que esperava naquele momento, era daquele jeito que podia escrever. Então não posso bulir em nada agora quando já sou outra pessoa e escreveria, claro, um outro livro, não mais aquele...³²⁶.

A idéia de que os condicionantes culturais da sociedade local compeliram nossos protagonistas, os imigrantes do mundo árabe, a um desejo de não ficar para trás na fantasia de procurar novos mundos desconhecidos, também circula na pesquisa sobre os patrícios sírios e libaneses em São Paulo, realizada por Truzzi³²⁷: “Foi tal espírito febril, [...] retemperado pelos condicionantes culturais da sociedade local e inflamado pelas histórias de sucesso do outro lado do mundo, que compeliu os protagonistas, cada um desejoso de não ficar para trás” [...].

É possível que este pensamento esteja delineado nos textos literários e que venha trazer novos entendimentos por meio da saga de dois imigrantes, um sírio de nome Nacib e uma libanesa chamada Amina. Duas formas de construir e reconstruir o real, dois testemunhos, duas histórias revestidas de múltiplas expressões: uma, do final do século XIX, contada por Ana Miranda, em *Amrik*, romance tecido com tramas e urdiduras da oralidade, tradição tão cara, sobretudo aos povos do mundo árabe; e outra, das primeiras décadas do século XX, contada por Jorge Amado, em *Gabriela*.

Essas obras literárias apresentam registros da vida de imigrantes sírios e libaneses no Brasil e retratam lembranças de uma luta para vencer “outros mundos que podemos ver e tocar mas não compreender”, palavras ditas pelo tio Naim para Amina, narradora do romance de Ana Miranda, que deixam transparecer a correlação entre imigrar e a necessidade de vencer.

³²⁵ Id. Ano 2, n. 6, set. 1997.

³²⁶ CAROS AMIGOS. Ano 2, n. 6, set. 1997.

³²⁷ TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Sumaré, 1997. p.

No texto literário poético de Ana Miranda, vamos encontrar Amina Salum, filha de Jamil e Maimuna, neta de Farida, nascida no Líbano e seguidora da religião maronita. Por razões familiares deixa para trás o pai e seis irmãos: Abduhader, Fuad, Ferez, Aniz, Daher e Bussamra, e viaja sozinha para a Amrik³²⁸ com o tio Naim.

Nacib Achcar Saad, filho de Azis e Soraia, nasceu na Síria. Seu pai e seus tios vieram primeiro, deixando as famílias, situação comum entre os imigrantes de origem síria e libanesa. Ele chegou depois com a mãe e a irmã mais velha, Salma, que tinha seis anos, Nacib ainda não completara quatro. Jorge Amado usa um tom irônico no título do capítulo onde apresenta o sírio Nacib, que comporá a história com *Gabriela Cravo e Canela*, “Um brasileiro das arábias”, onde conta as aventuras de um bom brasileiro que nasceu na Síria. Embora o hábito de leitura ainda não seja uma prática habitual para a maioria dos brasileiros, Jorge Amado é um escritor popularmente conhecido, e a personagem de *seu* Nacib ficou nacionalmente identificada depois da adaptação do romance para uma novela de televisão.

Nacib, personagem de Jorge Amado, ainda muito pequeno quando viajou, tinha vagas lembranças da terceira classe do navio, [...]“não se recordava mesmo era da Síria, não lhe ficara lembrança da terra nata”[...]³²⁹, enquanto Amina narra com detalhes toda a viagem também em terceira classe, [...] “o que encontramos foi um ferro velho sujo enferrujado com carne humana amontoada arrrre irrrra³³⁰ terceira classe dormiam no relento água racionada salobra nojenta arghh para qualquer coisa era preciso dinheirinho”³³¹.

O fato é que grande parte dos imigrantes que chegaram ao Brasil no final do século XIX e início do século XX viajaram em condições adversas, fosse porque não tinham condições para pagamento de uma viagem mais confortável, fosse porque não queriam deixar na viagem as preciosas economias destinadas ao início da vida nova, ou mesmo por serem enganados pelas promessas das companhias navegadoras.

³²⁸ Amrik = América.

³²⁹ AMADO, Jorge. *Gabriela Cravo e Canela*. 44.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1971. p. 58.

³³⁰ arrrre irrrra = exclamativas mouras que, segundo Câmara Cascudo, expressam desespero ou desabafo.

³³¹ MIRANDA, Ana. op. cit. p. 28.

Os homens seguem o rastro da riqueza ou da liberdade, fugindo da pobreza e das dificuldades, atiram-se rumo ao desconhecido, atraídos pelo dinheiro do cacau, e desembarcam em Ilhéus,

[...] cidade de alastrada fama, diariamente, pelos caminhos do mar, do rio e abrindo picadas, centenas e centenas de nacionais e estrangeiros oriundos de toda parte: de Sergipe e do Ceará, de Alagoas e da Bahia, do Recife e do Rio, da Síria e da Itália, do Líbano e de Portugal, da Espanha e de ‘ghettos’ variados³³².

Neste trecho do romance de Jorge Amado vemos uma referência aos intensos movimentos migratórios nacionais e internacionais com os quais o Brasil tem convivido ao longo de sua história, mesmo considerando as comunidades tribais, nômades que habitavam essas terras mesmo antes da chegada dos europeus.

Medindo pano no balcão da loja de seu pai, em sociedade com seu tio, foi assim que Nacib cresceu em Ilhéus, na Bahia, considerando-a sua terra natal, pois havia sido registrado por seu pai como brasileiro. Já Amina teve, no Líbano, uma “infância feliz de comer e brincar correr pelos campos de cevada feito vento, colher figos espetar legumes nos cordões para pendurar debaixo do telhado onde ficava o forno, esmagar uvas com os pés” [...].³³³

Acompanhando a faina diária de Nacib entre o balcão e os fregueses e as lembranças de Amina desde sua infância no Líbano até sua vinda ao Brasil, podemos percorrer um caminho que nos leva às formas de distribuição e composição de grupos que possuem peculiaridades e variantes próprias, dando passos rumo à compreensão da diversidade cultural brasileira, por meio da presença de grupos libaneses e sírios e sua organização espacial, a qual combina elevado índice de ocupação urbana com uma distribuição que podemos considerar razoavelmente homogênea pelas diversas regiões do país, exceção feita à cidade de São Paulo, que abrigou o maior número de imigrantes desse grupo.

Depois da morte de seu pai, Nacib preferiu vender sua parte na loja e adquiriu de um italiano o bar Vesúvio, tornando-se um moço distinto por ser um comerciante estabelecido,

³³² AMADO, Jorge. Gabriela Cravo e Canela. 44.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1971. p. 56.

³³³ MIRANDA, Ana. op. cit. p. 24.

respeitado por ter comércio de portas abertas.

Na época os comerciantes, sem ponto de venda estabelecido por causa da cobrança de altas taxas de impostos, perambulam procurando fregueses, não têm mais o espaço significativo que tiveram, sobretudo em dias de difícil transporte. A figura do mascate continua viajando agora como uma lembrança que atravessa os dias e as noites.

Amina lembra que:

[...] na rua passavam todos os dias carroças com as malas móveis, barris de grapa de borracha de vinho tinto branco sacolejando as famílias grandes de italianos ou lúsis ou tiroleses que iam mudar de bairro, eles cuspiam no chão quando passava um mascate árabe [...] mas os mascates foram prosperando e de miseráveis ambulantes descalços que vendiam cigarros em bandejas dependuradas no pescoço ou quibe frio em tabuleiros passaram a mascates de santos de madeira e escapulários depois a mascates de tecidos e botões linhas e arre, assim os mascates se tornaram perigosos sujos traçoeiros ambiciosos usurários [...]³³⁴.

Com esse substrato do imaginário popular, podemos vislumbrar o quanto ainda temos que percorrer se quisermos mergulhar em águas profundas da batalha épica de imigrantes sírios e libaneses no Brasil.

A correlação entre imigração e expectativa de ver florescer numa terra distante o direito a uma vida melhor pode ser percebida no desabafo de Amina ao declarar que sempre chorava ao receber carta do pai, que “ficou muito triste comigo porque sabia que era dançarina como vovó Farida, para ele era aceitável dançar mas mulher limpa só devia dançar na sua casa ou no harém feito as muçulmanas”³³⁵. O comportamento de Nacib também pode ser indício dessa correlação quando constatamos que era um sujeito alheio aos problemas que envolviam a população de Ilhéus, preocupado com situações que pudessem elevá-lo na sociedade local, sofrendo e lutando para “atingir a classe média, onde preconceitos e convenções cunham brasões da nobreza e consolam, exteriormente, da frustração econômica”³³⁶. É um comerciante receoso, ambicioso e insatisfeito, que não quer envolver-se com nada do que possa impedi-lo de ser amigo de todos,

³³⁴ MIRANDA, Ana. op. cit. p. 54.

³³⁵ Id. ibid. p. 103.

³³⁶ PROENÇA, M. Cavalcanti. *Estudos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p.

daí que meter-se com política, nem pensar, poderia trazer prejuízo para os negócios, “dono de bar não se envolve em política”³³⁷.

As abstrações anteriores do sentir-se imigrante vão aos poucos organizando-se com a realidade exterior como um mosaico e são traduzidas pela necessidade de “fazer suas lojas, disse tio Naim tomando árak³³⁸ manufaturas igrejas bibliotecas mândrassas³³⁹ clubes hospitais asilos e um cemitério, [...], mesmo que pensassem todas as noites em voltar para o Líbano viviam aqui e uns iam morrer aqui” [...].³⁴⁰ A percepção da impossibilidade de voltar ao país de origem, a intensificação da chegada de imigrantes sírios e libaneses, fazem o pensamento voltar-se para a organização por meio de associações diversas, que vão surgindo como formas de amparo diante do desafio de enfrentar situações novas ou mesmo incompreensíveis, por estarem ligadas a uma realidade da qual pouco conhecimento havia.

Para as primeiras levas de imigrantes sírios e libaneses que chegaram ao Brasil entre 1895 e 1920, uma das fortes justificativas para a imigração, dentre outras, foi a pressão do domínio da Turquia em quase todo o Oriente Médio. Nessas circunstâncias, esses imigrantes, mesmo distantes, reagiram até mesmo com ódio quando chamados de turcos, *Turco é a mãe*, respondia Nacib. Diante do argumento de que árabe, turco, sírio, são todos iguais, mostrava grande aborrecimento. “A mesma coisa, um corno! Isso é ignorância sua. É não conhecer história e geografia. Os turcos são uns bandidos, a raça mais desgraçada que existe. Não pode haver insulto pior para um sírio que ser chamado de turco[...]”³⁴¹. Sobre esta questão, Amina assim se expressa: “Talvez, como outros mascates que só tem tempo para trabalhar ganhar dinheiro guardar para voltar arre nós libaneses moramos perto uns dos outros e nos chamamos de turcos irre não gosto de ser chamada de turca não sou turca e odeio os turcos da Turquia, sou libanesa do Líbano mas também vejo sírio na 25, muito sírio poucos turcos mas todos temos passaporte turco[...]”³⁴². Essas generalizações continuam fazendo parte do cotidiano dos imigrantes do mundo árabe e seus descendentes, fundamentadas, como nos conta Amina, no fato de os

³³⁷ AMADO, Jorge. *Gabriela Cravo e Canela*. 44.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1971. p. 167.

³³⁸ Árak = bebida alcoólica destilada de uvas e aromatizada com anis.

³³⁹ Mândrassa = escola.

³⁴⁰ MIRANDA, Ana. op. cit. p. 77.

³⁴¹ AMADO, Jorge. *Gabriela Cravo e Canela*. 44.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1971. p. 57.

³⁴² MIRANDA, Ana. op. cit. p. 89.

passaportes com os quais os libaneses e sírios entravam no Brasil serem expedidos pela Turquia.

As histórias de Amina e Nacib implantam destinos que se opõem, mostram processos absolutamente originais na *tecitura de novas identidades*, nos quais não cabem derrotas, só o viço de novos brotos da vitória: conhecer a terra, aprender a língua, integrar-se. São histórias que podem contribuir para o estreitamento da lacuna na compreensão de uma sociedade peculiar, plural, com uma estrutura social diversificada e complexa, como a brasileira.

Nesses trechos de registros de fragmentos da vida dos imigrantes sírios e libaneses, delinea-se o olhar privilegiado da literatura. A visão literária integra as lembranças daqueles que saíram de sua terra carregados de sonhos de riqueza ou de liberdade e rumaram em busca do desconhecido. Deste modo, as memórias em sua perspectiva de interpretações salvaguardadas do passado, vêm-se redefinidas na literatura, que, com maior ou menor intensidade, reforça sentimentos de pertencimentos sem deixas de modificar fronteiras sociais próximas ou distantes, grandes ou pequenas: famílias, escolas, igrejas, trabalho, aldeia, região, país.

Funções importantes das memórias, com manter a coesão interna e defender as fronteiras sociais de um grupo, são pontos de referência que a literatura pode oferecer, alimentada não apenas pela história ou por imagens forjadas para si própria, mas pela troca de experiências entre seus escritos e o leitor.

As memórias não reconstroem o tempo nem tampouco o anulam, derrubam barreiras entre o presente e o passado, criando uma passagem na qual não existe oposição entre a vida e a morte, sentidos que também nos remetem à idéia de literatura como instrumento socializador, que, por meio da linguagem, estabelece uma relação baseada no interesse comum em conservar o que foi narrado para que possa ser reproduzido.

CONSIDERAÇÕES

FINAIS



A imigração não ocorre sem deixar marcas, que podem, ou não, ser reconhecidas. A presença de um lugar se paga com a ausência em outro lugar, não uma ausência indeterminada, a ausência de um lugar definido, repleto de significações, o lugar de origem e a inserção, a integração no lugar de presença é paga com a des-integração em relação ao lugar da ausência.

Foi a expectativa de adentrar neste mundo de experiências vividas historicamente, nas incontáveis regiões espalhadas pelo Brasil afora, que aproximou este estudo do universo local, voltando o foco de sua atenção para experiências fundamentadas nas realidades locais, nas quais a dinâmica social e o cotidiano das pessoas ocorrem de modo diferente dos grandes centros urbanos.

A pesquisa, ao focalizar um espaço menor, não perde sua relevância se compreendermos que nenhuma imigração assemelha-se à outra e se considerarmos que, aproximando-nos de generalizações, corremos o risco de perder as peculiaridades da experiência imigratória de sírios e libaneses no Brasil.

A vinda de grande contingentes de imigrantes para o Brasil, sobretudo entre as décadas finais do século XIX e primeiras do século XX, alterou os padrões demográficos, familiares, educacionais e trabalhistas. Com estas modificações a sociedade brasileira viu-se transformada, o que confere à imigração a dimensão de um tema clássico de estudos e pesquisas para a área das ciências sociais, de modo amplo.

No Estado de São Paulo, que abrigou o maior contingente de imigrantes, como um todo, percorreram uma trajetória que se iniciou nas fazendas de café, até chegar às cidades, dinâmica esta à qual devem ser acrescentadas permanentes explicações sobre o trabalho empreendido, os hábitos simples, a preocupação com a poupança, além de outras interpretações necessárias para a compreensão da trajetória do imigrante, assunto que oferece inúmeras possibilidades de reflexão.

É interessante notar que o senso comum apresenta um contraponto à temática da

imigração, que pode enganosamente mostrá-la como algo já resolvido, uma vez que é comum ver-se o fenômeno imigratório como simples substituição da mão-de-obra escrava, imagem reducionista que apresenta a participação de escravos e imigrantes apenas nas transformações de âmbito trabalhista.

Para preencher os vazios gerados por esta forma de pensamento, é necessário recorrer a uma diversidade de fontes: relatos orais, censos, registros, jornais, fotografias, dentre outras, para elaborar análises das realidades regionais.

É neste sentido que se encaminhou este estudo, centralizando-se num espaço restrito a determinada região do Estado de São Paulo, o município de Batatais, onde os sírios e os libaneses, a exemplo do que ocorreu em outros municípios e Estados do Brasil, também se estabeleceram.

A presença de sírios e libaneses no município revela que, mesmo depois de estabelecidos na cidade, situação que para alguns só foi alcançada depois de se dedicarem ao comércio em arraiais e vilas, grande parte continuou percorrendo as fazendas como mascates, vendendo as mercadorias de porta em porta. Assim, de modo diverso do que ocorreu nos centros urbanos, sobretudo em São Paulo, conforme estudos apresentados por Oswaldo Truzzi, os sírios e libaneses mantiveram-se ligados ao mundo rural até meados do século XX.

Os diferentes depoimentos pessoais indicam que o fato de o grupo ser pequeno, na região, quando comparado numericamente a outros, antecipou a necessidade de estabelecer relações com a sociedade local, seja por meio de negócios, seja pela frequência à igreja católica ou pela participação de atividades comuns nos espaço público, situação vivida pelos pioneiros que se dirigiram para o Arraial do Souza.

A necessidade de aproximações com outros grupos enfraqueceu a cultura de origem, retratada pelo distanciamento da língua árabe que ocorre ao longo das gerações, e o esquecimento de associações e comemorações públicas do grupo que deixam de compor a memória coletiva.

Os laços entre os imigrantes sírios e libaneses e seus descendentes sedimentaram-se em relações de parentesco e de interesses econômicos comuns. O que se observa na análise dos

relatos é que a ajuda de filhos, cunhados, sobrinhos, primos, para a continuidade dos negócios foi solicitada sempre que algum risco se prenunciou, as mudanças para este ou aquele local, também ocorreram quando os negócios assim o exigiram. Não há mais necessidade de lutar pela aceitação, as gerações consideram-se brasileiras, não há, saudosismo expresso no que diz respeito às atividades do grupo.

As trajetórias individuais abordadas neste estudo ultrapassam as fronteiras da individualidade, projetando-se e configurando um processo de mais ampla significação, perceptível quando discutido à luz de outros estudos.

Os relatos orais das gerações na imigração tratam de reflexões que, partindo de vivências específicas, concretizadas na confluência de pluralidades culturais, constituem reelaborações do passado, lembranças e esquecimentos no contexto de realidades presentes. Como nos diz Thompson³⁴³, são experiências de vida que oferecem nova dimensão para a história local, propiciando meios para a descoberta de lugares, documentos escritos, fotografias que, de outra maneira, não seria possível localizar.

Muitas vezes os registros que existem refletem apenas pontos de vista das “autoridades no assunto”, porém, neste sentido, a história oral possibilita um ângulo mais imparcial, uma certa mudança de enfoque. Assim, ao pesquisador da imigração é possível olhar para além de acordos ou estratégias política oficiais, de documentos oficiais e passar para o mundo dos imigrantes, “abordar por dentro a história dos grupos imigrantes”.³⁴⁴

As questões aqui apresentadas e tratadas procuram dar *voz ao passado*, não no sentido abrangente que Thompson³⁴⁵ propõe, constituem apenas tentativas de análises considerando o processo de integração, projeção social, liderança de imigrantes sírios ou libaneses na comunidade, que podem surgir do entretecer das lembranças, a partir das quais é possível considerar, por exemplo, que um dos meios de integração esteve ligado à atividade comercial exercida por significativa parcela dos imigrantes vindos da Síria ou do Líbano e seus

³⁴³ THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 24-25.

³⁴⁴ Id. *ibid.* p. 24-25.

³⁴⁵ Id. *ibid.* p. 24-25.

descendentes. A opção por este tipo de atividade pode ser explicada pelo fato de permitir certo domínio sobre os desígnios da própria vida, uma vez que o comerciante, fosse estabelecido, ou mascate, não tinha patrão. No entanto, enquanto a atividade comercial teve um papel definitivo na integração com a comunidade, o mesmo não se deu em relação à projeção social, alcançada inicialmente apenas por aqueles que foram bem sucedidos junto ao comércio de portas abertas, enquanto aqueles que se dedicaram à mascateação não tiveram a mesma sorte, pois atuavam num ramo comercial que não desfrutava de prestígio.

O casamento apresenta-se com duplo papel, por um lado, manter as inter-relações no grupo, fortalecendo-o, por outro, promover a ascensão social ao realizar-se fora dele. Por esta razão algumas famílias tanto estimularam casamentos no círculo familiar, quanto permitiram casamentos que viessem a ocorrer fora desse círculo, desde que com pessoas que ocupassem lugares de projeção social.

O universo feminino ganha expressividade no momento da conciliação entre trabalho e compromissos domésticos e atribui à educação formal nova significação. Os relatos orais recolhidos apontam que as pioneiras asseguraram, no balcão de trocas, a abertura para os estudos dos filhos e filhas, estas de preferência, na carreira adequada às mulheres, o exercício do magistério.

Nas relações que se estabeleceram entre os descendentes de imigrantes de origem síria ou libanesa e a comunidade local, destacam-se lideranças políticas ressaltando que os imigrantes, ao chegarem, não tiveram meios facilitadores para a ocupação de cargos de direção política que encontravam em mãos de tradicionais famílias proprietárias de terra, ligadas sobretudo à cafeicultura, apenas mais tarde, com o passar das gerações, filhos, sobrinhos, netos, que já estavam inseridos culturalmente, despontaram como lideranças na região, quebrando então a tradição política, como foi o caso de Jorge Nazar e de Salim Mansur, que, anos depois da chegada dos pais, tornaram-se prefeitos de Batatais.

As análises que empreendemos não conseguem abarcar toda a dimensão e profundidade de reconhecimentos que circulam entre as memórias sobre a imigração, muitas perguntas, constatações, explicações, conclusões, podem, sempre que retomadas, ser extraídas da riqueza de

informações recuperadas pelas memórias. Temos então, à nossa disposição, uma fonte permanente de conhecimentos que permite compreensão mais apurada da imigração no Brasil e apresenta ângulos anteriormente não abordados.

As reflexões, agora acrescidas da certeza de que as memórias e a oralidade apontam o imprescindível, o complexo, o sonogado, evidenciam o vazio historiográfico com o qual o tema da imigração tem convivido localmente. Em decorrência dessa constatação, ocorre-nos à lembrança a figura de Jean de Frans³⁴⁶, importante cronista de Batatais, que em inúmeros escritos refere-se à presença dos *queridos italianos*, sem, no entanto, qualquer referência que volte o olhar para outros grupos que compõem as diversas correntes populacionais imigrantistas que chegaram à região. Na *Batatais de Outr'ora* só havia imigrantes italianos entre a *Gente de Minha Terra*³⁴⁷.

Destaca-se também o fato de que importantes levantamentos realizados por Jesus Machado Tambellini³⁴⁸ sobre as origens de Batatais, privilegiando o período de 1726 a 1846, apresentam uma única menção a oito (08) estrangeiros naturalizados, no Censo Demográfico de Batatais, datado de 1832, confirmando-se assim os silêncios historiográficos.

Acrescentamos às idéias até aqui expostas um último registro, mas não menos importante, que diz respeito aos arquivos pessoais. Ao fundamentar pesquisas em relatos orais, o pesquisador é encaminhado para diversas e diversificadas fontes e também depara com fontes arquivadas entre os guardados pessoais.

A tarefa de recolher relatos orais tornou possível a percepção do significado que objetos e documentos adquirem nas memórias familiares, ao longo das gerações. Duas situações presenciadas no decorrer da pesquisa, de alguma forma, apresentam, por um lado, a pequena dimensão que o destino de objetos e documentos familiares, muitas vezes, ocupam, por outro lado, o ir e vir das lembranças capaz de desnudar relações que ocorrem no interior das casas.

No período em que a pesquisa ocorria nos arquivos da Casa da Cultura de Batatais,

³⁴⁶ JEAN DE FRANS – pseudônimo adotado por José Augusto Fernandes.

³⁴⁷ JEAN DE FRANS. *Gente de Minha Terra*. São Paulo, 1939.

³⁴⁸ TAMBELLINI, J. M. *A freguesia dos Batataes*. São Paulo: Carthago Editorial, 2000.

acompanhamos a chegada de uma caixa de papelão com fotos de família, resultado da venda de uma propriedade que pertenceu a imigrantes de origem italiana e que outrora abrigou a residência e o estabelecimento bancário da família Scatena, sem a preocupação com a preservação dos arquivos do banco ou da família, desfeitos como entulhos, quando foi necessário entregar os prédios aos novos proprietários.

A outra situação está ligada a uma das fotografias que terminou por ilustrar a abertura dos Retalhos das Memórias e que retrata quatro pequenos primos da família Mansur. A foto foi apresentada com a explicação de que se tratava de material que, ao lado de inúmeros outros, compunha um significativo volume encontrado para ser recolhido pelo lixeiro, diante de determinada casa. O lixeiro não teve coragem de se desfazer do material e o levou até a casa de uma das pessoas identificadas em várias fotografias com dedicatórias e por ele reconhecida, tratava-se de Marina Mansur e das várias recordações que ofereceu à sua madrinha enquanto esta esteve viva e das quais alguém desejou desfazer-se, possivelmente, por não reconhecer sua importância dentre as memórias.

REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS

Obras gerais

ADORNO; HORKHEIMER. Sociologia da família. *In*: CANEVACCI, Máximo. Dialética da família. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ALBARELLO, Luc et al. Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva, 1997.

ALMANACH MOGYANA. 1908-1909. Empregados da Cia. Mogyana. Campinas, 1908.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Mitologia da mineiridade. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BATATAIS. Estações Ferroviárias do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/ramais/batatais.htm>>. Acesso em 21 out. 2002.

BEISIEGEL, Celso Rui. Estudo e educação popular. São Paulo: Pioneira, 1974.

BENJAMIN, Walter. O narrador. *In*:: Obras escolhidas. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. v.1.

BOSI, Alfredo (org.). Cultura brasileira: temas e situações. 2.ed. São Paulo: Ática, 1992.

BOSI, Eclea. *In*: BOSI, A. (org.). Cultura brasileira: temas e situações. 2.ed. São Paulo: Ática, 1992.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRIOSCHI, L.R. Caminhos do ouro. *In*: BACELLAR, C.A.; BRIOSCHI, L.R. (orgs.) Na Estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 1999. p. 35-54.

CARDOSO, Clotilde de Santa Clara Medina (org.). IESA de ouro: 1948-1988. Batatais: S.C.P., 1999. p. 28-29.

DARNTON, Robert. O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DEMARTINI, A.B.F. Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa. In: LANG, A. (org.). Reflexões sobre a pesquisa sociológica. São Paulo: CERU, 1999. p. 33-45.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. Etnias e culturas no Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

DOMBROWSKI, Osmir *et al.* Mapa do trabalho informal: perfil sócio-econômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

ELIADE, Nircea. Mito e realidade. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

GONÇALVES FILHO, Antenor Antônio. Educação e Literatura. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GUIA de Medicina Homeopática. 21.ed. São Paulo: Livraria Teixeira, 1979.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HOBBSAWM, E. J. A era do impérios. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988

HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

JEAN DE FRANS. Gente de Minha Terra. São Paulo, 1939.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: UNICAMP, 1996.

LEITE, Miriam Moreira. Retratos de Família: leitura de fotografia histórica. São Paulo: EDUSP, 1993.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MATOS, Odilon Nogueira de. Café e ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira. São Paulo: Alfa-Ômega, 1974.

MILLIET, Sérgio. Roteiro do Café e outros ensaios: contribuição para o estudo da história econômica e social do Brasil. 4.ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL, 1982.

MONTENEGRO, Antônio Torres. História Oral e interdisciplinaridade: a invenção do olhar. *In*: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (org.). Os desafios contemporâneos da história oral – 1996. Campinas: CMU/Unicamp, 1997. p. 197-212.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2. ed. São Paulo: Cortez/Brasília,DF: UNESCO, 2000.

NASCIMENTO, Terezinha A. Quaiotti Ribeiro do. A formação do professor primário na Estado de São Paulo. *In*: NASCIMENTO, T.A.Q.R. de *et al.* Memórias da educação: Campinas (1850-1960). Campinas, SP: UNICAMP/Centro de memória, 1999. p. 57-102.

NOSSO Século – 1900-1910 (I). A era dos bacharéis. (1ª parte). São Paulo: Abril Cultural, 1985. Edição Exclusiva para o Círculo do Livro.

OLIVEIRA, F.P. Elementos para a história de São Simão.

OLIVEIRA, L.L. O Brasil dos imigrantes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

PEREIRA, José Carlos de Medeiros. O Grupo Escolar Dr. Washington Luís que frequentei. Amicus. Batatais, ano 2, n. 4, p. 187-188, nov. 2001.

PERUGINE, Erdna. Mundo mágico. Estudos Sociais – Estado de São Paulo. 2.ed. São Paulo: Ática, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PRADO Júnior, C. História Econômica do Brasil. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1962.

PRADO Júnior, C. Formação do Brasil Contemporâneo. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1953

PRADO, Danda. O que é família. 11.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PROENÇA, M. Cavalcanti. Estudos literários. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

SINGER, Paul. Trabalho informal: origens e evolução. *In*: DOMBROWSKI, Osmir *et al.* Mapa do trabalho informal: perfil sócio-econômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. p. 11 – 23.

TAMBELLINI, J. M. A freguesia dos Batataes. São Paulo: Carthago Editorial, 2000.

TAVARES, Paulo. Criaturas de Jorge Amado. Rio de Janeiro: Record, 1985.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOLEDO, V. V.; BRANCATELLI, M. D. e LOPES, H. A riqueza nos trilhos. história das ferrovias no Brasil. São Paulo: Moderna, 1998.

ZEMELLA, M.P. O abastecimento da Capitania das Minas Gerais no século XVIII. 2.ed. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1990 (Estudos históricos, 19).

Obras Literárias

ALENCAR, José. Alfarrábios. Guerra dos Mascates: crônicas dos tempos coloniais. 5.ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, [s.d.]. p. 234. v. 3 (Romances Ilustrados de José de Alencar).

AMADO, Jorge. A descoberta da América pelos turcos, ou, Os esposais de Adma. Rio de Janeiro: Record, 1994.

AMADO, Jorge. Gabriela Cravo e Canela. 44.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1971. p. 58.

ARANHA, José Pereira da Graça. Canaã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. (Edição baseada no texto inserto em sua Obra Completa, de 1969).

AZEVEDO, Aluísio. O Cortiço. São Paulo: O Estado de São Paulo/ Klick, 1997.

AZIZE, Elizabeth. E Deus chorou sobre o rio. Manaus: Imprensa Oficial, 1984.

CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. São Paulo: Nacional, 1976.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: _____. Vários escritos. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

FARHAT, Emil. Dinheiro na Estrada: uma saga de imigrantes. São Paulo: T.A. Queiroz, 1986.

GATTAI, Zélia. Anarquistas, Graças a Deus. Rio de Janeiro: Record, 1979.

GATTAI, Zélia. Città di Roma. Rio de Janeiro: Record, 2000.

HATOUM, Milton. Dois irmãos. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HATOUM, Milton. Relato de um certo oriente. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

MIGUEL, Salim. Nur na escuridão. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

MIRANDA, Ana. Amrik. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NASSAR, Raduan. Lavoura arcaica. 3.ed. rev. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PALMÉRIO, Mário. Vila dos Confins. 18.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

PIÑON, Néida. A república dos sonhos. Rio de Janeiro: Record, 1997.

POZENATO, José Clemente. O Quatrilho. 14.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SCLIAR, Moacyr. A Majestade do Xingu. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VIANNA MOOG, C. Um rio imita o Reno. Rio de Janeiro: Delta, 1996 (Obras de Vianna Moog).

Documentos

BATATAIS. Câmara Municipal de Batatais. Documento do Arquivo da Câmara Municipal de Batatais, caixa 003/025, 8 nov. 1890.

BATATAIS. Prefeitura Municipal de Batatais. Secretaria da Cultura e da Educação. Arquivo Washington Luís. Casa da Cultura de Batatais.

MARTINS, José de Souza. Viagem crítica pelo interior da História Mítica da Imigração. D.O.Leitura – encarte Caderno Paulista, Imprensa Oficial do Estado, 1999.

SANTO ANTÔNIO DA ALEGRIA. Prefeitura Municipal de Santo Antônio da Alegria. Arquivo da Prefeitura Municipal de Santo Antônio da Alegria.

SÃO PAULO (Estado). Arquivo Público do Estado de São Paulo. Documento do Registro de Imigração do Porto de Santos no ano de 1907. Caixa 01/C09824.

SÃO PAULO (Estado). Memorial do Imigrante de São Paulo.

Obras sobre a Imigração

ASSE, Jorge Salomão. Colônia árabe em Altinópolis: 1895-1985. Edição do autor, [s.d.].

BASTANI, Tanus Jorge. A imigração libanesa para o Brasil. *In*: JORGE, Salomão. Álbum da colônia sírio-libanesa no Brasil. São Paulo: Sociedade Imprensa Brasileira, [s.d.]. p. 79-131.

BATATAIS. Prefeitura Municipal de Batatais. População e Procedência. Batatais: Prefeitura Municipal de Batatais, 1984.

CIPRIANI, R. Biografia e cultura – da religião à política. *In*: SIMSON, O.M. von (org.) Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988. p. 14-43.

CORRÊA, Ariovaldo. Brodowski: Minha Terra e Minha Gente. São Paulo: Pannartz, 1986.

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. Imigração italiana e estratégias de inserção sociocultural. *In*: NASCIMENTO, T.A.Q.R. do *et al.* Memórias da educação: Campinas (1850-1960). Campinas, SP: UNICAMP/Centro de memória, 1999. p. 245-274.

DEMARTINI, Z.B.F. História de vida na abordagem de problemas educacionais. *In*: SIMSON, O.M. von (org.) Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988. (CMU- UNICAMP).

ELLIS JÚNIOR, A. O sírio. *In*: JORGE, Salomão. Álbum da colônia sírio-libanesa no Brasil. São Paulo: Sociedade Imprensa Brasileira, [s.d.]. p. 133-147.

FAUSTO, Boris. Fazer a América (org.). 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: EDUSP, 1994.

FAUSTO, Boris. Historiografia da Imigração para São Paulo. São Paulo: Sumaré/ IDESP, 1991.

GREIBER, MALUF & MATTAR. Memórias da imigração: libaneses e sírios em São Paulo. São Paulo: Discurso Editorial, 1998.

HAJJAR, C. Imigração árabe: 100 anos de reflexão. São Paulo: Ícone, 1985.

KNOWLTON, C.S. Sírios e libaneses: mobilidade social e especial. São Paulo: Anhambi, 1960.

MACIOTI, M.I. Vida cotidiana. *In*: SIMSON, O.M. von (org.) Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988.

MAIA, João Batista Garcia. História de Santo Antônio da Alegria. Santo Antônio da Alegria: L & JPM Editores, 1999.

PEREIRA, José Carlos de Medeiros. Memórias de uma filha de imigrantes portugueses. Ribeirão Preto: Villimpres, 1999.

QUEIROZ, M.I.P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. *In*: SIMSON, O.M. von (org.) Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988. p. 14-43.

SAFADY, Jamil. Coleção Brasil-Líbano-Síria. São Paulo: Comercial Safady, 1949. (CMU – UNICAMP).

SAFADY, Jamil. O café e o mascate. São Paulo: Comercial Safady, [s.d.].

SAFADY, Wadih. Cenas e cenários dos caminhos de minha vida. Belo Horizonte: Santa Maria, 1966.

SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP, 1998.

SIMSON, Olga de Moraes Von (org.) Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988. (CMU-UNICAMP).

SORJ, Bila. Camelôs: o sonho perseguido. Ciência Hoje. v. 8, n. 47, p. 17-24, out. 1988.

TANUS, J. B. Os libaneses no Brasil. *In*: JORGE, Salomão. Álbum da colônia sírio-libanesa no Brasil. São Paulo: [s.n.], 1948. p. 91-131. (CMU-UNICAMP).

TRUZZI, Oswaldo. De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Sumaré, 1991.

TRUZZI, Oswaldo. Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1997.

Monografias, Dissertações e Teses

COELHO, H.M.F. Imigração e História Local: sírios e libaneses em Franca. Franca, 1998. Tese (Livre Docência) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

MEDINA, Cremilda Celeste de Araújo. Povo e personagem. São Paulo, 1989. Tese (Livre Docência). Universidade de São Paulo. São Paulo.

OSMAN, Samira Adel. Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: história oral de vida familiar. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

RAVAGNANI, O. Os árabes na cidade de Franca. Franca, 1968. Monografia (Graduação em História) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca.

ZAMBONI, Ernesta. As linguagens e a produção do conhecimento histórico no ensino fundamental de História. *In: Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História*. 1998. p. 422-433.

Jornais

ECO, Humberto. A literatura contra o efêmero. Folha de São Paulo. São Paulo, 18 fev. 2001. Caderno Mais!, p. 12-14.

EM TEMPO. Altinópolis, 21 maio 1998.

EM TEMPO. Altinópolis, 9 out. 1999.

MORRO DA MESA: Morro da mesa é opção para adeptos do off road. Folha Nordeste. Folha de São Paulo, 14/02/92 (Reportagem Local).

O CUSCUZEIRO. Santo Antônio da Alegria, nov. 1995.

O CUSCUZEIRO. Santo Antônio da Alegria, out. 1996.

Revistas

CAROS AMIGOS. Ano 2, n. 18, set. 1998.

CAROS AMIGOS. Ano 2, n. 6, set. 1997.

DEMARTINI, Z.B.F. Vivências diferenciadas entre três gerações de japoneses em São Paulo. Travessia – Revista do Migrante. Centro de Estudos Migratórios, ano XII, n. 35, p. 10-16, set./dez. 1999.

DEMARTINI, Zeila de Brito. Relatos orais: nova leitura de velhas questões educacionais. Revista Portuguesa de Educação. n. 8, p. 5-20, 1995.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes et al. Os filhos da África em Portugal: a vida entre dois mundos. Travessia – Revista do Migrante. Centro de Estudos Migratórios, ano XII, n. 35, p. 24-31, set./dez. 1999.

KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. Revista Brasileira de Educação. n. 15, p. 159-176, set./out./nov./dez. 2000.

MINDLIN, Betty. A verdadeira descoberta do Brasil. Revista Pedagógica. ano 2, n. 6, ago./out. 1998.

NEVES, Lucília de Almeida. Novas propostas metodológicas em Ciências Sociais: os desafios da história oral. História Oral. Associação Brasileira de História Oral, n. 4, p. 177-182, jun. 2001. (CMU-UNICAMP).

OSMAN, Samira Adel. A imigração árabe no Brasil. Travessia – Revista do Migrante. Centro de Estudos Migratórios, ano XII, n. 35, p. 17-23, set./dez. 1999.

PEREIRA, João Batista Borges. Os imigrantes na construção histórica da pluralidade étnica brasileira. Revista USP/Dossiê depois de Cabral: a formação do Brasil. São Paulo, n. 46, p. 6-29, jun./ago. 2000.

PERRONE-MOYSÉS, Leyla. Da cólera ao silêncio. Cadernos de Literatura Brasileira. n. 2, p. 61-77, mar. 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A representação da pobreza na Literatura: a miséria de Paris no século XIX. Ciências e Letras. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, n. 25, p. 143-157, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

QUEIROZ, M.I.P. de. Variações sobre as técnicas de gravador no registro de informação viva. Coleção Textos. São Paulo: CERU/ FFLCHUSP, n. 4, 1983.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. Travessia – Revista do Migrante. CEM, ano 13, jan. 200. Número especial.

SCLIAR, Moacyr. Sonho em movimento: a imagem do imigrante na literatura brasileira. Revista USP. São Paulo: USP, CCS, n. 36, p. 136-139, dez./fev. 1997/1998.

SIMSON, O. R. FR M. von. Identidades conjunturais x Identidade tradicional. Travessia – Revista do Migrante. Centro de Estudos Migratórios, ano XII, n. 35, p. 5-9, set./dez. 1999.

SLENES, R.W. Os múltiplos de porcos e diamantes: a economia escravista de Minas no século XIX. Cadernos IFCH. Campinas: UNICAMP, 1985.

TRIGO, M.H.B.; BRIOSCHI, L.R. Interação e comunicação no processo de pesquisa. *In*: REFLEXÕES sobre a pesquisa sociológica. Textos. Série 2, n. 3, p. 25-32, 1999.

ANEXOS

ANEXO A – Relato oral de José Antônio Acra.

“Esta casa foi comprada por meu irmão Miguel e por ele reformada. Era o consultório médico do Dr. Mesquita, que a vendeu para mudar, foi para São Paulo. Hoje ele dá seu nome à ladeira que acaba justamente diante da loja. O que ocorreu é que a quebradeira do café forçou muitos a procurarem uma praça melhor para trabalhar”

Assim tem início o depoimento de José Antônio Acra.

Quando em abril de 2001, apresentei-me e declarei os motivos de minha presença diante do senhor Titinho, proprietário da “Casa Cruzeiro”, a efusão da receptividade trouxe também a observação de que, possivelmente, sua contribuição seria pequena, pois de pouca coisa lembrava-se.

As tentativas foram várias até que a conversa se encaminhasse para os rumos desejados porque, em princípio, segundo o narrador, nada havia para ser dito, nada para lembrar, palavras que ao invés de aproximação, procuram manter distância, cordialmente. Era preciso que o clima de confiança se instalasse, o interlocutor fazia o trabalho do jardineiro revolvendo e preparando a terra para a sementeira.

Entre uma conversa e outra sobre o cotidiano da cidade, os conhecidos em comum, vão brotando trechos da história de uma família de raízes libanesas, a família Acra, que veio “fazer a vida” em Batatais, interior paulista.

“Meus pais casaram-se no Rio de Janeiro, onde mamãe vivia, mudando-se depois de casados para Santos de onde vieram para Batatais, no início do século XX. Para minha mãe foi um sofrimento sair da capital

do país e vir morar neste sertão iluminado por lampiões. Ela sofreu muito”.

“Minha mãe e a sua irmã vieram sozinhas para o Rio de Janeiro, atrás do irmão. Lá mamãe conheceu papai, que morava em Santos e ia fazer compras no Rio. Imagine a coragem que elas tiveram”.

“Sou o caçula dos filhos. Estudei medicina no Rio de Janeiro, mas voltei para ajudar na loja. Meu irmão Miguel, que era o mais velho, comprou esta casa, então fui chamado para ajudá-lo. A família ficou com duas lojas, uma em cada esquina, a Casa Cruzeiro e da outra não me lembro o nome. Quem passou a tomar conta da outra loja, que ficou com calçados e chapéus, foi meu irmão Marun”.

“Casei-me com a Maria, que era minha prima, filha de uma irmã de mamãe. Ela morava em Curitiba e vinha sempre passar as férias aqui, então arrumaram nosso casamento. A Maria era muito bonita, veja sua foto. Tivemos três filhos. Quando fui registrar a Cida, saí de casa levando seu nome, que seria Maria Cristina, mas, ao chegar ao cartório, não sei por que, achei que Maria Aparecida tinha mais significado. Voltando para casa a Maria estranhou, quis saber a razão da mudança, mas eu não soube explicar. O fato é que ela tem sido muito protegida durante todo este tempo”.

“Outro filho chama-se José Eduardo, mora em São Paulo e tem o José Antônio Acra Filho. Ninguém faz idéia do meu nome verdadeiro, todos me chamam de Titinho, mas meu nome é José Antônio, um nome muito bonito. Se eu estiver num supermercado e alguém me chamar por José Antônio, não darei atenção, não saberei que estão chamando por mim”.

Neste momento, sua filha Cida passa a fazer parte da conversa e sugere ao pai que mostre a foto antiga da loja, ao que Titinho acolhe prontamente. Traz três bonitas fotos, sua mãe ao lado da irmã, mãe de Maria, sua mulher; uma segunda foto com três de suas quatro irmãs, recebidas recentemente da amiga Florinha Roncaratti, e a outra, do irmão Miguel e seus empregados na loja.

“Minha mãe era muito bonita e rigorosa. Quando minhas irmãs entraram no curso normal, em Ribeirão Preto, ela mudou-se para não deixar as filhas sozinhas, era necessário a mãe por perto, não descuidava de nada. Eu fiquei aqui em Batatais morando com meu irmão Miguel, que foi como um pai. Eu tinha seis anos quando meu pai morreu, o Miguel era o mais velho e foi como nosso pai”.

Titinho não faz referência alguma a datas, se perguntado sobre esta questão, responde que não se lembra, a única pista encontra-se no verso da foto de seu irmão Miguel (primeiro à esquerda), onde está grafado o ano de 1924.



Interior da Casa Cruzeiro, acervo da família Acra.

Ao dizer que tem vários parentes no Paraná, principalmente em Curitiba, para onde se mudou o irmão Marun, faz um comentário: “Nossa, estou lembrando de coisas que pensei não saber mais”. Referia-se às mercadorias vendidas na loja do irmão, peças de tecidos finos, importados sobretudo da França, enxovais para noivas de famílias ricas. Os fregueses não eram só de Batatais, vinham também de outras cidades. Lembra que o irmão, dado o sucesso de seu comércio, foi pioneiro na propaganda, fazendo a primeira propaganda de loja no jornal local.

Seu pai Antônio Acra, e sua mulher, Josefina Zaider Acra eram católicos. Ele morreu com 50 anos, deixando para o filho mais velho a responsabilidade dos menores. Tinha negócios de comércio no mercado, inicialmente, depois os filhos ampliaram as atividades e Marun cuidava de uma loja, enquanto Miguel, dirigia a Casa Cruzeiro e abria uma filial no bairro Santo Antônio, nas proximidades da igreja do mesmo nome, para que a irmã Julieta e seu marido Barroso cuidassem do negócio.

Segundo Titinho, foi a fama da Casa Cruzeiro que possibilitou a abertura de filiais. Os negócios foram bem até a década de 1930, quando algumas dificuldades se apresentaram com a crise do café, mas não impediram que a casa comercial continuasse usufruindo de seu prestígio até a década de 1970.

Outro ponto comercial ocupado pela família ficava distante apenas um quarteirão da esquina onde os irmãos Miguel e Marun estavam estabelecidos. Tratava-se da Casa Murad, que pertencia ao cunhado Murad Camasmie, casado com a irmã Maria Acra, conhecida por todos como Filhinha.

Relembra que, antes da morte do pai e da mudança da mãe com as irmãs para Ribeirão Preto, uma das atividades recreativas da família consistia em reunir-se na casa do senhor Felipe Caran, onde vários patrícios encontravam-se para conversar. Muitos eram compadres, como foi o caso das famílias Acra e Abeid. Enquanto os pais conversavam, as crianças brincavam na praça diante da casa.

Titinho guarda em sua casa uma peça de mármore que foi presente de casamento de seus

pais. Trata-se de um almofariz vindo do Líbano, que as famílias usavam para macerar a carne que seria utilizada na elaboração dos quibes, isso porque a carne não era moída como atualmente acontece.

Ao mostrar sua casa, os quadros que pintou, as lembranças de viagens e as porcelanas que coleciona, além dos inúmeros livros, Titinho consegue declarar que uma das maiores tristezas *de* sua vida foi ver demolirem a casa onde seus pais moravam. Também fala do grande desapontamento quando o Colégio das freiras, um quarteirão acima de sua loja, foi demolido sem dó nem piedade. Lembra que era um lindo prédio, com uma capela primorosa, e conclui dizendo não entender por que as pessoas querem demolir tudo.

O último encontro com Titinho e Cida Acra foi na loja onde haviam sido os anteriores. As conversas aconteciam entre o atendimento a um ou outro freguês. O convite para conhecer a casa, que é ligada diretamente à loja, veio após algumas conversas. Um álbum de retratos da família também foi mostrado, ficando combinado que algumas fotos seriam emprestadas para ilustrar os depoimentos.

ANEXO B – Relato oral de Júlio Abeid e sua esposa Zenaide.

Numa tarde de maio de 2001, por intermédio de Lucy Abeid, fui apresentada aos seus sobrinhos Julio Abeid e Zenaide, casal que nos recebeu em sua residência. Tão logo nos sentamos, o casal colocou-se à disposição. Foi-lhes então explicado o estudo que está sendo realizado em torno da imigração síria e libanesa de um modo geral e de algumas peculiaridades do grupo que se instalou na cidade de Batatais e suas vizinhanças, sobretudo Altinópolis e Santo Antônio da Alegria pelo fato de terem pertencido ao município de Batatais.

Julio Abeid, que herdou o nome paterno, é uma pessoa conhecida na cidade, inicialmente por ter sido gerente de banco, também por ter participado de vários conselhos deliberativos de clubes de lazer, além de ser solícito quanto a campanhas para coleta de fundos para esta ou aquela entidade, sendo reconhecido pelo nome de Julinho.

Começa contando que as famílias Acra e Abeid vieram juntas, tiveram intensa convivência e tornaram-se compadres e comadres.

Sua avó Miriene Yunes Abeid, que nasceu no Líbano em 1899, chegou ao porto de Santos já casada com Abraão Jorge Abeid, também nascido no Líbano em 1897. Procedentes da aldeia de Bazle, na região de Açor, estavam acompanhados de dois filhos pequenos, Nagib e Nagibe, e de um parente um pouco mais velho, Hanna Cury, nascido em 1885, chamado pelas crianças da família de tio, tio David João Cury, o nome que adotou no Brasil.

A avó ficou por todos conhecida como Mariana. A revelação, feita por Julinho, do verdadeiro nome da avó, surpreendeu a própria Lucy, que, mesmo convivendo com a família há mais de trinta anos, disse desconhecer tal fato até aquele momento.

Nagib, o filho mais velho do casal, passou a ter o nome de Julio Yunes Abeid. No período em que a família, antes de mudar para Batatais, residiu em São Paulo, ele casou-se com a italiana Rosina Saram, que também era conhecida por um nome que, embora próximo, não era o seu, todos a chamavam de Rosa ou Rosinha. Mudaram-se para Batatais onde nasceram sete filhos:

Jacyr, Vanda, Clarice, Esmeralda, Julinho, Terezinha e Moacir.

Nagibe, a filha que também nasceu no Líbano, passou a ser chamada de Júlia e casou-se com o patrício Elias Tame. Estabeleceram-se em Batatais, onde montaram casa comercial próxima à rua da Estação.

Mariana e Abrão tiveram, no Brasil, mais sete filhos: José Jorge, Jorge, Antônio, Felipe Adolfo, Juracyr, além de Esmeralda e João que logo faleceram. O nome da pequena Esmeralda, tia que pouco viveu, estendeu-se pelas famílias, três sobrinhas receberam-no em forma de homenagem.

Era na casa da família Caran que se reuniam os Nazar, os Suaid, os Abeid, os Acra e os Yara. A eles juntava-se Constantino Nessrallah para as conversas e danças. Dançavam e cantavam em árabe.

Julinho, que herdou o nome do pai, relata que, enquanto os adultos conversavam, cantavam e dançavam, as crianças divertiam-se na pracinha em torno da qual ficavam as casas de Felipe Caran e Jorge Nazar. Constantino, que tinha comércio alguns quarteirões acima, indo em direção à Estação, era um aglutinador do grupo, queria manter a língua árabe em uso entre os patrícios. Julinho lembra uma passagem onde Constantino diz a seu pai que as crianças precisavam aprender árabe, ao que o pai respondeu: - “aqui as crianças precisam aprender outra coisa”.

Diante desta lembrança, perguntei-lhe que orientações recebeu da família no sentido de preservar hábitos, crenças, conhecimentos trazidos do Líbano. Respondeu que, pelo menos de modo perceptível, não há em seu modo de ser nada ligado a estas origens de seu pai e seus avós, nem da mãe italiana. Reconhece que hoje gostaria de saber mais sobre as origens de sua família, tanto do pai, quanto da mãe.

O senhor Abraão e sua mulher Mariana montaram um empório, ele como comerciante, ficou conhecido por Abrãozinho. Deste estabelecimento Julinho lembra vagamente, confessa que poucas vezes lá esteve. Conta que quando trabalhou em um Banco da cidade passou a visitar as fazendas para trazer clientes. Numa dessas idas ocorreu a situação que se segue, reescrita pelo

próprio Julinho.

“Não posso esquecer a primeira visita comercial como gerente, na zona rural. Foi na Fazenda da Ilha, ao senhor João Roberto da Silva, velho amigo e cliente em outros bancos. Feita a visita, com cafezinho e abertura de conta, ele indicou uma visita ao seu irmão José Roberto, vizinho. Lá chegando tivemos o seguinte diálogo:

Sr. José: De que família você é?

Júlio: Sou Abeid.

Sr. José: O que você é do Abrãozinho?

Júlio: Sou neto.

Sr. José: Então vou contar uma coisa que acho você não vai gostar. Seu avô era compadre dos meus pais e fazia pernoite aqui, quando vinha vender nesta região. Naquela árvore que você está vendo, ele amarrava sua mula para passar a noite. Quando íamos à cidade ficávamos na casa dele.

Júlio: O senhor acha que eu não ia gostar do quê?

Sr. José: De saber que ele era mascate, ou caixeiro viajante, muito comum na época.

Júlio: Eu sempre soube disso e sempre foi motivo de orgulho saber que meu avô, imigrante árabe, que aportou no início do século, sem lenço e sem documento, foi mascate, vendendo sua mercadoria, até estabelecer-se com casa comercial na rua da Estação, hoje avenida 9 de Julho, ali criando honradamente sua família”.

Quando Julinho termina a narrativa, sua mulher Zenaide lembra que quando garota e ainda morando na fazenda Ressaca, de propriedade de sua família, aparecia por lá um mascate de Cajuru, chamado Alfredo Simão. Carregava fitas coloridas, passadores de cabelos, brochinhas, em grandes latas redondas e tampadas. Zenaide ressalta a satisfação das mocinhas diante de objetos tão atraentes para quem pouco freqüentava a cidade, dadas as dificuldades de comunicação.

Ao mencionar que a fazenda Ressaca ficava na região de Mato Grosso de Batataes, hoje Altinópolis, perguntei-lhe se conhecia um lugar chamado Souza. Respondeu que tinha conhecimento de um lugar, vizinho do atual sítio do Julinho, propriedade do Dr. Carlos Barbosa e da Célia Bianco, que era um povoado árabe, que não existia mais. Tanto ela quanto Julinho lembram que os irmãos Jorge e José João, respectivamente tios do Nacime Mansur e pai da Marina Mansur, ao chegarem como imigrantes, estabeleceram-se neste povoado antes de virem para Batatais.

ANEXO C – Relato oral das irmãs Jamile e Samira Miguel.

Depois de longa procura - foi um ano de buscas - finalmente é possível marcar um encontro com pessoas que têm referências do Arraial do Souza, local para onde vieram várias famílias de sírios e libaneses quando escolheram a região nordeste do Estado de São Paulo para se estabelecerem. Aos poucos torna-se realidade o lugar apenas lembrado e imaginado por filhos, netos e sobrinhos.

Ao saber por intermédio dos atuais proprietários das terras que outrora, final do século XIX e início do século XX, abrigaram o Arraial do Souza, que a mãe da professora Jamile Miguel Pena havia nascido nesse lugar, um encontro foi marcado.

Jamile convidou a irmã Samira para que viesse até sua casa e, assim, numa tarde seca de julho de 2001, enquanto iam se lembrando disto e daquilo, fui anotando datas, locais, situações e nomes para compor os relatos.

Inicialmente falaram sobre o pai: *“Meu pai, Amim Miguel José, veio da Síria, onde nasceu em 1909, na aldeia de Aiun, ficou órfão aos sete anos, uma tia que vivia em Goiás mandou buscá-lo e assim chegou ao Brasil, trazido por famílias amigas, para morar com a tia Maria”*.

“Em Goiás passou a infância mascateando com o tio; desde garoto percorreu vilas, fazendas e pequenas cidades”.

Sua vinda a Altinópolis quando adulto, está ligada à amizade do comerciante Salim Melis, que, numa das conversas entendeu que precisava arranjar-lhe um casamento. O amigo convenceu-o de que deveria se casar e que conhecia a noiva apropriada. Assim, levou-o para conhecer sua futura mulher, que seria uma das filhas da viúva Inez, sua parente.

Amim foi logo gostando de Abadia, mas o amigo alertou-o de que a tradição deveria ser seguida e que ela mandava a filha mais velha primeiro casar-se, neste caso a noiva seria Uátufa, e

não Abadia como era seu desejo.

Uátufa não teve uma infância menos difícil que Amim, ela nasceu no Arraial do Souza em 1910 e seus pais³⁴⁹, que se casaram na Síria, chegaram ao Brasil sem filhos, os seis que tiveram nasceram no Arraial. Quando ela completou sete anos, o pai morreu, deixando as crianças para serem criadas.

A vida ficou difícil para sua mãe Inez, que passou a fazer comida para fora, lavar, passar e bordar para famílias mais abastadas da própria colônia. Uátufa (ou Fuda) também passou a lavar roupa, aos sete anos, em troca do sabão que serviria para a mãe.

As refeições da família ficavam entre a água, a polenta e a cambuquira, o fubá era um dos únicos alimentos disponíveis.

Depois de algum tempo, a família estabeleceu-se em Altinópolis na tentativa de uma vida melhor. Mesmo depois de deixar o Arraial do Souza, as atividades da mãe continuaram sendo cozinhar, lavar, passar e bordar para fora.

Amim e Fuda casaram-se em Altinópolis, no ano de 1933, pelo rito ortodoxo. Após o casamento, decidiram começar a vida na Guardinha, um vilarejo no município de São Sebastião do Paraíso, pelos lados das Minas Gerais, mas que faz divisas com Altinópolis. Montaram uma venda de secos e molhados e os negócios foram adiante basicamente assentados na troca de mercadorias. Os pagamentos dos fregueses eram feitos em “mão-de-milho”³⁵⁰ ou em feijão, o que levou a família a passar por grandes dificuldades até o ponto de resolver, em 1947, mudar-se para Altinópolis, onde abriram a loja “São José”, mas antes de se fixarem definitivamente em Altinópolis ainda voltaram para Guardinha.

A partir do momento em que estabeleceram residência, depois de idas e vindas, a casa passou a funcionar como uma embaixada que, tanto recebia festivamente os patrícios que

³⁴⁹ Elias Antônio Melis, casado com Dona Inez tiveram seis filhos: Uátufa, Abadia, Maria, Adélia, Muzeti e Salim.

³⁵⁰ Mão – medida usada pelos sertanejos para a venda do milho não debulhado e que consta de 50 espigas em Pernambuco, de 25 em Alagoas, de 60 em São Paulo, de 64 no Rio Grande do Sul. NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO BÁSICO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

chegavam, como servia de local para celebração de missas, casamentos e batizados por ocasião da vinda do padre ortodoxo.

Fuda nasceu no Brasil, falava fluentemente o árabe, era rigorosa e manteve a religião ortodoxa como crença, embora sempre tivesse promessas para pagar no “Morro da Mesa”, local para onde anualmente se dirigia³⁵¹.



Fonte: Folha de São Paulo, 14 fev. 1992.

Samira e Jamile consideraram que a seriedade e a sisudez da mãe se contrastavam com o temperamento festivo do pai, que sempre oferecia a casa para encontros.

Lembraram que a mãe era analfabeta e que não foi à escola porque trabalhou desde menina para ajudar a criar os irmãos mais novos. Um deles, o Muzeti Elias, tornou-se bastante popular em Altinópolis e região por envolver-se com política, chegando a ser prefeito de Altinópolis e deputado estadual, no mesmo período em que Jorge Nazar, filho de sírios, era prefeito de Batatais.

Não aprenderam a falar ou a escrever em árabe porque as conversas eram entre os adultos, no entanto, as irmãs declararam que gostam e têm vontade de aprender. Explicaram que, na

³⁵¹ Mapa publicado no jornal Folha de São Paulo indicando como chegar ao “Morro da Mesa”. Ilustração oferecida por Jamile.

língua árabe, todo nome tem um significado: Samira tanto pode significar “rísvida”, como “amiga”, e Jamile significa “linda como a lua”.

Jamile lembrou que Aiun, nome da aldeia de origem do pai, acabou sendo incorporado como seu sobrenome e passou para o irmão Yussef, por todos conhecido como Zezinho. Elas explicaram que a expressão Aiun pode estar ligada a “Aun”, que significa pedido de socorro. Os eremitas, no alto das montanhas, ajoelhavam-se e, levantando os braços, gritavam “Aun” para que fossem ouvidos por Deus, ecoava assim entre as montanhas um “Auuuunnn” prolongado que se estendia até as alturas.

As irmãs contaram que seus pais tiveram oito filhos, dentre os quais alguns nasceram em Altinópolis, como Samira, e outros na Guardinha, como Jamile. Um dos irmãos morreu garoto com coqueluche. Neste tempo, viviam na Guardinha onde não havia médicos, só Miquelina, parteira pelas mãos de quem todas as crianças nasciam.

Dentre os vários recortes de jornais de Altinópolis, Ribeirão Preto, Serrana, Batatais e São Paulo selecionados por Jamile pelo fato de trazerem referências aos imigrantes sírios e libaneses, destaca-se um artigo escrito por Oldemar Brondi³⁵², que trata de um “tempinho bom”, quando relembra os sírios e libaneses com os quais se relacionou em Altinópolis.

O autor refere-se aos imigrantes sírios e libaneses³⁵³ que conhece e com quem teve amizade, apontando-os como pessoas amigáveis, com casas farturentas, onde sempre eram servidas comidas como: kibe, kibe nãé (kibe cru), cârche (tripa cheia), mujãdra (arroz com feijão), mujãdra de ades (arroz com lentilha), mafufi (charuto e arroz temperado com folhas), cháiriê (arroz com macarrão), homus (pasta de grão de bico), batingem (pasta de berinjela), burhou (trigo com carne), râbis (pão), karice (sopa de trigo inteiro com frango), tãbule (salada de trigo com verduras), esfiha (salgado de massa com carne), lacume (verdura cozida e refogada), silik (verdura cozida e refogada com trigo) e o chãnclich (queijo árabe).

³⁵² Jornal *Em tempo*. Altinópolis, 9 out. 1999, p. 9.

³⁵³ Em Altinópolis concentrou-se maior número de sírios, contrastando com a imigração geral para o Brasil que aponta os libaneses como o grupo mais numeroso.

Neste artigo, Amim Miguel José destaca-se, dentre outros, como um dos comerciantes considerados pelo autor como “pai dos pobres, sírios que tinham comércio de secos e molhados e que mataram a fome de muitas famílias. Sabiam que não iam receber, mas vendiam fiado assim mesmo”.

Depois das leituras de trechos do artigo do jornal, Jamile e Samira falaram dos pratos que ainda preparam como a esfiha, o lacume e o fitaif ou pastel de carish (pastel assado com recheio de ricota). Samira ressaltou o fato de preparar esfihas e fitaif em grande quantidade e distribuir entre os familiares. Jamile lembrou que um amigo do pai, Jorge Salama, para aflição de muita gente, comia miúdos de carneiro, crus.

Samira lembrou do estranhamento e da grande curiosidade que despertou nos familiares de Altinópolis quando comunicou de São Paulo, onde morou parte de sua vida, que iria casar-se com o nissei Tsutomo Tamura. Segundo ela, não houve sequer uma restrição na família, acharam interessante uma filha de sírios casar com filho de japoneses.

Apenas Jamile estava presente no segundo encontro para tratar dos registros dos nascidos no Arraial do Souza, como era o caso de sua mãe.

Explicou que o único documento onde estava registrado o local de nascimento de dona Fuda era na certidão de casamento, Jamile também estava interessada em algo que pudesse fazer referências aos nascimentos no referido Arraial. Uma próxima conversa aconteceria depois da tentativa de localizar documentos que fizessem referência ao Arraial do Souza.

O que Jamile contou a seguir está em parte registrado em um artigo do jornal altinopolense *Em Tempo*³⁵⁴, que retrata a trajetória de vida de seu tio Abrão³⁵⁵, “*menino pobre que nasceu no Souza, a 15 quilômetros do perímetro urbano de Altinópolis e mesmo ficando órfão de pai aos nove anos, venceu*”.

³⁵⁴ Com o nome na História. *Jornal Em Tempo*, 21 maio 1998. Homenagem a Muzeti Elias Antônio por ocasião de sua morte aos 84 anos de idade (p. 11).

³⁵⁵ Segundo Jamile, os nomes Muzeti e Abrão têm o mesmo significado. O tio era reconhecido pelos amigos e familiares como Abrão.

Quando a família transferiu-se para Altinópolis, Muzeti, ainda pequeno, passou a ser faxineiro no Clube 9 de Março, tendo frequentado a escola somente por três anos, de onde saiu para trabalhar, ajudando assim no sustento da família. Antes de arriscar no comércio de casa em casa vendendo galinhas, rapaduras e queijo, foi garçom do Hotel São Paulo e Minas.

Do comércio em pequena escala, salta para o grande comércio de laticínios para São Paulo e Rio de Janeiro, tornando-se um homem considerado rico e, segundo declarações de seus amigos de infância, “*um homem desprendido*”³⁵⁶.

Depois de declarar que nossas conversas suscitaram o desejo de remexer o baú de lembranças à procura de referências familiares, Jamile contou que pediu para o filho Aurélio, que é juiz, procurar documentos que registrassem o nascimento de sua mãe, tarefa que não conseguiu concretizar. Mas não foi só ao filho que fez pedidos, espalhou entre seus familiares a incumbência da procura, foi assim que o irmão Zezinho enviou-lhe fotocópias de documentos do pai: um atestado de boa conduta, um certificado de saúde e uma declaração de próprio punho, em papel timbrado, com o nome do armazém da Guardinha, onde é possível encontrar subsídios que contribuam para o entendimento das transações comerciais que se passavam em recantos de um Brasil onde a moeda oficial era, muitas vezes, a palavra dos negociadores.

Ao finalizarmos o encontro, Jamile apressou-se até a estante de onde retirou um caderno onde é possível ler seus rabiscos rumo à aventura da linguagem árabe e de lá foi extraído o seguinte provérbio:

“*É melhor dar do que emprestar, e custa praticamente a mesma coisa*”.

³⁵⁶ Jornal Em Tempo, 21 maio 1998, p. 11).

ANEXO D – Relato oral das irmãs Salwa e Leila Nassralla.

Em 1948, Nassib e Adélia Nassralla decidiram atender ao chamado de Constantino, irmão e cunhado que há mais de 20 anos vivia no Brasil.

A idéia era deixar KFARMECHKI, a aldeia libanesa onde a família vivia até então, e procurar no distante país, uma vida melhor. Os dois filhos do casal, Salwa e Chebl, acompanharam os pais na aventura.

Chebl que era mais novo, vivia no colo da mãe, ainda não completara um ano. Salwa, a primeira filha, seria conduzida pelas mãos dos pais, nos seus quatro anos de vida. No entanto, *“nem tudo ocorreu como o planejado, pois, quando teve início a tramitação dos papéis”* que possibilitaria a grande viagem, um traçoeiro tracoma foi diagnosticado na pequena Salwa.

A família decidiu que, naquelas circunstâncias, o mais acertado era seguir em frente, enquanto a filha ficaria no Líbano para tratar-se, uma vez que ela não teria permissão para viajar enquanto apresentasse os sintomas do tracoma³⁵⁷.

“Meus pais decidiram que eu ficaria no Líbano, com minhas

³⁵⁷ O tracoma era uma doença que afligia grande número de sírios e libaneses e os impedia de viajar ou desembarcar em alguns portos, sobretudo norte-americanos. Ana Miranda, no romance Amrik (expressão que designa América, em árabe), menciona este fato *“... dos que tentavam desembarcar na América poucos conseguiam, muitos não entravam porque tinham tracoma, sentiam areia nos olhos e não podiam abrir os olhos...”* Salim Miguel é outro escritor que registra em romance a mesma situação: *“Um dia Yussef chega em casa transtornado. Desaba numa banquetta, esconde o rosto entre as mãos. Tamina interrompe o que fazia, aproxima-se, preocupada. E ouve o que lhe é transmitido aos arrancos: negado o visto para o México. Na primeira investida, fazia algum tempo, fora detectada uma infecção ocular no pai. Prescrito tratamento seguido à risca, não apresentava resultados. Estava melhorando; não o suficiente. Continuasse, no serviço médico davam receitas. Agora a palavra final: desistisse, inútil arriscar, a vistoria rigorosa, não desembarcariam no México”* (Nur na escuridão).

Tracoma é uma forma de conjuntivite, caracterizada por um aspecto áspero ou granuloso da conjuntiva, que se torna hipertrofiada, e por corrimento de pus dos olhos. Começa insidiosamente por fotofobia, lacrimejamento, pálpebras grudadas e sensação de areia nos olhos. A pálpebra superior torna-se depois pesada e cai um pouco, fechando a meio os olhos. Ocorrem úlceras, os movimentos dos olhos tornam-se difíceis e a cegueira pode sobrevir. Dura de meses a anos, podendo haver, no seu curso, períodos agudos. É causada por um vírus. CAIRO, Nilo. Guia de Medicina Homeopática. 21.ed. São Paulo: Livraria Teixeira, 1979. p. 1030.

avós, para tratar do tracoma. Eu tinha quatro anos mas eu me lembro, só veio o Chebl”.

Embora tivesse pouca idade, Salwa diz lembrar-se muito bem do tratamento ao qual foi submetida. Frequentemente um dos tios a levava para uma cidade próxima, onde recebia os cuidados de um médico que mexia e remexia nos seus olhos. Comenta que o tratamento foi muito bom porque nunca mais teve nada nos olhos.

Circulava entre as casas das avós materna e paterna, vivendo entre tios e primos, com os quais brincava.

Lembrou-se de um dia de chuva forte e trovões quando começou a chorar, querendo insistentemente ir para a casa da outra avó. *“Tanto fiz que um dos meus tios, debaixo de chuva, me levou”*, no entanto, *“passados alguns minutos recomecei a chorar, desta vez queria voltar onde estava”*. Como o tio que a levava já tinha ido embora, a menina foi considerada manhosa demais e acabou levando uns tapas. Comenta que não foi compreendida, na verdade, desejava apenas verificar com seus próprios olhos se estava tudo bem na outra casa, feito isto, nada mais restava para ali fazer. Arremata dizendo que os adultos não souberam interpretar e compreender suas intenções, suas boas intenções.

As idas e vindas entre as casas das avós duraram mais de um ano, tempo suficiente para ficar inteiramente curada e poder viajar para encontrar-se com os pais. Da viagem lembra-se do avião e de ter realizado paradas em lugares que não pode mais precisar. Chegou ao Rio de Janeiro e fez o restante da viagem de trem, trazida pelo pai.

Ao descer na estação de Batatais, iniciou a caminhada pela rua da Estação (avenida 9 de Julho) rumo à casa do tio Constantino, poucos quarteirões abaixo, onde era esperada pelos familiares. Em meio do caminho, a mãe, que vinha ao seu encontro não a reconheceu e começou a gritar: *“Trocaram minha filha! Trocaram minha filha!”*. Explica que foram necessárias várias explicações dos parentes e do próprio Nassib para que dona Adélia compreendesse que mais de um ano havia se passado do último encontro que tiveram e que, neste período, a menina cresceu, assim como seu cabelo que durante este tempo não foi cortado. A mãe levou um grande susto

pensando que haviam mandado uma sobrinha mais velha no lugar de sua pequena filha que ficara em KFARMECHKI, no agora distante Líbano.

Adélia e Nassib Nassralla, que tiveram mais dois filhos nascidos no Brasil, instalaram-se em Batatais para ficarem mais próximos de Constantino e Elias, dois irmãos de Nassib que já tinham comércio de portas abertas, na cidade. Antes de montar o próprio negócio, Nassib trabalhou com o irmão Constantino, proprietário da Casa Nassralla, no alto do bairro Castelo, enquanto Elias comandava sua Loja Central, na Praça da Matriz, ponto que mais tarde ficaria sob a direção da sobrinha Leila.

Nassib montou comércio de tecidos em geral e nominou sua loja de 3N, referência a Nicolau (homenagem ao pai), Nassralla (sobrenome familiar) e Nassib (seu próprio nome). Instalou-se inicialmente na avenida 9 de julho, de onde, após experimentar outro diferente ponto, mudou-se para a Marechal Deodoro, onde trabalhou até sua morte.



Nassib em sua loja, acervo da família Nassralla.

Leila lembra que o pai foi ótimo comerciante e sempre deu guarida aos viajantes patrícios que se diziam desamparados. “Era comum alguém chegar pedindo ajuda. Meu pai nunca negou”. Ela acredita que havia alguma indicação entre os viajantes sobre quem deveriam procurar nesta

ou naquela cidade.

Depois da morte de Nassib, sua mulher Adélia ainda tentou manter os negócios, mas não conseguiu.

As irmãs Salwa e Leila mantêm negócios em Batatais. Aqueles que, como as costureiras, precisam de aviamentos, devem procurar o balcão de miudezas do Casarão, onde a Leila, durante o dia, conta dúzias de botões e anota no caderno de fiados. À noitinha, atravessa a rua para ajudar a irmã na cozinha brasileira do AL ZARIF, que serve quitutes preparados à moda libanesa ou árabe, como costumam dizer. Os mais chegados podem, entre um quitute e outro, tomar café árabe e, ao finalizar, ouvir a atenta leitura das linhas de suas vidas escritas sorratamente entre as borras deixadas pelo café. É uma tradição que vem da avó e que Salwa tenta manter, assim como as receitas que procura preservar nos jantares árabes que tem oferecido no AL ZARIF.

Chamam-nas de “as turcas”, mas afirmam que isso não as incomoda, pois, na verdade, são brasileiras. O fato de sírios e libaneses que imigraram até 1918, final da Primeira Guerra Mundial, sentirem-se insultados quando chamados de turcos, uma vez que carregavam passaportes expedidos pela Turquia devido a seus domínios políticos, não se constitui atualmente numa ofensa, pois se trata de identificação que o tempo se encarregou de neutralizar e de uma situação não enfrentada pela família, que emigrou após o término da Segunda Guerra Mundial, quando o domínio político turco-otomano já não prevalecia.

Leila confirma a tradição dos nomes dando o exemplo do nome de seu pai, que era Nassib Nicolau Nassralla porque o avô chamava-se Nicolau Nassralla. Diz que o costume não foi mantido por seus pais, mas os irmãos tentam reavivá-lo ao escolherem os nomes dos filhos.

Tanto Salwa quanto Leila falaram sobre a família em seus locais de trabalho, em suas casas comerciais. Não foi possível chegar até dona Adélia, que, segundo as filhas, está velha e não gosta de mudar seus hábitos.

Salwa e Leila afirmaram que não há distinção na educação que receberam pelo fato de dois irmãos nascerem no Líbano e dois no Brasil. Leila diz que “*não tenho vontade de conhecer o Líbano*”, a terra de seus avós, pais e irmãos. A língua árabe que foi trazida pela Salwa perdeu-

se ao longo dos anos, afirmou que a retomada é difícil. Salwa lê os escritos em português que tratam da cozinha árabe, como, por exemplo, o livro *Cozinha árabe*, de Maria Cristina Andersen, editado pela Melhoramentos, que segura nas mãos, por detrás do balcão.

O último dos vários encontros aconteceu no AL ZARIF, entre quibe recheado com coalhada seca e as lembranças de Salwa sobre o avião em que viajou quando veio para o Brasil. Riu muito dizendo que o irmão Chebl recomenda-lhe sempre para que não repita mais que os bancos do avião eram de madeira, as pessoas podem ridicularizá-la, ela, no entanto, diz que mantém a firmeza e continua batendo o pé e confirmando.

É possível que esta convicção da libanesa Salwa esteja ligada à longa viagem de trem que fez saindo do Rio de Janeiro, passando por São Paulo, até chegar a Batatais. Os trens, sim, tinham bancos de madeira reservados aos passageiros da segunda classe, pois à primeira classe cabiam os assentos mais macios, que certamente bilhetes mais caros garantiriam.

Antes dos agradecimentos e despedidas, a conversa girou em torno da curiosidade que o livro de Jorge Amado intitulado *A descoberta da América pelos turcos* despertou em Leila, depois que a Rede Globo de Televisão anunciou que a novela *Porto dos Milagres* era baseada na obra. Ela acreditou, pelo título, que encontraria entre as palavras de Jorge Amado, várias fontes de reconhecimento da cultura árabe, além de explicações sobre a presença de turcos na América, no entanto, surpreendeu-se e, de certo modo, desapontou-se ao ler a alegoria que faz o autor, no que classificou de romancinho encomendado para compor parte das comemorações do Quinto Centenário da Descoberta da América.

ANEXO E – Relato oral de Salem Georges Nessrallah.

“Maldita a pátria que não dá sustento aos seus filhos”.

Esta é a frase que Salim, como é conhecido pelos batataenses, diz ter ouvido *“quando meu pai me levou ao Porto de Beirute para embarcar para o Brasil, atendendo ao chamado de meu tio”*.

Corria o ano de 1950 quando, aos dez anos de idade, *“sob tutela do meu tio que já vivia em Batatais há um longo tempo, eu cheguei ao Brasil acompanhado por um primo um pouco mais velho”*.

O tio que o chamava era Constantino, que nascera em KFARMECHKI em 1900, viera jovem para o Brasil e estabelecera-se na capital de São Paulo, onde tinha outros parentes e onde permaneceu por dez anos.

Mudou-se para Batatais em 1936, quando organizou o que se tornaria a Casa Nassralla (Salim observa que seu sobrenome diferencia-se do restante da família por equívocos na escrita dos documentos).

Durante os dez anos que residiu em São Paulo, Constantino mascateava pela região da Alta Mogiana e freqüentemente permanecia em Batatais.

Salim diz não lembrar-se do nome da família, antiga proprietária do comércio do qual tornou-se dono. Contou que o tio vendeu muitas mercadorias para a família, que, por não poder pagá-las, ofereceu o ponto comercial para ser explorado até que a dívida viesse a ser quitada. O fato é que Constantino acabou instalando-se na loja e com o passar do tempo tornou-se também proprietário da casa que lhe fazia fundos.

Constantino não se casou, nem teve filhos. Salim, o sobrinho que veio do Líbano, com ele

viveu e para ele trabalhou, tornando-se seu herdeiro em 1970, quando morreu.

Conta que o tio Constantino tinha grande amizade com Gabriel Dib Tebechrani, que trabalhava na fiação e tecelagem conhecida como fábrica de tecidos de algodãozinho, dos irmãos Gabriel e Raphael Jafet. Gabriel Dib Tebecherani transferira-se de São Paulo para trabalhar na fábrica que se instalara em Batatais.

Foi Gabriel Dib Tebechrani quem recebeu Salim na estação de trem. O primo que o acompanhara desde o Líbano foi morar em São Paulo, ficou pouco tempo em Batatais. O nome do primo não é mencionado.

Salem Georges Nessrallah explica a origem de seu nome, contando que o pai chamava-se Georges Nicolau Nassrallah e que no Líbano, os filhos carregavam sempre o nome e sobrenome do pai para que, ao se apresentar, a pessoa também apresentasse sua filiação. Não haveria, portanto, a necessidade da pergunta: filho de quem você é?

Mencionou, várias vezes, que não há distinção no fato de um patrício ser sírio ou libanês e afirmou que o Brasil tem potencialidades para ser o “*melhor país do mundo*”.

Casou-se em 1976 com uma batataense, neta de imigrantes italianos da família Tomazella, com quem tem dois filhos: Michel e Samira. “*Minha mãe, antes de morrer, esteve no Brasil passando alguns meses aqui em minha casa, esteve também no Canadá*”, onde residem outros familiares. “*Quando decidiram que era preciso deixar o Líbano, a família dividiu-se, alguns vieram para o Brasil, outros foram para o Canadá*”.

Luíza, sua mulher, procura seu passaporte para saber a escrita correta do nome da aldeia onde Salim nasceu. Comenta que gosta de preparar as comidas que aprendeu com sua sogra enquanto esta hospedou-se em Batatais.

Os encontros acabaram acontecendo mesmo na loja, e entre uma palavra ou outra surgiam algumas queixas do comércio atual e lembrança dos bons tempos quando o balcão rendia bons negócios.

Um jornal do dia está sempre aberto sobre o balcão e um comentário ou outro, a respeito das notícias que traz, é inevitável.

Salim refere-se várias vezes ao crescimento da cidade, aos bairros que eram pequenas chácaras e aos poucos foram se transformando até se tornarem ruas calçadas, cheias de casas e os córregos canalizados.

Lembra também das charretes que circulavam pela cidade e dos viajantes patrícios que vinham mascatear pela região e passavam pela loja, menciona Chico Barateiro, apelido de Francisco Anauate, que morou um tempo em Batatais, mudando-se depois para São Paulo.

ANEXO F – Relato escrito enviado pelos filhos de Chico Barateiro.

“Nascido em 12 de janeiro de 1881, na cidade de Homs na Síria, Chaker Kanawate pertencia a uma família de pequenos agricultores de frutas de origem cristã ortodoxa. Na Síria a religião predominante era, e ainda é, o Islamismo, o que colocava principalmente os jovens cristãos em uma condição de minoria perseguida. Frequentes eram os ataques e Chaker, um jovem valente e determinado, vivia a defender seus irmãos e amigos das intensas provocações sofridas pelos mulçumanos.

Aos 18 anos, ouvindo histórias fantásticas sobre o novo mundo, terras longínquas onde existia grande tolerância étnica, racial e religiosa, resolveu deixar sua terra natal e lançar-se em uma aventura por novos lugares em busca de alguma liberdade. Viajou pelo Egito e de lá embarcou em um navio italiano que tinha por destino o Brasil.

Ao chegar ao Brasil, radicou-se na cidade de São Paulo onde iniciou a atividade de mascate, partindo para o interior do Estado com sua caixa de mercadorias. Nem sempre conseguia um meio de transporte para se locomover e acabava por andar quilômetros e quilômetros com sua caixa nas costas. Felizmente, ao chegar às fazendas era sempre bem recebido e os fazendeiros, quase sempre italianos, lhe proporcionavam refeição e pousada.

Sendo um homem muito trabalhador e honesto, logo foi conquistando a simpatia e amizade de todos, além de lhe permitir ganhar um bom dinheiro. Ao garantir sua estabilidade econômica tratou logo de trazer toda a família para o Brasil, os quais logo se adaptaram ao país e nunca mais pensaram em voltar para a Síria, nem a passeio.

Nesses tempos, abriu uma loja em São Paulo, contudo o negócio não deu

muito certo, obrigando-o a fechar o estabelecimento, levando-o a ir se estabelecer na cidade de Araras, onde se envolveu em assuntos políticos. Contudo, estimulado por amigos e patrícios, como o Sr. Elias Tame e José Hazank entre outros, se estabeleceu com uma loja na rua 07 de Setembro na cidade de Batatais.

Logo se tornou muito querido e conhecido pela cidade, principalmente por sua simpatia e bom coração, vendendo fiado e ajudando sempre quem necessitasse. Daí o apelido Chico Barateiro, uma vez que, ao chegar ao Brasil, o seu nome de registro passou a ser Francisco Anauatte.

Solteiro, já com mais de 40 anos, conheceu em uma festa de casamento na cidade de Altinópolis uma linda menina de 16 anos. Maria Miguel Abdala, filha mais velha de Miguel Abdala, também sírio da cidade de Muzeible e Maria José da Silveira Abdala, filha de brasileiros. Apaixonou-se à primeira vista e por influência da família casaram-se um mês depois. Desta união que durou mais de 40 anos, nasceram Nair, Nilde e Antônio, todos batataenses.

Com a crise do café, no final de década de 30, Chico Barateiro não conseguiu resistir à quebra geral do comércio e sucumbiu. Para honrar seu nome, vendeu a loja e todos os seus bens, saldando todas as dívidas.

Então viajou para Poços de Caldas, onde seus parentes estavam estabelecidos. Mais tarde, foi para São Paulo, onde viveu até o fim da vida. Porém, nunca deixou de voltar a Batataes uma ou duas vezes por ano para rever os parentes e amigos que lá deixou. Assim, também seus filhos freqüentemente retornam a sua terra natal, pela qual têm muito carinho e boas recordações de uma infância feliz”.

Esta é a imagem de Chico Barateiro, segundo as palavras de seus filhos Nair, Nilde e Antônio. Os sobrinhos e parentes que ainda residem em Batatais, além de alguns comerciantes

como Salem Georges Nessrallah e Titinho Acra, contam que durante o tempo em que residiu em São Paulo, Chico Barateiro vinha freqüentemente com mercadorias distribuídas em várias sacolas, com as quais percorria o comércio local, continuando assim a mascatear. Procurava atender necessidades dos comerciantes que, impedidos pela distância e pelos afazeres do balcão, não podiam ir para a Capital e repor as mercadorias com freqüência.

Sua sobrinha Sônia conta que muitas vezes saiu pelo comércio afora entregando mercadorias, sobretudo ceroulas brancas que o tio sabia cortar e distribuía entre as costureiras locais para a confecção.